

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
CURSO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA

LAURA RAUPP RAULINO MACHADO

**SUJEITAS COM NARRATIVAS PRÓPRIAS OU SUJEITAS A ESTEREÓTIPOS?**

A comunicação do @faxinaboa no Instagram e as representações socioculturais das  
trabalhadoras domésticas no Brasil

PORTO ALEGRE

2021

LAURA RAUPP RAULINO MACHADO

**SUJEITAS COM NARRATIVAS PRÓPRIAS OU SUJEITAS A ESTEREÓTIPOS?**

A comunicação do @faxinaboa no Instagram e as representações socioculturais das  
trabalhadoras domésticas no Brasil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação  
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
como requisito parcial à obtenção do grau de  
Bacharel em Comunicação Social –  
Habilitação em Publicidade e Propaganda.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Laura Wottrich

PORTO ALEGRE

2021



LAURA RAUPP RAULINO MACHADO

SUJEITAS COM NARRATIVAS PRÓPRIAS OU SUJEITAS A ESTEREÓTIPOS?

A comunicação do @faxinaboa no Instagram e as representações socioculturais das  
trabalhadoras domésticas no Brasil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação  
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
como requisito parcial à obtenção do grau de  
Bacharel em Comunicação Social –  
Habilitação em Publicidade e Propaganda.

Aprovado em: 18 de novembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA

---

Profª. Drª. Laura Wottrich – UFRGS

Orientadora

---

Profª. Drª. Elisa Reinhardt Piedras – UFRGS

Examinadora

---

Drª. Caroline Rovêda Pilger – UFRGS

Examinador

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, pelo apoio sempre incondicional e pelo esforço sem medidas feito em prol da minha educação. Este trabalho simboliza uma conquista de nós três. Silói e Dirceu, muito obrigada por tudo.

Meus agradecimentos não podem prescindir de exaltar o privilégio de estudar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Minha total gratidão pela oportunidade de ter acesso ao ensino público de qualidade e a todos os professores que passaram pelo meu caminho na trajetória de graduação.

Nesse caminho universitário, diversas pessoas especiais, as quais chamo de amigas, tornaram a jornada mais divertida e feliz. Obrigada a todas vocês que contribuíram e seguem contribuindo no que sou hoje. Também aos meus colegas de orientação, obrigada por compartilharem esse momento, pelas trocas, ideias e conselhos.

Uma vez que este trabalho se baseia no trabalho doméstico, não posso deixar de agradecer, em especial, a duas mulheres que marcaram minha vida através dessa ocupação: Josiane Silva e Luciana Leffa. Muito obrigada por me inspirarem tanto. Agradeço, também, à Veronica Oliveira. Obrigada por ter criado o Faxina Boa e transmitir seu conhecimento sobre faxinas e suas ideias sobre a prestação de serviços de forma tão necessária.

Por fim, mas não menos importante, agradecimentos infinitos à Laura Wottrich, orientadora excepcional, profissional e pessoa que admiro e na qual me inspiro. Tua generosidade foi essencial para que eu conseguisse estruturar este trabalho. Muito obrigada!

## RESUMO

Esta pesquisa versa sobre trabalho doméstico e representações socioculturais e midiáticas, tendo como objeto empírico o @faxinaboa. Sendo assim, o objetivo geral é analisar as representações das trabalhadoras domésticas a partir do Faxina Boa, no Instagram, e o seu papel na desconstrução de estereótipos social, histórica e midiaticamente construídos acerca dessas trabalhadoras no Brasil. Delineamos como objetivos específicos a) Mapear o contexto legislativo brasileiro acerca das trabalhadoras domésticas, até o advento da PEC das Domésticas; b) Identificar estereótipos construídos socialmente sobre as trabalhadoras domésticas através de representações midiáticas da ficção televisiva; c) Definir as representações socioculturais das trabalhadoras domésticas geradas pelo Faxina Boa no Instagram, considerando atravessamentos de raça, gênero e classe e d) Estabelecer relações entre as representações midiáticas estereotipadas na ficção televisiva e as representações geradas pelo Faxina Boa acerca das trabalhadoras domésticas. Visando alcançar os objetivos e responder ao problema de pesquisa “Como a comunicação do Faxina Boa no Instagram contribui no processo de desconstrução de estereótipos a respeito da representação sociocultural das trabalhadoras domésticas no Brasil?”, estruturamos nossa base teórica. Discutimos sobre o trabalho doméstico, sua história, imbricamentos de gênero, classe e raça, a interseccionalidade, as representações socioculturais e midiáticas, além de lugar de fala e empoderamento. Em termos metodológicos, para realizar a pesquisa apropriamo-nos do circuito cultural de Richard Johnson (2007), utilizando os estudos da produção e do texto, que estão presentes nos procedimentos de pesquisa bibliográfica e documental, bem como orientam a análise do objeto empírico. Nossos resultados demonstram cinco representações dominantes das trabalhadoras domésticas: mãe preta; incompetente e preguiçosa; sexualizada; coadjuvante e êxodo do trabalho doméstico como sinônimo de ascensão. À medida que analisamos o @faxinaboa, descobrimos que o perfil gera quatro representações dissonantes das hegemônicas acerca das trabalhadoras domésticas, a saber: protagonista; ascensão a partir do trabalho doméstico; valorização da ocupação e narrativas pessoais múltiplas.

**Palavras-chave:** Estereótipos. Faxina Boa. Instagram. Representações. Trabalhadoras domésticas.

## ABSTRACT

This research is about domestic work and sociocultural and media representations, having as empirical object the @faxinaboa. Thus, the overall objective is to analyze the representations of domestic workers from Faxina Boa, on Instagram, and its role in the deconstruction of social, historical and media stereotypes built about these workers in Brazil. We delineate as specific objectives a) Map the Brazilian legislative context about domestic workers, until the advent of the PEC das Domésticas; b) Identify socially constructed stereotypes about domestic workers through media representations of television fiction; c) Define the sociocultural representations of domestic workers generated by Faxina Boa on Instagram, considering crossings of race, gender and class; and d) Establish relationships between the stereotypical media representations in television fiction and the representations generated by Faxina Boa about domestic workers. Aiming to achieve the objectives and answer the research problem "How does Faxina Boa's communication on Instagram contribute to the process of deconstructing stereotypes regarding the sociocultural representation of domestic workers in Brazil?", we structured our theoretical basis. We discuss domestic work, its history, the imbrications of gender, class and race, intersectionality, sociocultural and media representations, as well as place of speech and empowerment. In methodological terms, to carry out the research we appropriate the cultural circuit of Richard Johnson (2007), using the studies of production and text, which are present in the bibliographic and documentary research procedures, as well as guide the analysis of the empirical object. Our results demonstrate five dominant representations of domestic workers: black mother; incompetent and lazy; sexualized; coadjuvant; and exodus from domestic work as synonymous with upward mobility. As we analyze @faxinaboa, we find that the profile generates four representations dissonant from the hegemonic ones about domestic workers, namely: protagonist; ascension from domestic work; valorization of occupation; and multiple personal narratives.

**Keywords:** Stereotypes. Faxina Boa. Instagram. Representations. Domestic Workers.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Circuito cultural de Richard Johnson.....	19
Figura 2 – Relação entre metodologia e objetivos específicos.....	21
Figura 3 – O Faxina Boa nas redes sociais digitais.....	25
Figura 4 – Panorama geral do Faxina Boa no Instagram.....	26
Figura 5 – Representações dominantes sobre as trabalhadoras domésticas.....	69
Figura 6 – Eixos de análise das postagens do Faxina Boa no Instagram.....	70
Figura 7 – Publicação sobre a gravidez de Veronica.....	72
Figura 8 – Publicação que alia a temática do trabalho doméstico à maternidade.....	73
Figura 9 – Publicação sobre preconceito da escola em relação ao autismo.....	75
Figura 10 – Publicação sobre diagnóstico de autismo de Ian.....	76
Figura 11 – Publicação sobre a época na qual trabalhou na Rádio Brasil 2000.....	77
Figura 12 – Publicação sobre problemas tanto do país e do mundo quanto pessoais.....	78
Figura 13 – Publicação de posicionamento social.....	79
Figura 14 – Publicação do seu livro sobre como conseguir clientes.....	81
Figura 15 – Publicação "Jogo da discórdia" da limpeza.....	83
Figura 16 – Publicação de reflexão sobre ganhar coisas usadas.....	85
Figura 17 – Publicação de relato de seguidora.....	86
Figura 18 – Publicação de seu livro ao lado das biografias do casal Obama.....	88
Figura 19 – Publicação da parceria paga com o Anhanguera.....	89
Figura 20 – Representações geradas pelo Faxina Boa.....	92

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>08</b>
<b>2</b>	<b>PERCURSO METODOLÓGICO À LUZ DO CIRCUITO CULTURAL</b> .....	<b>18</b>
2.1	CIRCUITO CULTURAL COMO GUIA METODOLÓGICO.....	18
2.2	PODE ENTRAR, FAXINA BOA.....	23
<b>3</b>	<b>TRABALHO DOMÉSTICO E INTERSECCIONALIDADE: A OCUPAÇÃO E OS IMBRICAMENTOS DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE</b> .....	<b>28</b>
3.1	TRABALHO DOMÉSTICO NO BRASIL.....	28
3.2	INTERSECCIONALIDADE.....	36
3.3	RAÇA, CLASSE E GÊNERO NO TRABALHO DOMÉSTICO.....	41
<b>4</b>	<b>REPRESENTAÇÕES SOCIOCULTURAIS: DA MÍDIA MASSIVA À MÍDIA DIGITAL</b> .....	<b>46</b>
4.1	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS.....	46
4.2	REPRESENTAÇÕES MUDIÁTICAS.....	50
4.3	REPRESENTAÇÕES E MÍDIAS DIGITAIS: POSSIBILIDADES DE MUDANÇAS?.....	56
<b>5</b>	<b>PASSANDO A LIMPO: O FAXINA BOA E AS REPRESENTAÇÕES</b> .....	<b>61</b>
5.1	A TRAJETÓRIA DE VERONICA E O SURGIMENTO DO FAXINA BOA.....	62
5.2	CRIANDO REPRESENTAÇÕES E DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS: UMA ANÁLISE DO INSTAGRAM DO FAXINA BOA.....	67
<b>5.2.1</b>	<b>Protagonista da sua narrativa: postagens pessoais da criadora do Faxina Boa</b> .....	<b>70</b>
<b>5.2.2</b>	<b>De faxineira de casas à faxineira de ideias: postagens profissionais do Faxina Boa</b> .....	<b>80</b>
5.3	PARA DEIXAR A CASA UM BRINCO: REFLEXÕES FINAIS NA ANÁLISE DO FAXINA BOA.....	90
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>96</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>99</b>
	<b>APÊNDICE A – Postagens do Faxina Boa durante o primeiro trimestre de 2021</b> .....	<b>108</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Lembro-me de ouvir a pergunta 'Você não tem vergonha do seu trabalho?' um número considerável de vezes. Eu já pensei sobre diversas profissões que são carregadas de estigmas e preconceitos, mas nunca me imaginei chegando a um desses profissionais para perguntar se tem vergonha do que faz [...]. (OLIVEIRA, 2020a, p. 103).

Iniciamos nosso trabalho a partir dessa citação, retirada da autobiografia da criadora do Faxina Boa, porque é emblemática quando falamos de trabalho doméstico: expõe a desvalorização, o preconceito e os estereótipos associados à ocupação. Em contraponto, segundo sua autobiografia, todos os sonhos de Veronica Oliveira, criadora do Faxina Boa, tornaram-se realidade por causa do seu trabalho como faxineira.

Considerando o contexto sobre 'vergonha da ocupação' contrastando com a realização de sonhos proporcionada por esse mesmo trabalho, vemos a relevância do nosso objeto empírico. O Faxina Boa é um perfil criado por uma ex-faxineira e atualmente produtora de conteúdo. Está presente no Facebook, Instagram, Youtube e Twitter, além de ter ligação com o perfil pessoal de Veronica no LinkedIn. O conteúdo dessas redes sociais é variado conforme a plataforma, mas em todas vislumbra-se a pauta do trabalho doméstico de forma empoderada e valorizada. Veronica traz crônicas de seu dia a dia, problematizações, faz críticas e brincadeiras sobre a ocupação. Seu cotidiano pessoal também é retratado em algumas dessas redes sociais digitais, conferindo importante material para análise no presente trabalho<sup>1</sup>.

Para investigarmos o Faxina Boa, situamos nossa pesquisa no campo dos Estudos Culturais. Richard Johnson (2007, p. 25) define tais Estudos como "formas históricas da consciência ou da subjetividade, ou às formas subjetivas pelas quais nós vivemos". Como nossa pesquisa situa-se em território sociocultural, a partir do trabalho doméstico, dos marcadores sociais da diferença, da mídia e das representações, enxergamos uma correspondência com essa definição. Em concordância, Johnson (2007) complementa que os Estudos Culturais relacionam-se diretamente a pesquisas sobre formações sociais amplas, as quais se atentam aos modos de viver dos indivíduos, a forma como tornam-se conscientes e como sustentam suas subjetividades, a partir de abstração, descrição e reconstrução.

A partir disso, fazemos uma série de problematizações que nos guiam até o problema de pesquisa. Partimos, inicialmente, do interesse em saber como o discurso do Faxina Boa

---

<sup>1</sup> As trajetórias de Veronica e do Faxina Boa são detalhadas no capítulo 5.

contrasta com estereótipos de trabalhadoras domésticas construídos na mídia e como contribui para mudá-los; como se opõe a preconceitos com trabalhadoras domésticas e que diferenças existem entre o seu discurso e as representações midiáticas de faxineiras e empregadas domésticas. Não obstante, nos interessa também saber como se dá o processo de construção da representação social do trabalho doméstico, a partir do Faxina Boa e como o seu discurso contribui na mudança da representação social das trabalhadoras domésticas para que elas se tornem sujeitas com narrativas próprias.

Tal conjunto de problematizações resulta do interesse pelas publicações do Faxina Boa nas redes sociais digitais e vídeos nos quais Veronica Oliveira questiona perspectivas cultuadas pela sociedade acerca do trabalho doméstico e de como esses questionamentos podem mudar a realidade e as representações construídas sobre pessoas que exercem a ocupação. É importante entender a narrativa estabelecida e reforçada pela mídia para que se possa mudá-la. Sendo assim, percebemos o Faxina Boa como um possível vetor dessa mudança e, dada essa possibilidade, nos interessa analisar como isso ocorre.

Chegamos, portanto, ao problema de pesquisa, a partir de um relato da própria Veronica. De acordo com estudo do Ministério do Planejamento com a ONU Mulheres (2016), apesar do trabalho doméstico responder por 6,8% dos empregos no Brasil, a proprietária do Faxina Boa considera que ainda falta representação das profissionais de forma não estereotipada e conhecimento sobre o ofício. Baseada nessa questão, a empreendedora pretende criar, a partir da sua empresa, um meio de profissionalizar faxineiras para valorizar a função (LAZARINI, 2019). E, tomando essa proposição da falta de representação de profissionais do trabalho doméstico como complemento às inquietações e curiosidades sobre o objeto, dá-se luz ao problema de pesquisa “Como a comunicação do Faxina Boa no Instagram contribui no processo de desconstrução de estereótipos a respeito da representação sociocultural das trabalhadoras domésticas no Brasil?”.

Cabe justificar a escolha do termo ‘trabalhadoras domésticas’ ao invés de ‘faxineiras’ ou ‘empregadas domésticas’. Considerando que as representações midiáticas e o Faxina Boa dirigem-se e dizem respeito a quem realiza o trabalho doméstico, seja com vínculo empregatício – empregada doméstica –, ou sem – diarista/faxineira –, opta-se pelo termo que engloba ambas as categorias. Assim, a análise das representações midiáticas fica mais rica, pois contempla a figura da trabalhadora doméstica, independente de qual modalidade empregatícia ela exerça.

Como objetivos de nosso trabalho, temos um geral, que guia a pesquisa como um todo, e quatro específicos que orientam a construção de importantes alicerces. O objetivo



geral consiste em analisar as representações das trabalhadoras domésticas a partir do Faxina Boa, no Instagram, e o seu papel na desconstrução de estereótipos social, histórica e midiaticamente construídos acerca dessas trabalhadoras no Brasil.

Nossos objetivos específicos são quatro: a) Mapear o contexto legislativo brasileiro acerca das trabalhadoras domésticas, até o advento da PEC das Domésticas; b) Identificar estereótipos construídos socialmente sobre as trabalhadoras domésticas através de representações midiáticas da ficção televisiva; c) Definir as representações socioculturais das trabalhadoras domésticas geradas pelo Faxina Boa no Instagram, considerando atravessamentos de raça, gênero e classe e d) Estabelecer relações entre as representações midiáticas estereotipadas na ficção televisiva e as representações geradas pelo Faxina Boa acerca das trabalhadoras domésticas.

Tecendo um panorama inicial sobre nossa pesquisa, sinalizamos que, neste trabalho, o enfoque da nossa abordagem dará-se sobre o trabalho doméstico exercido de forma remunerada. A contextualização dos afazeres domésticos como um todo, dentro do âmbito não-remunerado, faz-se necessária também, a fim de estabelecermos o histórico da ocupação e articulações com marcadores sociais da diferença, por exemplo. No entanto, tendo o Faxina Boa como objeto de análise e representações midiáticas de trabalhadoras domésticas remuneradas como comparativo, o eixo da remuneração é tido como preponderante na presente pesquisa.

Diante disso, trazemos alguns dados e informações relevantes sobre a ocupação no Brasil. Caracterizam-se como trabalho doméstico diversas atividades, como cozinhar, limpar a casa e cuidar de crianças. Dados de 2018 revelam que, dentre as mulheres categorizadas como trabalhadoras domésticas na PNAD Contínua<sup>2</sup>, “aproximadamente 80% eram trabalhadoras nos serviços domésticos gerais, 10% se identificavam como cuidadoras de crianças, 9% como trabalhadoras de cuidados pessoais e 2% como cozinheiras.” (PINHEIRO *et al.*, 2019, p. 17). Observa-se, assim, que quase 100% das ocupações das trabalhadoras domésticas concentram-se em serviços internos do ambiente doméstico, tanto entre mulheres brancas quanto negras (PINHEIRO *et al.*, 2019).

Já ao analisarmos os dados entre os trabalhadores domésticos homens, mesmo que a maioria – 58% – também se identifique como atuantes nos serviços domésticos em geral, nota-se que eles estão mais presentes em atividades externas, como jardineiros e motoristas.

---

<sup>2</sup> A PNAD Contínua é a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios sobre Trabalho, realizada pelo IBGE. Tem como objetivo produzir indicadores para acompanhar as oscilações trimestrais e a evolução, a médio e longo prazo, da força de trabalho e outras informações necessárias para o estudo e desenvolvimento socioeconômico do Brasil.

Atividades externas correspondem a um pouco mais de um terço dos empregos domésticos para os homens (PINHEIRO *et al.*, 2019).

É importante pontuar também que, em termos legais, o trabalho doméstico não é uma profissão, mas sim uma ocupação (JORDÃO, 2011). A lei n. 5.859, de 11 de dezembro de 1972 conceitua o trabalhador doméstico como “[...] aquele que presta serviços de natureza contínua e de finalidade não lucrativa à pessoa ou à família, no âmbito residencial destas” (BRASIL, 1972). O Ministério do Trabalho classifica o trabalhador doméstico – sendo empregados domésticos nos serviços gerais, os arrumadores, faxineiros e diaristas – como uma ocupação (MINISTÉRIO DO TRABALHO, 2011). Para Freidson (1988), mesmo que o termo 'profissão' seja empregado englobando as ocupações muitas vezes, equivoca-se, pois, para uma ocupação ser uma profissão, “os seus membros devem compartilhar um tipo específico de conhecimento e habilidades que são requisitos para o seu trabalho” (FREIDSON, 1988<sup>3</sup> *apud* JORDÃO, 2011).

É necessário, ainda, entender o significado de ‘doméstica’, que vem a representar a trabalhadora que desempenha serviços domésticos. Marco Antonio Gonçalves (2015) argumenta que a palavra ‘doméstica’ está tão naturalizada na cultura brasileira que, a fim de desvendar seu significado, é necessário um movimento de estranhamento. Uma primeira definição para o termo remete a alguém relativo à casa ou à família, de onde deriva a concepção de ‘criada’: alguém que é criado em um espaço doméstico, pertencente, em alguma instância, à família. E o outro significado de doméstica é referente ao espaço do lar, à pessoa que trata da sua casa, de forma remunerada ou não. Nesse sentido, a doméstica pode ser a própria dona da casa ou uma trabalhadora doméstica remunerada. Para Gonçalves (2015), esta definição traz a complexidade do significado de ‘doméstica’, pois é um jogo ambíguo de ser e não ser da família, de inclusão e exclusão, afeto e ordem, ajuda e obrigação.

As trabalhadoras domésticas têm sua ocupação fundamentada na sociedade patriarcal e escravocrata do século XVI, podendo-se observar a continuidade da exploração nas relações de trabalho doméstico até a atualidade (GONÇALVES, 2015). Para Porto (2006 *apud* JORDÃO, 2011)<sup>4</sup>, a escravidão marcou o imaginário da sociedade brasileira em relação ao trabalho doméstico, tanto no que diz respeito ao grau de exigência para a execução das tarefas, quanto no recorte étnico-racial e de classe das trabalhadoras destinadas a cumpri-las.

<sup>3</sup> FREIDSON, Eliot. **Renascimento do profissionalismo**: teoria, profecia e política. São Paulo: Edusp, 1988.

<sup>4</sup> PORTO, Dora. **Bioética e qualidade de vida**: as bases da pirâmide social no coração do Brasil. Um estudo sobre a qualidade de vida, qualidade de saúde e qualidade de atenção à saúde de mulheres negras no Distrito Federal. Tese (Doutoramento em Ciências da Saúde – área de concentração Bioética ) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, da Universidade de Brasília (UnB), 2006. Disponível em: <http://bdtb.bce.unb.br>.

Essa construção de imagem histórica acerca das trabalhadoras domésticas é reforçada pela mídia brasileira, a qual contribui para a repetição e fortalecimento de estereótipos que desvalorizam essa classe trabalhadora (JORDÃO, 2011). Segundo Araújo (2000 *apud* JORDÃO, 2011)<sup>5</sup>, tornou-se forte nos anos 1970 a presença de trabalhadoras domésticas negras nas novelas brasileiras no papel de ‘protetoras’ do protagonista, que sempre era representado por atores e atrizes brancos. Esse estereótipo de ‘protetora’, que trata-se de uma pessoa fiel, cúmplice e amiga, corresponde ao papel desempenhado na vida real pelas mães pretas e pelas criadas na época da escravidão. As escravizadas<sup>6</sup> ‘domésticas’ eram tidas como pessoas de casa, na casa-grande, com poder de grande influência sobre a família.

Dessa forma, as novelas brasileiras vêm perpetuando a relação de algumas características da escravidão com a ocupação de trabalhadoras domésticas. Um exemplo é a expressão ‘ela é como se fosse da família’, ou seja, uma mistura entre profissionalismo e afetividade no ambiente de trabalho que, para Jordão (2011), não é benéfica na delimitação efetiva do que são ou não são os afazeres da ocupação de trabalhadora doméstica.

Entende-se, então, que o trabalho doméstico está historicamente atravessado por três marcadores sociais: raça, gênero e classe. Trata-se de uma ocupação “feminina/feminizada, composta majoritariamente por indivíduos de ascendência africana pertencente às camadas mais pobres da população que frequentemente se deslocam dos lugares de origem rumo às metrópoles mais promissoras em termos de possibilidades profissionais.” (MENDONÇA; JORDÃO, 2008, p. 5). Na maioria das vezes, o emprego como doméstica é uma possibilidade de sobrevivência, não uma opção profissional e, nesse contexto, o trabalho doméstico é desqualificado. A desvalorização da ocupação de empregada doméstica não ocorre somente pelo trabalho em si, mas por ser uma ocupação historicamente feminina e, sendo assim, tem valor menor no mercado das trocas simbólicas (MENDONÇA; JORDÃO, 2008).

Abordando a interseccionalidade através de dados, observamos que, em nosso país, 14,6% das mulheres brasileiras ocupadas estavam concentradas em atividades remuneradas no

---

<sup>5</sup> ARAÚJO, Joel Zito Almeida de. **A negação do Brasil**: o negro na telenovela brasileira. São Paulo: Ed. do Senac São Paulo, 2000.

<sup>6</sup> É necessário justificar a escolha dos termos 'escravizado' e 'escravizada' ao invés de 'escravo' e 'escrava', adotada no presente trabalho. Elizabeth Harkot-de-La-Taille e Adriano dos Santos (2012) estabelecem uma importante diferenciação semântica entre os termos. "Enquanto o termo escravo reduz o ser humano à mera condição de mercadoria, como um ser que não decide e não tem consciência sobre os rumos de sua própria vida, ou seja, age passivamente e em estado de submissão, o vocábulo escravizado modifica a carga semântica e denuncia o processo de violência subjacente à perda da identidade, trazendo à tona um conteúdo de caráter histórico e social atinente à luta pelo poder de pessoas sobre pessoas, além de marcar a arbitrariedade e o abuso da força dos opressores" (HARKOT-DE-LA-TAILLE; SANTOS, 2012, p. 8-9). Portanto, salvo as citações diretas, decidiu-se, neste trabalho, adotar os termos 'escravizado' e 'escravizada', considerando que essa escolha é um ponto que mobiliza o caráter político e a discussão social que este trabalho se propõe a fazer.

trabalho doméstico, no ano de 2018. Tal percentual corresponde a 5,7 milhões de mulheres. O trabalho doméstico remunerado para os homens, por sua vez, não corresponde nem a 1% dos ocupados (PINHEIRO *et al.*, 2019). Dados da PNAD Contínua revelaram que, em 2020, as mulheres representavam mais de 92% das pessoas ocupadas em trabalho doméstico, sendo mais de 65% negras.

Quanto ao rendimento mensal médio das trabalhadoras domésticas, caiu de R\$924,00 para R\$876,00, de 2019 para 2020, em nível nacional. As trabalhadoras informais – sem carteira assinada – ganhavam 40% menos do que as formais – com carteira assinada. Constatou-se, também, que as trabalhadoras negras recebiam, em média, 15% menos rendimento. Enquanto o rendimento mensal médio caiu, o número de chefes de família ascendeu. Em todas as regiões brasileiras, exceto o Sul, houve aumento das domésticas chefes de família. A média brasileira de 51,2%, em 2019, foi para 52,4%, em 2020<sup>7</sup> (DIEESE, 2021).

Após essa breve exposição da temática, a fim de articularmos tal panorama descritivo com a escolha pelo objeto empírico Faxina Boa, justificamos nossa pesquisa. No âmbito pessoal, a pesquisa se justifica pelo afeto com algumas figuras de trabalhadoras domésticas. No âmbito acadêmico, ressaltamos a ausência, dentro dos bancos de dados pesquisados, de trabalhos com o enfoque específico dado nesta pesquisa, tanto em relação a nosso problema quanto ao nosso objeto. No âmbito social, destacamos o Brasil como um país líder no número de pessoas empregadas no trabalho doméstico e representações que, em sua maioria, desvalorizam a ocupação.

Quando criança, a autora deste trabalho teve consigo uma babá e empregada doméstica que acompanhou todo seu crescimento e veio a estabelecer um vínculo mais forte ainda, convidando a pesquisadora deste trabalho para ser madrinha de sua filha. Portanto, há um laço de amor e carinho muito grande. Atualmente, esta figura trabalha como faxineira e empreendedora no ramo de doces. Outra figura notória é a faxineira que limpa a casa desta pesquisadora, quinzenalmente, no tempo presente. Há uma relação de muita afinidade e, assim que teve contato com um vídeo que viralizou de Veronica no canal do Youtube “ter.a.pia”, essa outra figura se identificou e contou relatos que enfatizam a problematização feita no discurso do Faxina Boa. Não poder almoçar junto com a família onde se está trabalhando, falas preconceituosas e descréditos, por exemplo. Contra esses apontamentos,

---

<sup>7</sup> Dados extraídos do infográfico elaborado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, disponível em: <https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/trabalhoDomestico.html>. Acesso em: 09 out. 2021.

estudar o perfil @faxinaboa se mostra relevante por discutir novas representações socioculturais para essa classe trabalhadora, que está muito presente na vida da pesquisadora.

Quanto à justificativa epistemológica, o presente trabalho se justifica por ser uma produção científica sobre um tema pouco expressivo na área da comunicação, sendo maior no campo da sociologia e do direito, a partir da pesquisa do estado da arte. Foram buscadas as palavras-chave ‘trabalho doméstico’, ‘empregadas domésticas’, ‘faxineiras’, ‘representações’, ‘mídia’ e ‘cultura’ no Banco de Teses e Dissertações da Capes, na Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações e nos repositórios da UFRGS, UFSM, PUCRS e Unisinos, bem como nos anais da Intercom. Com foco nos últimos cinco anos de produção acadêmica (2015-2020), com exceção de duas produções (2008 e 2013), foram identificados 24 trabalhos, sendo 16 dissertações, 4 teses e 4 artigos que se relacionam com o recorte desta pesquisa. O nível de aproximação dos trabalhos encontrados com o tema desta pesquisa se deu no âmbito contextual da pesquisa, ou seja, a respeito do contexto sócio-histórico, das representações midiáticas de empregadas domésticas e da relação dessas trabalhadoras com a sociedade.

Os autores que mais se aproximam da temática deste trabalho são Bernardino (2016) – abrange teorização sobre representação social e a representação do trabalho doméstico –, Iasiniewicz (2017) – trabalha o contexto histórico e legislativo que é desenvolvido em nossa pesquisa, bem como questões de poder, afeto e profissionalização em relação a esta ocupação –, Monticelli (2017) – traz a questão da ‘cultura doméstica’ ligada a representações, símbolos da ‘casa ideal’ para as empregadoras de trabalhadoras domésticas remuneradas, assim como suas práticas cotidianas domésticas –, e Oliveira (2018) – explora uma perspectiva social, a partir do viés da psicologia, que reverbera nas trabalhadoras domésticas, nas representações e nas relações.

O enfoque destes trabalhos diverge do que é dado à pesquisa apresentada aqui. Tais trabalhos analisam representações de trabalho doméstico já existentes, embasadas por alguma corrente teórica específica ou discorrem sobre questões jurídicas e sociais do trabalho doméstico. A nossa pesquisa, no entanto, trata de analisar o trabalho doméstico a partir do Faxina Boa, objeto empírico não identificado em nenhum trabalho levantado na pesquisa de estado da arte realizada. Além disso, outro diferencial aqui é a busca por contraposições entre representações midiáticas dominantes e estereotipadas e o Faxina Boa.

Além da pouca expressividade do tema na área da comunicação, com base nos repositórios e no período de tempo pesquisados, também justifica-se este trabalho como relevante neste campo por tratar de conceitos como representações sociais, midiáticas e culturais, que estão imbricados nos estudos comunicacionais. Segundo Kellner (2001, p. 11

*apud* MENDONÇA; JORDÃO, 2008, p. 4)<sup>8</sup>, “a cultura da mídia é um terreno de disputa no qual grupos sociais importantes e ideologias políticas rivais lutam pelo domínio, e que os indivíduos vivenciam essas lutas por meio de imagens, discursos e espetáculos veiculados pela mídia”. Uma vez que a mídia é um território de luta por poder, entender como se dão representações midiáticas sobre as trabalhadoras domésticas se faz necessário, principalmente, para entender o papel da comunicação nesse processo e espaço de poder.

No que diz respeito às trabalhadoras domésticas, podemos entender como relevante a investigação do tema no campo da comunicação através da ideia de Shohat e Stam (2006, p. 270 *apud* MENDONÇA; JORDÃO, 2008, p. 3)<sup>9</sup> que julgam como problemático o fato de que “grupos historicamente marginalizados não têm controle sobre sua própria representação”. Assim, é preciso entender como estão sendo construídas essas representações e como se constitui o próprio conceito de representação.

Para Valdir Morigi (2004, p. 11), a Teoria das Representações Sociais vai ao encontro dos estudos da comunicação quando ela mostra “de que modo as representações sociais são organizadas pelos meios na construção de produtos midiáticos e como a cultura dos meios produz o senso comum, participando da construção da cultura geral”. Sendo assim, a teoria social pode fornecer subsídios para que entendamos o modo como a sociedade organiza e dissemina diferentes formas de pensamento. Somado a isso, com as estratégias de comunicação da mídia é possível compreender como se formam as estruturas e as dinâmicas da produção dos sentidos que dão sustentação a certas formas de percepção de mundo, às instituições, assim como seus discursos e práticas, e às relações sociais (MORIGI, 2004).

A relevância social do trabalho situa-se, primeiramente, em um cenário onde o Brasil se destaca: segundo dados de 2017, é o país que mais emprega trabalhadores domésticos no mundo – cerca de 7 milhões de pessoas no setor. Ainda naquele ano, o trabalho doméstico respondeu por 6,8% dos empregos no país e por 14,6% dos empregos formais das mulheres. No começo da década, esse tipo de serviço abarcava um quarto das trabalhadoras assalariadas (WENTZEL, 2018). A partir desse panorama, apreende-se que essa classe de trabalhadores é expressiva no país.

Também como justificativa social, a busca por discutir atravessamentos de raça, gênero e classe no trabalho doméstico deve-se a três intersecções que evidenciam a relevância do trabalho doméstico no Brasil: as heranças escravocratas de um passado recente no qual o lugar da servidão cabia à população negra e, especificamente às mulheres negras,

<sup>8</sup> KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: EDUSC, 2001, p. 11.

<sup>9</sup> SHOHAT, E. e STAM. R. **Crítica da imagem eurocêntrica**. S. Paulo: Cosacnaify, 2006, p. 270.

principalmente dentro de casa; a formação dos indivíduos dentro de uma sociedade tradicionalmente patriarcal; e a expressiva desigualdade de renda, que dá margem para que trabalhadores assalariados contratem e remunerem, com seus salários, outros trabalhadores (PINHEIRO *et al.*, 2019).

A questão legislativa também é relevante na nossa justificativa social. Nesta pesquisa, traçamos os avanços dos direitos das trabalhadoras domésticas até o advento da PEC das Domésticas. De acordo com a ONU Mulheres (2016, p. 63), “a equiparação dos direitos das trabalhadoras domésticas com os dos demais trabalhadores contribui para tornar o Brasil uma sociedade menos desigual e mais inclusiva”. Em contraponto, segundo dados do Pinheiro *et al.* (2019), o trabalho doméstico remunerado ainda é caracterizado por uma atividade precária, com baixos rendimentos, pouca proteção social, discriminação e inclusive assédio. A partir desse contexto, a pesquisa justifica-se também por visar analisar esse cenário de aparente contradição. Ao discutir as representações das trabalhadoras domésticas através do Faxina Boa, serão confrontadas diferentes representações para entender as possíveis mudanças neste cenário de preconceitos e estereótipos.

Para entendermos a estrutura do trabalho, cabe salientar, brevemente, o que abordamos em cada capítulo. O 2 diz respeito ao nosso percurso metodológico. Como já pontuado, nossa pesquisa se alinha aos Estudos Culturais. Sendo assim, a metodologia escolhida ampara-se no circuito cultural de Johnson (2007). O capítulo descreve o circuito, os estudos apropriados a partir dele, os procedimentos adotados na pesquisa e a articulação com nossos objetivos específicos. Também no capítulo 2, há a descrição sobre a presença do Faxina Boa nas redes sociais digitais, dando um panorama inicial sobre nosso objeto e indicando os recortes da análise.

Nosso terceiro capítulo adentra o universo do trabalho doméstico e da interseccionalidade. Descrevemos a história da ocupação, definições do termo interseccionalidade e articulamos marcadores sociais da diferença ao trabalho doméstico, a saber: gênero, raça e classe. Essa movimentação é essencial para alicerçar a base teórica para nossa análise empírica posterior e, para fazê-la, apropriamo-nos de Sheila Tanaka (2017), Heleieth Saffioti (1978), Guilherme Libardi (2019), Carla Akotirene (2019), Angela Davis (2016) e Michele Savicki (2019), entre outros autores e autoras.

O capítulo 4 debruça-se sobre a discussão teórica das representações. Discutimos representações sociais, culturais e midiáticas, a partir de diferentes disciplinas. Para isso, mobilizamos Serge Moscovici (2007) e Stuart Hall (2016), principalmente. Além de expor definições, articulamos criticamente as possibilidades de mudança nas representações das

trabalhadoras domésticas, com base em Djamila Ribeiro (2019), Joice Berth (2019) e Stuart Hall (1997), entre outros autores e autoras.

Nosso quinto capítulo aprofunda-se no Faxina Boa e destina-se à nossa análise deste objeto. Fazemos, inicialmente, uma apresentação detalhada da trajetória de Veronica Oliveira e do Faxina Boa e, depois, adentramos na análise das postagens conforme o recorte delineado no subcapítulo 2.2. Por fim, o sexto capítulo consiste em nossas considerações finais sobre a pesquisa, na qual pontuamos sobre o percurso, os aprendizados, as lacunas e nossas percepções.

A partir do questionamento presente em nosso título, se as trabalhadoras domésticas são sujeitas com narrativas próprias ou sujeitas a estereótipos, trilhamos, nesta pesquisa, um percurso descritivo e crítico. Nele, propomos problematizações, estabelecemos relações e pontuamos tensões. Mas, sobretudo, propomos uma boa faxina nas representações estereotipadas das trabalhadoras domésticas.



## 2 PERCURSO METODOLÓGICO À LUZ DO CIRCUITO CULTURAL

Neste capítulo traçamos nosso caminho metodológico para a realização do trabalho. Entendemos que este percurso está à luz do circuito cultural, pois este permeia todos os procedimentos metodológicos elencados. Buscamos, aqui, definir o circuito cultural de Richard Johnson (2007), descrever as abordagens do circuito e procedimentos metodológicos escolhidos, bem como articulá-los aos nossos objetivos específicos.

A pesquisa empreendida no presente trabalho é considerada de caráter descritivo. Antonio Gil (2008) afirma que as pesquisas descritivas buscam descrever características de determinado grupo ou fenômeno, ou objetivam estabelecer relações entre variáveis. Considera-se a pesquisa sobre o Faxina Boa e representações das trabalhadoras domésticas como descritiva, uma vez que visa descrever estereótipos e representações midiáticas de trabalhadoras domésticas existentes, assim como as representações geradas pelo Faxina Boa. Ademais, buscamos, também, estabelecer relações entre essas variáveis, colocando em debate suas características e diferenças.

Em relação ao método que configura a pesquisa desenvolvida, consideramos aqui o caráter qualitativo. Para categorizarmos dessa forma, nos apoiamos em Martin Bauer e George Gaskell (2011) e Cleber Prodanov e Ernani Freitas (2013). A pesquisa qualitativa relaciona-se com interpretações de realidades sociais e baseia-se em dados textuais (BAUER e GASKELL, 2011). Como a pesquisa aqui desenvolvida se apoia em textos e interpreta realidades sociais – a partir das representações socioculturais e midiáticas –, ela se classifica como qualitativa. Complementar a isso, segundo Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa qualitativa é descritiva, com dados que retratam “o maior número possível de elementos existentes na realidade estudada” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70), o que vai ao encontro da classificação da pesquisa exposta anteriormente.

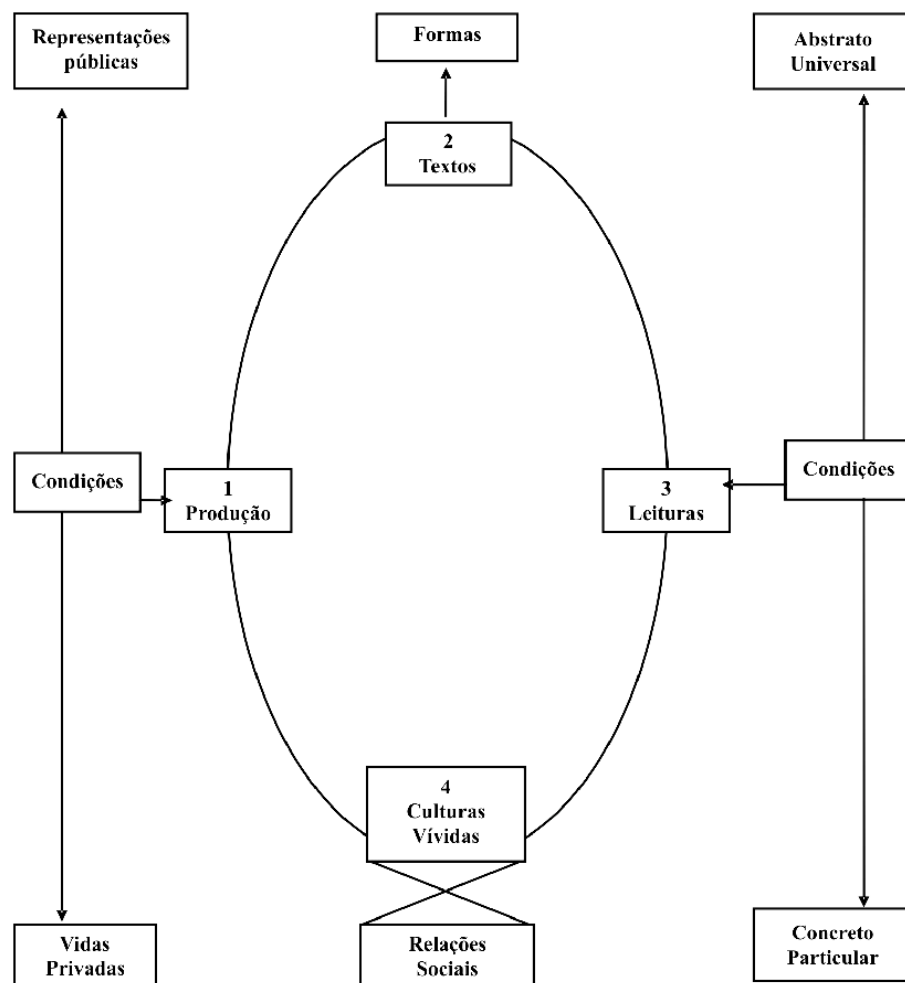
### 2.1 CIRCUITO CULTURAL COMO GUIA METODOLÓGICO

Como já vimos na Introdução do presente trabalho, podemos entender nossa pesquisa como alinhada à perspectiva dos Estudos Culturais. Cabe pontuar, aqui, alguns pontos trazidos por Richard Johnson (2007), que reforçam essa classificação. Segundo o autor, as relações e intersecções sociais, como as discutidas no presente trabalho – atravessamentos de gênero, raça e classe, divisão sexual do trabalho e estereotipagem, por exemplo – estão extremamente ligadas aos processos culturais. Outro ponto a justificar é sobre o vínculo entre

cultura e poder e como isso reflete nos lugares de fala e nas representações, temática que veremos no capítulo 4 deste trabalho. Mas podemos afirmar, desde já, que desigualdades de poder refletem nas assimetrias sociais e culturais. Por fim, Johnson (2007) afirma que o terreno cultural é um espaço de luta social e diferenças, dois conceitos que serão tecidos ao longo deste trabalho.

A partir dessa reflexão, na configuração da proposta metodológica deste trabalho apropriamo-nos do circuito cultural, proposto por Johnson (2007). Segundo o autor, este trata-se de um diagrama, que visa "representar o circuito da produção, circulação e consumo de produtos culturais." (JOHNSON, 2007, p. 33). O diagrama envolve quatro momentos distintos, a saber: produção; texto; leituras; e culturas vividas (JOHNSON, 2007). Apesar de distintos, são integrados, estando postos em relação e dinamicidade nos processos comunicacionais.

**Figura 1** – Circuito cultural de Richard Johnson



Fonte: Johnson, 2007, p. 35.

Segundo Johnson (2007), existem três tipos de estudos principais a serem feitos, baseando-se no circuito. São os da produção, do texto e das culturas vividas.

Para o autor, os estudos centrados na produção foram muito usados pelos autores marxistas e da escola de Frankfurt. Através dessas vertentes, buscou-se compreender as formas de produção do sistema capitalista e da cultura de massa, respectivamente. Posteriormente, influenciados por Gramsci, estudiosos passaram a analisar o contexto envolvido na produção, ou seja, as condições para que ela ocorresse. Johnson (2007) enfatiza que fazem parte dessas condições de produção não só meios materiais e a organização capitalista do trabalho, como também um conjunto de elementos culturais, advindos de reservatórios da sociedade, nas culturas vividas ou nos discursos. Os estudos centrados no momento da produção devem examinar formas culturais a partir deste viés contextual. Nesse sentido, além dos aspectos culturais, os subjetivos também devem ser considerados na análise, pois ambos são relevantes para que entendamos as condições e os meios de produção (JOHNSON, 2007).

Os estudos do texto se mostram bastante amplos, estando vinculados à linguística e semiologia e ao estruturalismo. Através desse tipo de análise, conseguimos identificar a prática das narrativas como modo de organização da subjetividade. Tomando estórias reais, que circulam em diversos meios, inclusive nas conversas do dia a dia, como construções historicamente produzidas, conseguimos ter noção das possibilidades de narrativas contemporâneas (JOHNSON, 2007). Segundo o autor, a partir dos textos, devemos nos perguntar "Quais são os padrões recorrentes aqui? Que formas nós podemos, mais comumente, abstrair desses textos?" (JOHNSON, 2007, p. 70). Portanto, faz parte dos estudos do texto o momento da leitura, presente no circuito cultural do autor. No entanto, é preciso atenção ao se debruçar sobre esse tipo de estudo. Para Johnson (2007), é necessário analisá-lo a partir das formas subjetivas e culturais efetivadas pelo texto e não somente por ele mesmo e a sua influência social.

Por fim, outro estudo possível a partir do circuito é o das culturas vividas, que hoje se aproxima dos estudos de recepção (COUTINHO, 2010). Abordagens como etnografia e observação participante podem se enquadrar nesse tipo de estudo.

Para analisar nosso objeto empírico, no capítulo 5, apropriamo-nos da proposta de Johnson (2007) a partir dos estudos da produção e do texto, o que engloba os momentos da produção, do texto e da leitura destes. Buscamos entender as narrativas presentes no Instagram do Faxina Boa em diálogo com o contexto de produção desses textos, dado a partir do aporte teórico dos capítulos 3 e 4 e da descrição sobre o objeto feita no subcapítulo 5.1.

Justificando nossa escolha pela abordagem centrada no texto, recorreremos à afirmação de Johnson (2007, p. 105), de que os textos, "ao se focalizarem nas formas dos produtos culturais, têm, em geral, se preocupado com as possibilidades de uma prática cultural transformativa". Essa premissa vai ao encontro do problema e objetivos desta pesquisa.

A respeito da escolha da abordagem do contexto – produção –, justificamos que uma análise qualificada não pode centrar-se somente no texto, desconsiderando a produção deste. E, como não há estudo do texto sem a realização de uma leitura – que consiste no terceiro momento do circuito –, esta também está presente em nossa metodologia. As leituras que empreendemos sobre o texto do Faxina Boa irão buscar possibilidades de narrativas, subjetividade, padrões e diferenças, em articulação com nosso aporte teórico feito nos capítulos 3 e 4. Assim, conectando esses três momentos, executamos uma leitura pertinente do nosso objeto.

Neste movimento metodológico é importante recordarmos de nossos objetivos específicos e alinhá-los com os procedimentos para a realização da pesquisa escolhidos. A tabela abaixo nos auxilia a ilustrar a articulação feita, no presente trabalho, entre nossos objetivos específicos, as abordagens do circuito cultural e os procedimentos metodológicos adotados.

**Figura 2** – Relação entre metodologia e objetivos específicos

Objetivos específicos	Abordagens do circuito	Procedimentos adotados
a) Mapear o contexto legislativo brasileiro acerca das trabalhadoras domésticas, até o advento da PEC das Domésticas;	Produção	Pesquisa bibliográfica Pesquisa documental
b) Identificar estereótipos construídos socialmente sobre as trabalhadoras domésticas através de representações midiáticas da ficção televisiva;	Produção Texto	Pesquisa bibliográfica
c) Definir as representações socioculturais das trabalhadoras domésticas geradas pelo Faxina Boa no Instagram, considerando atravessamentos de raça, gênero e classe;	Produção Texto	Análise bibliográfica Análise documental
d) Estabelecer relações entre as representações midiáticas estereotipadas na ficção televisiva e as representações geradas pelo Faxina Boa acerca das trabalhadoras domésticas	Produção Texto	Análise bibliográfica Análise documental

Fonte: Elaboração da autora, 2021.

Dentro desse percurso, cabe, também, definirmos dois dos procedimentos metodológicos aqui adotados, a saber, as pesquisas bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica ocorre, segundo Gil (2008), mediante um material já elaborado, principalmente livros e artigos científicos. Prodanov e Freitas (2013) complementam que esse tipo de pesquisa debruça-se também sobre fontes dispostas na internet, como *sites*, teses e dissertações.

A pesquisa desenvolvida neste trabalho tem caráter bibliográfico, pois são requeridos livros, artigos, teses, dissertações e informações disponíveis em *sites* para sua construção. Para Gil (2008, p. 50), o maior benefício desse procedimento é “a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”. Essa vantagem é importante pois, para mapear o contexto legislativo das trabalhadoras domésticas, assim como dados sobre raça, gênero e classe, são necessários dados correspondentes ao país todo, logo, dados dispersos. Assim, havendo uma bibliografia adequada, é possível o acesso às informações necessárias de forma concentrada. Vale ressaltar que esses tipos de dados – acerca do contexto legislativo e sobre marcadores sociais – foram pesquisados tanto em bibliografias quanto em fontes documentais.

A respeito dessas últimas, para sua descoberta, realizamos a pesquisa documental, que, apesar de semelhante à bibliográfica, diferencia-se pelo tipo de fontes. A documental “vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.” (GIL, 2008, p. 51). Neste trabalho, recorreremos a reportagens em portais eletrônicos sobre nosso objeto empírico, bem como leis para mapear o contexto legislativo brasileiro acerca das trabalhadoras domésticas. Ambas as fontes tratam-se de documentos sem tratamento analítico prévio sobre os quais nos apropriamos para gerar discussões. Assim, enquadram-se na definição de Gil (2008).

Consideramos tais formas de pesquisa como inseridas no circuito cultural pois, para pesquisar o contexto, que situa-se no momento da produção, por exemplo, recorreremos tanto a dados documentais – como entrevistas e reportagens em *sites* – quanto a dados bibliográficos – como a autobiografia da criadora do Faxina Boa. Além disso, esses dois procedimentos metodológicos são necessários, também, para a elaboração dos capítulos 3 e 4, a fim de compormos nosso referencial teórico.

Uma vez delineado o panorama geral do circuito e as abordagens escolhidas como metodologia para analisar nosso objeto empírico, é importante que entendamos uma divisão presente no circuito entre a cultura privada e a pública. Johnson (2007) afirma que a privada, apesar dessa denominação sugerir individualidade, pode ser uma cultura compartilhada. A

cultura privada não almeja universalidade ou se tornar conhecida e legitimada por toda a sociedade, mas sim, fica restrita a um pequeno grupo social. Como exemplo, temos a fofoca, que é, para o autor, uma forma social privada. Já a cultura pública é aquela que circula nos meios de comunicação, que constrói e propaga representações socioculturais, como, por exemplo, programas de televisão.

Essas formas estão engendradas no circuito, de modo que, na produção cultural, formas privadas tornam-se públicas e, em contrapartida, textos públicos são lidos na esfera privada, circulando em pequenos grupos (JOHNSON, 2007), podendo, até mesmo, ser motivo de fofocas. As telenovelas, por exemplo, representam determinados temas de acordo com pautas das culturas privadas nas quais os grupos vivem. Ao fazê-lo, trazem o privado ao público e, muitas vezes, produzem estereotipagem e constroem representações no imaginário popular. Assim, segundo o pensamento de Johnson (2007), esse produto midiático oferece às pessoas uma reapropriação de elementos da sua própria cultura vivida e de suas formas de subjetividade, que serviram, anteriormente à recepção, de base para a construção da cultura pública.

Compreender essas duas formas culturais – pública e privada – é importante pois, neste trabalho, discorreremos sobre representações que circulam na mídia, cultura e sociedade. Desse modo, o circuito cultural de Johnson (2007), do qual nos apropriamos aqui metodologicamente, permeia, de certa forma, o panorama teórico sobre representações, a ser explorado adiante, no capítulo 4.

Dentro do circuito, é necessário que não pressuponhamos uma forma única e dominante no processo de publicação – processo de tornar pública a cultura privada. Para Johnson (2007, p. 48), "precisamos de análises cuidadosas que nos revelem onde e como as representações públicas agem para encerrar os grupos sociais nas relações de dependência existentes e onde e como elas têm alguma tendência emancipatória". Buscamos, portanto, essa tendência emancipatória através do nosso objeto empírico.

## 2.2 PODE ENTRAR, FAXINA BOA<sup>10</sup>

O Faxina Boa está presente nas redes sociais Facebook, Youtube, Instagram e Twitter, nas quais Veronica compartilha postagens sobre seu trabalho como produtora de

---

<sup>10</sup> A apresentação detalhada da trajetória de Veronica Oliveira e do Faxina Boa é realizada no capítulo 5 deste trabalho. Neste subcapítulo nos dedicamos a discorrer sobre a presença do Faxina Boa nas redes sociais digitais e explicar as diretrizes e recortes da análise.

conteúdo, reflexões, conteúdos sobre trabalho doméstico, *memes* e histórias pessoais. No LinkedIn, o perfil é nomeado como Veronica Oliveira, possui mais de 500 conexões e 20.043 mil seguidores e sua ligação com o Faxina Boa nesta rede social se dá por tê-lo como local de trabalho sinalizado na plataforma. Além da presença nas redes sociais digitais, ela também escreveu o livro “Minha vida passada a limpo: Eu não terminei como faxineira, eu comecei”, usado como fonte bibliográfica neste trabalho, para estudo e descrição da trajetória de Veronica e do Faxina Boa.

O Facebook do Faxina Boa conta com 124.684 curtidas. Já o canal do Faxina Boa no Youtube possui 9,57 mil inscritos e apenas dois vídeos. O Twitter de Veronica possui 47,1 mil seguidores. O Instagram, por sua vez, é a rede social onde ela é mais atuante: 714 publicações e 306 mil seguidores.

Em cada rede social, Veronica possui uma biografia, na qual se define brevemente e fala sobre seu trabalho. No Facebook, ela propõe postagens de "*Memés*, crônicas, reflexões e muita limpeza!"<sup>11</sup>; no Instagram, descreve-se como "Ex faxineira de casas, atual faxineira de ideias"<sup>12</sup>; a biografia de seu Twitter a coloca como escritora, *TEDx Speaker*, palestrante e Faxineira de Ideias; já no Youtube, rede em que ela é menos atuante, a descrição é um pouco mais longa. Além de faxineira e palestrante, Veronica acrescenta ser empreendedora, mãe, esposa e estudante. Ainda na sua biografia do Youtube, ela estabelece que ela irá falar sobre assuntos diversos e baseando-se em fatos reais, sem tolerar quaisquer tipos de preconceito<sup>13</sup>.

---

<sup>11</sup> OLIVEIRA, Veronica. In: **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/faxinaboa>. Acesso em: 13 set. 2021

<sup>12</sup> OLIVEIRA, Veronica. In: **Instagram** Disponível em: <https://www.instagram.com/faxinaboa/>. Acesso em: 13 set. 2021

<sup>13</sup> Todas as informações a respeito do número de seguidores, publicações, inscritos e curtidas, além das descrições sobre o Faxina Boa nas redes sociais digitais foram coletadas no dia 13 de setembro de 2021.

**Figura 3** – O Faxina Boa nas redes sociais digitais

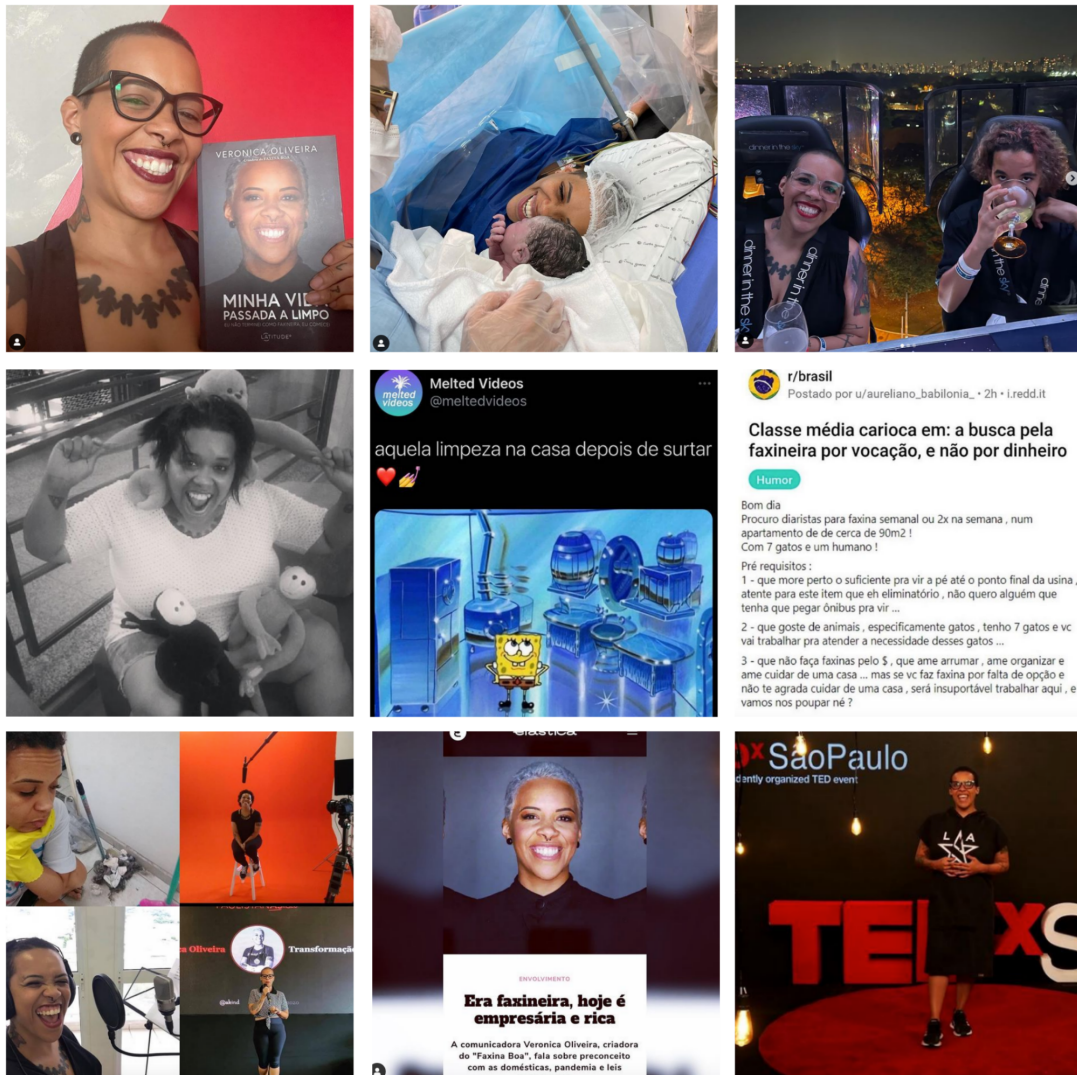


Fonte: Elaboração da autora, 2021.

Realizamos a análise do objeto empírico, portanto, no território digital, mais precisamente no Instagram @faxinaboa, através de postagens feitas no primeiro trimestre de 2021 – janeiro, fevereiro e março. Salientamos que nosso olhar se debruça principalmente para publicações sobre trabalho doméstico, porém não negligenciamos postagens sobre outros assuntos, pois nossa pesquisa trabalha marcadores sociais da diferença interseccionados, que influenciam nas representações das trabalhadoras domésticas geradas pelo Faxina Boa.



**Figura 4** – Panorama geral do Faxina Boa no Instagram



Fonte: Elaboração da autora, 2021.

Dentro das postagens, o conteúdo a ser analisado serão as legendas e as fotos e vídeos. A escolha do Instagram se pautou no volume maior de seguidores que o perfil do Faxina Boa possui nesta rede social em relação às demais. O período escolhido – janeiro, fevereiro e março de 2021 – justifica-se pela quantidade de postagens sobre trabalho doméstico ser maior em relação aos demais meses. Ademais, consideramos o ano de 2021 por ser o período mais recente. Sobre essas postagens, tem-se como objetivo pesquisar o conteúdo e estabelecer diálogos, tensões e reflexões a partir dele.

Antes de adentrarmos na análise, no entanto, é necessário um percurso teórico que embase nosso olhar sobre o objeto empírico. Tal movimento, explicando de forma resumida, debruça-se sobre o trabalho doméstico e a interseccionalidade, no capítulo 3, e sobre representações sociais, culturais e midiáticas, no capítulo 4.

Trabalhamos, a seguir, sobre a história do trabalho doméstico, o conceito de interseccionalidade e a relação entre os atravessamentos sociais de raça, gênero e classe com a ocupação das trabalhadoras domésticas.

### 3 TRABALHO DOMÉSTICO E INTERSECCIONALIDADE: A OCUPAÇÃO E OS IMBRICAMENTOS DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE

Iniciando nossa exploração teórica sobre o tema do trabalho doméstico no Brasil, precisamos entender sua origem, legislação e precariedades. Não obstante, para analisarmos isso, faz-se necessário usar as lentes da interseccionalidade, a saber, os atravessamentos de gênero, raça e classe. Considerando que esta pesquisa se propõe a analisar representações de trabalhadoras domésticas através do Faxina Boa, é primordial entender sobre esta ocupação. Além disso, atravessamentos como gênero, raça e classe perpassam todas as instâncias do trabalho doméstico, sendo essencial mencioná-los ao discorrer sobre este tema. Dessa forma, este capítulo visa entender o trabalho doméstico no Brasil, discutir o conceito de interseccionalidade e relacionar os atravessamentos de gênero, raça e classe com a ocupação.

#### 3.1 TRABALHO DOMÉSTICO NO BRASIL

A origem do trabalho doméstico no Brasil remonta os tempos de escravidão. A mão de obra de escravizados no século XIX deu-se tanto na área externa e rural da propriedade, quanto dentro das casas, onde acontecia boa parte do trabalho doméstico. Em grandes propriedades com muitos escravizados era bastante comum que cada um deles possuísse tarefas específicas (TANAKA, 2017).

Dessa forma, o trabalho doméstico era realizado majoritariamente por mulheres, cujas funções eram definidas de acordo com a idade, cor, habilidades e aparência (MOTT, 1988<sup>14</sup> *apud* TANAKA, 2017). Elas eram dispensadas do trabalho nas lavouras para se dedicarem aos cuidados com a casa e com a família dos senhores (DIAS, 2012). As tarefas a serem realizadas envolviam cozinhar, lavar roupas, passar, engomar, cuidar e alimentar as crianças, limpar e costurar (FREYRE, 2003). Cabe destacar que “ter um escravo exclusivamente para a manutenção da casa, que não gerava renda, era um luxo somente para os mais abastados.” (TANAKA, 2017, p. 29).

Havia, portanto, uma divisão de atividades: as que eram realizadas na parte externa e as internas. Estas últimas consistiam em cozinhar, limpar, fazer as tarefas de manutenção da casa e de cuidados com a família e trabalhar como costureiras particulares e como amas de leite. Este trabalho era realizado por escravizadas, que eram mantidas dentro da casa e

---

<sup>14</sup> Mott, Maria Lúcia de Barros. **Submissão e resistência: A mulher na luta contra a escravidão**. São Paulo: Editora Contexto, 1988.

consideradas mais valiosas (TANAKA, 2017). O trabalho realizado na parte externa referia-se aos “aguadeiros, despejadores de dejectos.” (OLIVEIRA, 1988, p. 13<sup>15</sup> *apud* TANAKA, 2017, p. 29).

De acordo com Tanaka (2017), o serviço doméstico representava grande parte do uso total da mão de obra escravizada, em diferentes regiões do Brasil, segundo levantamentos feitos no Rio de Janeiro, Minas Gerais e Recife, referentes ao século XIX. Mesmo que a definição para ‘trabalho doméstico’ fosse ampla à época, a quantidade de escravizados ocupados com funções desse escopo revela a grande participação de cativos na vida doméstica do país, bem como na forma como este trabalho foi estruturado, sobre hierarquias de raça e gênero (TANAKA, 2017).

Na segunda metade do século XIX iniciou-se o processo de fim do sistema escravista. Dada a especificidade do sistema escravista brasileiro, muitos cativos alcançaram a liberdade enquanto a escravidão ainda era legal, pontua Tanaka (2017). Porém, essa liberdade foi considerada precária, pois haviam diversas restrições sobre os direitos políticos de ex-escravizados e negros livres, além de seu acesso ser limitado a direitos civis fundamentais. Sendo assim, criou-se uma divisão turva entre livres e escravizados. Sidney Chalhoub (2011, p. 406) denomina esta condição como “the structural precariousness of freedom”, ou seja, precariedade estrutural da liberdade.

O Brasil do século XIX não possuía grandes oportunidades para a população liberta, segundo Tanaka (2017). Não houve uma política para incorporá-la no mercado de trabalho que acompanhasse essa mudança no *status* legal de trabalhadores negros. Para as mulheres negras essa realidade era mais significativa, uma vez que estas tinham possibilidades econômicas bem limitadas no mercado de trabalho livre. Dessa forma, a falta de oportunidades no mercado de trabalho somada à pouca qualificação tornou comum que as escravizadas seguissem trabalhando como empregadas domésticas para os senhores para os quais já trabalhavam. Permanecer na casa de antigos senhores, muitas vezes em troca de salários baixíssimos ou simplesmente comida, abrigo e roupas caracterizou-se como uma espécie de estratégia de sobrevivência para as mulheres negras livres (TANAKA, 2017). Nesse contexto, a condição legal de liberdade pouco significou, pois mantiveram-se as condições degradantes e opressões no trabalho, ou seja, condições análogas à escravidão.

O trabalho doméstico, então, era o principal emprego para muitas trabalhadoras negras livres, sobretudo na segunda metade do século XIX. Neste período, surgiu outro grupo,

---

<sup>15</sup> Oliveira, Maria Inês Côrtes. **O liberto**: o seu mundo e os outros: Salvador, 1790/1890. São Paulo: Ed. Corrupio, 1988. p. 13.

que encontrava no serviço doméstico uma oportunidade para entrar no mercado de trabalho livre: as imigrantes estrangeiras brancas (TANAKA, 2017). Havendo, portanto, condições precárias e análogas à escravidão no trabalho doméstico, as relações de trabalho mantiveram-se em um baixo nível de reconhecimento, tanto social quanto monetário. Citando Chalhoub (2011) novamente, a precariedade estrutural da liberdade era notória na realidade das trabalhadoras domésticas. De acordo com Tanaka (2017), os salários possuíam níveis muito baixos, além de haver uma grande e constante associação de trabalho doméstico com escravidão. Quase não havia, nas esferas domésticas, longe do controle público, uma divisão entre trabalho livre e escravizado (TANAKA, 2017).

Outro problema enfrentado por essa classe de trabalhadoras era uma vulnerabilidade advinda da falta de reconhecimento do trabalho doméstico (TANAKA, 2017). Tinha-se e há, até hoje, uma confusão do trabalho com afetividade. Nota-se isso, por exemplo, a partir de Tanaka (2017), que pontua que a alforria concedida pelos senhores frequentemente mencionava a ‘gratidão pelos serviços prestados’, dentre outros indícios de intimidade e proximidade.

Mesmo em 1888, com a abolição da escravatura, o campo do trabalho doméstico seguiu refletindo as categorizações sociais hierárquicas e continuou sendo uma ocupação predominantemente negra. Ainda que nessa época houvessem, nos jornais, anúncios que deixavam clara a preferência dos senhores por trabalhadoras brancas para os serviços domésticos, as condições nada atrativas de trabalho, tais como longas jornadas, baixos salários e humilhação, repeliram muitos imigrantes (TANAKA, 2017).

Segundo Tanaka (2017), o trabalho doméstico teve continuidade, portanto, mantendo algumas das características do período escravista e foi difundido como apoio ao crescimento industrial do país. Com o aumento do número de trabalhadoras domésticas na sociedade pós-escravista, o trabalho doméstico passou a sustentar, além da acumulação da riqueza e a desigualdade entre classes, as divisões racial e sexual do trabalho no Brasil (TANAKA, 2017).

O apoio do trabalho doméstico ao crescimento industrial e acumulação de capital permite uma análise desta ocupação pelo viés econômico, a qual é realizada por Heleieth Saffioti (1978). Segundo a autora, o modo de produção capitalista coexiste com formas de trabalho não-capitalistas, que são, segundo Rodney Amador (2021), formas de trabalho que não são remuneradas com um salário. Os trabalhadores dos setores não-capitalistas realizam tarefas necessárias à reprodução do sistema capitalista e promovem uma acumulação mais acelerada de capital (SAFFIOTI, 1978).

No setor das formas não-capitalistas de trabalho há um grande número de mulheres, pois, de acordo com Saffioti (1978), há uma tendência de predomínio masculino nos setores econômicos capitalistas. O desequilíbrio entre o contingente de mulheres em relação ao número de oportunidades nesse sistema leva à busca destes contingentes femininos, principalmente os com menor escolaridade, por atividades econômicas nos setores organizados de forma não-capitalista. Tais atividades localizam-se no setor terciário, em sua maioria na prestação de serviços (SAFFIOTI, 1978).

Ainda de acordo com a autora, embora o assalariamento da classe das trabalhadoras domésticas tenha ocorrido com o capitalismo, as atividades do serviço doméstico em casas de famílias não se caracterizam como capitalistas. Essas trabalhadoras são remuneradas com renda pessoal e os bens e serviços por elas produzidos são consumidos imediatamente pelas famílias empregadoras, não ocorrendo a circulação de mercadorias e, por consequência, não havendo trocas com objetivo de lucro no mercado (SAFFIOTI, 1978). Para Angela Davis (2016), essa separação estrutural entre economia pública capitalista e a economia privada do lar é reforçada, continuamente, pelas origens primitivistas do trabalho doméstico.

Dentro do modelo capitalista, qualquer trabalho pode ser classificado como produtivo ou improdutivo. O trabalho é produtivo quando há a concretização do trabalho em mercadorias, consideradas riquezas materiais para o mercado. Já o improdutivo é quando não há produção de mais-valia, o que significa, de acordo com Marx (1974 *apud* SAFFIOTI, 1978)<sup>16</sup>, que o trabalho não é trocado com capital, mas com renda, ou seja, salários.

Mobilizando alguns autores, Saffioti contrapõe visões acerca do trabalho doméstico. Seacombe (1973 *apud* SAFFIOTI, 1978)<sup>17</sup>, por exemplo, não vê caráter produtivo no trabalho doméstico, pois, uma vez que não produz mais-valia, é considerado improdutivo. Já Gerstein (1973 *apud* SAFFIOTI, 1978)<sup>18</sup> não levanta os termos produtivo ou improdutivo para se referir a trabalho doméstico, considerando-o, em contrapartida, como produção simples de mercadorias.

Apesar de divergências nas visões dos autores acima referidos, Saffioti (1978) esclarece que o trabalho doméstico, remunerado com renda pessoal, não pode ser classificado como produtivo, pois trocar a força de trabalho por dinheiro não é suficiente para ser visto como trabalho produtivo, segundo Marx (1974). E, contrariando Gerstein (1973), Saffioti (1978) pontua que, uma vez que a trabalhadora doméstica produz bens e serviços para

<sup>16</sup> MARX, Karl. **Historia Crítica de la Teoria de la Plusvalia**. Buenos Aires: Ediciones Brumario, 1974. p. 217.

<sup>17</sup> SEACOMBE, Wally. The Housewife and her Labour under Capitalism. **New Left Review**, 83, jan/fev, 1973.

<sup>18</sup> GERSTEIN, Ira. Domestic Work and Capitalism. **Radical America**, v. 7, n. 4 e 5, jul/out, 1973.

consumo imediato da família que a emprega, não são produzidas mercadorias para comercialização, o que desconfigura o trabalho doméstico como produção simples de mercadorias. O argumento de Seacombe (1973) também é rebatido, pois, uma vez que o trabalho doméstico se dá na forma não-capitalista, ele sequer entra no debate entre produtivo e improdutivo, pois essas classificações pertencem a trabalhos da forma capitalista.

A mercadoria produzida por atividades domésticas é a força de trabalho, que se faz imprescindível para a reprodução do capital. No entanto, a criação dessa mercadoria é medida por estruturas não-capitalistas, e, portanto, situa-se fora do modo de produção capitalista, mesmo que vinculada a ele. O que as trabalhadoras domésticas fazem, então, é criar condições para a reprodução do sistema capitalista (SAFFIOTI, 1978).

O sociólogo Francisco de Oliveira (2003) faz uma análise das transformações na estrutura do país no período de industrialização, sobretudo após os anos 1930. Corroborando com a visão de Saffioti (1978), sobre como o trabalho doméstico é essencial para a reprodução do capitalismo, o autor afirma que esta ocupação, incorporada ao sistema capitalista em expansão, possibilitou a acumulação urbano-industrial e a captação de mão de obra por esse setor (OLIVEIRA, 2003). Complementarmente, nesse sentido, cabe pontuar que as atividades do trabalho doméstico estão, portanto, vinculadas historicamente ao modo de produção doméstico e sofreram redefinições necessárias para sobreviver nos modos de produção capitalistas. Mas, mesmo assim, mantiveram características de trabalho não-capitalista (SAFFIOTI, 1978).

É complexo definir o trabalho doméstico no viés econômico, uma vez que, como afirmado por Amador (2021), as formas de trabalho não-capitalistas caracterizam-se pela não remuneração, e são exemplificadas pela servidão, trabalho voluntário e até mesmo escravidão. Partindo do pressuposto que o trabalho doméstico possui um histórico fortemente marcado por esta última, podemos entender a ocupação conforme Saffioti (1978). O trabalho doméstico ajuda no crescimento do capitalismo, mas ocorre em uma esfera à margem dele.

Podemos refletir, então, que há uma visão bem diferente sobre trabalho doméstico em relação a outros tipos de trabalho na sociedade capitalista. Nas palavras de Davis (2016),

Enquanto os bens produzidos em casa tinham valor principalmente porque satisfaziam às necessidades básicas da família, a importância das mercadorias produzidas em fábricas residia predominantemente em seu valor de troca – em seu poder de satisfazer as demandas por lucro dos empregadores. Essa revalorização da produção econômica revelou, para além da separação física entre casa e fábrica, uma fundamental separação estrutural entre a economia familiar doméstica e a economia voltada ao lucro do capitalismo. Como as tarefas domésticas não geram lucro, o

trabalho doméstico foi naturalmente definido como uma forma inferior de trabalho, em comparação com a atividade assalariada capitalista. (DAVIS, 2016, p. 218).

Ainda no tocante a este ponto, Giovanna Iasiniewicz (2017) pontua que esse entendimento da prestação de serviço como não geradora de lucros é o principal motivo pelo qual as trabalhadoras domésticas não foram amparadas legalmente por muitos anos. Segundo a autora, “havia a visão de que o trabalho doméstico não produzia riqueza para a economia do país, visto não existir uma produção lucrativa em sua prestação.” (IASINIEWICZ, 2017, p. 25). Dessa forma, cabe entender o avanço político em relação às trabalhadoras domésticas até chegar à ‘PEC das Domésticas’ que, implementada em março de 2013, tornou os direitos das trabalhadoras domésticas mais próximos aos direitos dos trabalhadores sob o regimento da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) (BRITES; PICANÇO, 2014).

A CLT, Consolidação das Leis Trabalhistas, foi aprovada no Brasil em 1943 e define um conjunto de direitos que regem as relações de trabalho, como férias, duração da jornada, período de descanso, contribuição previdenciária, entre outros. No entanto, a CLT exclui os trabalhadores domésticos da aplicação da lei, deixando-as à margem de negociações diretamente com seus empregadores (TANAKA, 2017). Este traço remonta à vulnerabilidade dessa classe trabalhadora, que ocorre desde o período escravista, dada a falta de reconhecimento do trabalho doméstico, como já discutimos anteriormente.

Com a exclusão de proteção legal pela CLT, as trabalhadoras domésticas se viram assistidas apenas em 1972, com a Lei nº 5.859/72 (TANAKA, 2017), mencionada na Introdução do presente trabalho. De acordo com essa lei, trabalhadores domésticos passam a usufruir de direitos como registro em carteira de trabalho, férias remuneradas de 20 dias úteis após 12 meses de trabalho, entre outros (BRASIL, 1972).

Na Constituição de 1988, dos 34 itens referentes às relações de trabalho, apenas nove contemplavam o trabalho doméstico (TANAKA, 2017). Já em 2001, a Lei nº 10.208 permitiu que os trabalhadores domésticos contribuíssem com o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço, conhecido como FGTS, e dava luz ao seguro desemprego por três meses para aqueles inscritos no Fundo (TANAKA, 2017). Em 2006, entrou em vigor a Lei nº 11.324, chamada de ‘Nova Lei do Empregado Doméstico’. Nela, o período de férias remuneradas foi ampliado para 30 dias corridos, além do direito ao descanso em feriados e a estabilidade para gestantes, que não mais poderiam ser demitidas no período desde a confirmação da gravidez até o quinto mês após o parto (BRASIL, 2006).

Segundo Tanaka (2017), a origem da PEC das Domésticas, que surge na intenção de equiparar os direitos das trabalhadoras domésticas com demais trabalhadores, remonta à



Proposta de Emenda Constitucional 478 pelo Deputado Federal Carlos Bezerra, em 2010. Tal proposta sugeria a revogação do parágrafo único do artigo 7<sup>o</sup><sup>19</sup> da Constituição, alegando que a limitação dos direitos dos trabalhadores domésticos deveria ser extinguida (BRASIL, 2010<sup>20</sup> *apud* TANAKA, 2017).

Houve grande mobilização de sociólogos, economistas e sindicatos em prol da proposta. A Federação Nacional de Trabalhadoras Domésticas – FENATRAD –, no entanto, demonstrou preocupação com a supressão do parágrafo único do artigo 7<sup>o</sup>, argumentando que poderia representar um retrocesso nos direitos já adquiridos. Dada essa argumentação, a Comissão Especial votou pela não supressão. Contudo, foi apresentado um texto para votação no Plenário da Câmara que propunha, além dos direitos já conquistados até então, os demais:

[...] proteção contra despedida arbitrária ou sem justa causa; seguro-desemprego; FGTS; garantia de salário-mínimo, quando a remuneração for variável; remuneração do trabalho noturno superior ao diurno; proteção do salário, constituindo crime sua retenção dolosa; salário-família; jornada de trabalho de oito horas diárias e quarenta e quatro semanais; adicional de serviço extraordinário; redução dos riscos inerentes ao trabalho; creches e pré-escolas para filhos e dependentes até seis anos de idade; reconhecimento dos acordos e convenções coletivas; seguro contra acidentes de trabalho; proibição de discriminação de salário, de função e de critério de admissão; proibição de discriminação em relação à pessoa com deficiência; proibição de trabalho noturno, perigoso ou insalubre a menores de dezesseis anos. (TANAKA, 2017, p. 53-54).

Tal Proposta de Emenda à Constituição foi bem recebida tanto na Câmara dos Deputados quanto no Senado Federal, sendo aprovada de forma praticamente unânime. Depois de ser votado pela Câmara, o projeto foi encaminhado para o Senado Federal, sob o nome de Proposta de Emenda Constitucional 66/2012 e, após a votação neste último, a Emenda Constitucional nº 72 foi promulgada em dois de abril de 2013. Logo após a aprovação desta Emenda Constitucional, os direitos que passaram a valer foram o pagamento de horas extras e a limitação da jornada de trabalho. Os demais foram regularizados apenas em 2015, com a promulgação da Lei nº 150/2015 (TANAKA, 2017).

---

<sup>19</sup> O artigo 7<sup>o</sup> consiste nos direitos dos trabalhadores urbanos e rurais e o parágrafo único destina-se especificamente às trabalhadoras domésticas (BRASIL, 1988). De todos os direitos do artigo, o parágrafo único restringe alguns em relação a esta classe. Porém, "segundo afirmou o assessor jurídico da FENATRAD, Hamilton Rovani Neves, a retirada do parágrafo que delimita os direitos a que as trabalhadoras têm direito não faria com que todos os incisos do artigo 7<sup>o</sup> sejam aplicados. A categoria receia, assim, que a supressão do parágrafo único faça com que 'nem mesmo os incisos que ali estão lhe serão aplicados' (:40) e que somente os direitos previstos em lei específica, nesse caso, as leis de 1972 e de 2006 fossem aplicados" (TANAKA, 2017, p. 53).

<sup>20</sup> BRASIL. **Proposta de Emenda à Constituição 478 de 2010**. Brasília: Casa Civil, [2010]. Disponível em: [http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=755258&filename=PEC+478/2010](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=755258&filename=PEC+478/2010).

A ampliação dos direitos trabalhistas para as trabalhadoras domésticas representa um avanço significativo. No entanto, há uma categoria, dentro do serviço doméstico, que fica desassistida pela PEC das Domésticas: as diaristas – ou faxineiras. Para se entender a diferença entre diarista e empregada doméstica, justifica-se a frequência de prestação de serviço. A Lei Complementar nº 150/2015 esclarece que a diarista é a prestadora de serviços domésticos de forma descontínua, até duas vezes na semana. Uma vez que o trabalho dessa categoria é classificado como eventual, ela não está assistida pelos direitos trabalhistas, pois, para isso, precisaria haver uma prestação contínua de serviço, configurando vínculo empregatício. Este vínculo, por sua vez, é observado nas empregadas domésticas, categoria que é definida por prestação contínua de serviços, ou seja, com a frequência de mais de duas vezes na semana (HEINEN; OLIVEIRA, 2017).

David Harris (2007) analisa comparativamente as trabalhadoras no Brasil e Estados Unidos e fala a respeito das diaristas. Para o autor, o contrato de diarista representa uma relação mais ‘moderna’, ‘racional’ e inclusive ‘capitalista’, uma vez que as trabalhadoras possuem mais condições de autonomia em relação aos vínculos afetivos com os empregadores, obtêm maiores rendimentos e conseguem monitorar melhor as horas trabalhadas. Porém, cabe resgatar Saffioti (1978) para contrapor a visão aparentemente ‘capitalista’ nas relações trabalhistas das faxineiras, uma vez que o trabalho doméstico diz respeito a formas não-capitalistas de trabalho. Portanto, podemos refletir que a aparente relação mais ‘capitalista’ entre diaristas e patrões pode se referir ao menor vínculo afetivo e maiores rendimentos para a trabalhadora. Essas duas características, que soam como benefícios da condição empregatícia das faxineiras, não podem ocultar a precariedade política que (des)assiste essas trabalhadoras. Tal como o trabalho doméstico impulsiona o crescimento do capitalismo sem, no entanto, ser considerado uma forma de trabalho capitalista, as faxineiras representam um contingente crescente de trabalhadoras domésticas sem ter, contudo, direitos trabalhistas assegurados.

Nesse sentido, para Alexandre Fraga (2010), as faxineiras não possuem garantias relativas à doença, nem descansos remunerados, assumindo para si os custos de um trabalho autônomo. Há, para essa classe, a falta de direitos os quais as mensalistas, cujo trabalho configura vínculo empregatício e estão assistidas pela PEC das Domésticas e Lei nº 150/2015, possuem.

Mesmo com essa desproteção legal, segundo dados de 2018, advindos da PNAD Contínua, constatou-se que em torno de 30% das trabalhadoras domésticas prestavam serviços em mais de um domicílio e, considerando o atravessamento de raça, este valor era um pouco

maior para as brancas do que para as negras. Através desse levantamento, foi possível perceber que há uma tendência de aumento na proporção de trabalhadoras que atuam em mais de um domicílio (PINHEIRO *et al.*, 2019). Ainda de acordo com Pinheiro *et al.* (2019), em 2018 as diaristas já correspondiam a 44% da categoria das trabalhadoras domésticas, o que significa 2,5 milhões de mulheres. Portanto, percebe-se uma tendência no aumento do número de faxineiras no Brasil.

A partir da contextualização histórica quanto à origem do trabalho doméstico, bem como sua relação com o capitalismo e delineamentos legislativos dessa ocupação, apreendemos alguns marcadores de gênero, raça e classe. Considerando estes marcadores imprescindíveis na discussão sobre trabalho doméstico, necessitamos, primeiramente, analisar um conceito importante que os conecta: a interseccionalidade.

### 3.2 INTERSECCIONALIDADE

O conceito de interseccionalidade foi cunhado de tal forma pioneiramente por Kimberlé Crenshaw (2002) como sendo

[...] uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Guilherme Libardi (2019) faz considerações sobre dois termos envolvidos na definição de interseccionalidade de Crenshaw (2002), a saber, 'eixos' e 'subordinação'. Mantendo a ideia de 'eixos', o autor propõe, no entanto, defini-los como 'marcadores sociais da diferença'. "Estes marcadores são classificações sociais de cor, raça, etnia, gênero, sexualidade, território, entre outros" (LIBARDI, 2019, p. 3) e agem produzindo diferença<sup>21</sup>. Tal diferença não se esgota, obrigatoriamente, na ideia de subordinação atribuindo diferentes pesos para os marcadores, como se pudessem esmagar um ao outro (LIBARDI, 2019). Referente à 'subordinação', Libardi (2019) propõe a existência também do termo 'articulação'. Tais ressalvas nas nomenclaturas se dão a fim de conferir maior abrangência ao conceito de

<sup>21</sup> Dentro dos estudos sobre identidades, segundo a lente dos Estudos Culturais, "a diferença é elemento constitutivo da identidade e está baseada na percepção sobre o outro. Sendo assim, ela é baseada na ideia de exclusão." (WOODWARD, 2000 *apud* LIBARDI, 2019).

interseccionalidade (LIBARDI, 2019). O conceito de 'articulação' é trabalhado por Avtar Brah (2006), que prefere referir-se aos marcadores como relacionados e não subordinados entre si. Dessa forma, a autora pontua ser possível a focalização em determinado contexto e, assim, "a diferenciação entre a demarcação de uma categoria como objeto de discurso social, como categoria analítica e como tema de mobilização política." (BRAH, 2006, p. 353).

Dentro dos estudos sobre interseccionalidade no Brasil há Carla Akotirene (2019), escritora do movimento feminista negro, que define o termo como um "sistema de opressão interligado." (AKOTIRENE, 2019, p. 15). Segundo a autora, a interseccionalidade objetiva constituir instrumentalidade teórico-metodológica para a "inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado<sup>22</sup> – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais." (AKOTIRENE, 2019, p. 14).

Davis (2011) afirma ser um exercício reflexivo para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, a fim de entender que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Audre Lorde (2019b) complementa que não existe uma hierarquia de opressões, ou seja, não se pode assumir a primazia de um marcador social da diferença sobre os outros.

Luíza Bairros (1995) nos auxilia a entender tal perspectiva. A autora pontua que quando comparamos uma mulher branca com uma mulher negra, ambas trabalhadoras da mesma classe social, não podemos pensar que a segunda é triplamente oprimida em relação à primeira. O que acontece é uma vivência de opressões a partir de lugares diferentes, que lhes dão pontos de vista distintos sobre o que é ser uma mulher na sociedade sexista e racista em que vivemos.

Complementar a isso, Akotirene (2019), pontua que

A interseccionalidade impede aforismos matemáticos hierarquizantes ou comparativos. Em vez de somar identidades, analisa-se quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas, repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão, sob a forma de identidade. Por sua vez, a identidade não pode se abster de nenhuma das suas marcações, mesmo que nem todas, contextualmente, estejam explicitadas. (AKOTIRENE, 2019, p. 27).

<sup>22</sup> "O patriarcado é um sistema político modelador da cultura e dominação masculina, especialmente contra as mulheres. É reforçado pela religião e família nuclear que impõem papéis de gênero desde a infância baseados em identidades binárias, informadas pela noção de homem e mulher biológicos, sendo as pessoas cisgêneras aquelas não cabíveis, necessariamente, nas masculinidades e feminilidades duais hegemônicas. A despeito do gênero atribuído socialmente, pessoas não-cis estão fora da identificação estética, corpórea e morfo-anatômicas instituídas." (AKOTIRENE, 2019, p. 67).

Dessa forma, Akotirene (2019) nos faz entender que, em meio a heterogeneidade de opressões conectadas, não se concebe uma hierarquização do sofrimento, apontada precursoramente por Lorde (2019b), uma vez que todo sofrimento está interligado pelas estruturas ou, nas palavras de Libardi (2019), pelos marcadores sociais da diferença. Nesta lógica, pensar de forma interseccional nos auxilia a entender "a matriz de opressão cisheterossexista, etária, divisora sexual do trabalho." (AKOTIRENE, 2019, p. 18).

A interseccionalidade entre gênero, raça e classe, segundo Jessyca Bernardino (2016), é pauta nos Estados Unidos desde os movimentos sufragistas, ocorridos no século XIX. À época, as mulheres negras problematizaram o feminismo branco e universalista, uma vez que não considerava a raça como fator elementar de diferenças, tanto material como simbólica, entre brancas e negras (BERNARDINO, 2016).

Relativo aos movimentos sufragistas nos Estados Unidos, as mulheres negras, segundo Davis (2016), foram praticamente invisíveis. Interseccionando gênero, raça e classe, a autora pontua que, na campanha pelo sufrágio feminino, as mulheres negras da classe trabalhadora não se envolveram com veemência, pois estavam bem mais preocupadas com suas questões salariais, jornada e condições de trabalho do que em lutar por uma causa que, naquele momento, parecia muito abstrata. Ademais, essas mulheres trabalhadoras viam seus pais, maridos, filhos e irmãos tendo o direito de voto e, ainda assim, sendo extremamente explorados por seus empregadores, o que representava que a igualdade política não implicava, necessariamente, em igualdade econômica (DAVIS, 2016).

Ainda de acordo com Davis (2016), as líderes do movimento pelos direitos das mulheres nos Estados Unidos, à época, não relacionavam a escravização da população negra no Sul do país com a exploração econômica da mão de obra no Norte e a opressão social das mulheres. Dentro do movimento de mulheres, nos seus primórdios, a população branca trabalhadora e as mulheres brancas trabalhadoras pouco eram trazidas à pauta. Ainda que diversas mulheres apoiassem a campanha abolicionista, elas não integravam a consciência antiescravagista com a análise sobre a opressão das mulheres.

Entre as mulheres brancas de classe média-alta da época, que estavam engajadas na luta sufragista, não havia o entendimento de que

[...] tanto as mulheres da classe trabalhadora quanto as mulheres negras estavam fundamentalmente unidas a seus companheiros pela exploração de classe e pela opressão racista, que não faziam discriminação de sexo. Embora o comportamento sexista de seus companheiros precisasse, sem dúvida, ser contestado, o inimigo real – o inimigo comum – era o patrão, o capitalista ou quem quer que fosse responsável

pelos salários miseráveis, pelas insuportáveis condições de trabalho e pela discriminação racista e sexista no trabalho. (DAVIS, 2016, p. 145).

Somente no início do século XX, quando as líderes operárias levantaram o argumento para as trabalhadoras de que o voto poderia servir para exigir melhores salários e condições de trabalho, o sufrágio feminino foi visto como arma poderosa na luta de classes (DAVIS, 2016).

No Brasil, Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro são autoras que se destacam na produção de discussões sobre diferenças dentro de gênero, bem como problematizações da construção teórica feminista fundamentalmente realizada por mulheres brancas, urbanas e de classe média em nosso país (BERNARDINO, 2016).

A partir dessa contextualização sobre interseccionalidade e como, principalmente, gênero, raça e classe se interseccionam, partimos para a classificação das duas possíveis abordagens teóricas quando se trata dessa temática.

Baukje Prins (2006) elenca, nos estudos sobre interseccionalidade, duas abordagens: sistêmica – estadunidense – e construtivista – britânica. A autora pontua que a primeira põe o impacto do sistema sobre a formação de identidades em primeiro plano, ao passo que a segunda se concentra nos aspectos dinâmicos e relacionais da identidade (PRINS, 2006).

No aporte estadunidense já descrito, a maior preocupação é entender como se dá o condicionamento da vida das mulheres negras por estruturas de opressão de gênero, raça e classe (LIBARDI; JACKS, 2020). De acordo com Prins (2006), essa característica configura uma abordagem sistêmica. Isso significa que o sujeito é formado, principalmente, por sistemas de dominação e marginalização (PRINS, 2006). Por essa abordagem, as identidades apenas refletem as estruturas e os sujeitos não têm muita capacidade de produzir suas identidades (LIBARDI; JACKS, 2020).

Já a abordagem britânica elaborou, para a autora, "uma interpretação construtivista da interseccionalidade." (PRINS, 2006, p. 280, tradução nossa). De acordo com Libardi e Jacks (2020), "para a abordagem construcionista, os marcadores sociais não apenas oprimem, mas também produzem sujeitos." (LIBARDI; JACKS, 2020, p. 8). Além disso, também para esses autores, o poder é visto em perspectiva relacional e "os processos pelos quais indivíduos se tornam sujeitos não envolvem a subordinação a um poder soberano." (PRINS, 2006, p. 280, tradução nossa).

Referente às abordagens estadunidenses e europeias, Akotirene (2019) pontua que a interseccionalidade cunhada por Crenshaw tornou os Estados Unidos o país mais avançado no quesito campo de estudos sobre diferenças. Enquanto isso, a Europa construiu legitimidade

manipulando o termo interseccionalidade sem, necessariamente, ter relação com o movimento de mulheres negras que houve nos Estados Unidos e precedeu a terminologia cunhada (AKOTIRENE, 2019).

Também para Akotirene (2019, p. 28), as "identidades sobressaltam aos olhos ocidentais, mas a interseccionalidade se refere ao que faremos politicamente com a matriz de opressão responsável por produzir diferenças, depois de enxergá-las como identidades". Sendo assim, estudar interseccionalidade implica entender a identidade coletivamente construída e o atravessamento mútuo de estruturas, mas, sobretudo, a atitude política a ser tomada em relação à matriz de opressões.

Através deste viés, dado por Akotirene (2019), podemos pensar que a produção de identidades, nos estudos interseccionais feministas negros brasileiros – e estadunidenses – faz mais questionar a matriz de opressão e agir politicamente sobre as diferenças do que atentar-se à produção identitária dos sujeitos.

No entanto, os sujeitos oprimidos possuem identidades e são diferentes entre si. Lorde (2019a) coloca que estamos acostumados a enxergar diferenças dicotômicas e simplistas, como bom e mau, superior e inferior, entre outras. E, partindo para uma análise do movimento feminista, a autora também dispõe que as mulheres, controladas socialmente, foram ensinadas a reconhecer apenas um campo de diferença humana como legítimo, a saber, a diferença entre homem e mulher (LORDE, 2019a) – dicotômica e simplista.

É nisto que reside o grande problema, o qual a interseccionalidade visa trabalhar. As experiências enquanto mulher são diferentes para as brancas e as negras. Também o são entre classes diferentes. Interseccionadas, essas variáveis demonstram lutas e identidades diferentes, que sofrem tipos de opressão distintos. Lorde (2019a) alerta que ignorar as diferenças raciais entre mulheres e o que elas implicam significa a ameaça mais séria à mobilização de lutas das mulheres. Apesar de darmos, neste trabalho, enfoque aos marcadores de raça, gênero e classe, é importante dizer que as opressões também envolvem outros atravessamentos, como sexualidade, geolocalização, faixa etária, deficiência, escolaridade, entre outros.

Propondo um diálogo com a definição de Prins (2006) para a abordagem sistêmica, podemos pensar, de acordo com Lorde (2019a), que precisamos alterar as velhas estruturas de opressão e as condições de vida que resultam dessas estruturas, a fim de encontrar maneiras que a diferença agregue visões e lutas. Se "as ferramentas do senhor jamais desmontarão a casa do senhor" (LORDE, 2019a, p. 237), cabe aos sujeitos que sofrem opressões, portanto, organizarem-se, reconhecerem as diferenças e afirmarem suas identidades. Dentre esses

sujeitos encontram-se as trabalhadoras domésticas, postas em questão no presente trabalho enquanto sujeitas a estereótipos ou sujeitas com narrativas próprias – e, nesse sentido, produtoras de suas próprias representações.

Dada a contextualização e definição de interseccionalidade, é necessário pontuar que, neste trabalho, adotamos a nomenclatura proposta por Libardi (2019), adaptando o conceito original de Crenshaw (2002). Entendemos, assim, que a interseccionalidade é formada por marcadores sociais da diferença articulados. Retomando Lorde (2019b), Akotirene (2019) e Davis (2016), não há hierarquização entre esses marcadores, uma vez que não há um que pese mais sobre o outro. Vemos, a seguir, como o trabalho doméstico, raça, classe e gênero se articulam e produzem diferenças.

### 3.3 RAÇA, CLASSE E GÊNERO NO TRABALHO DOMÉSTICO

Michele Savicki (2019) pontua que as tarefas que caracterizam o trabalho doméstico são classificadas como 'trabalho reprodutivo', significando trabalho vinculado à reprodução dos seres humanos e dos cuidados envolvidos neste processo. Este é permeado por tarefas inerentemente femininas, a exemplo da gestação e amamentação. No entanto, além dessas atividades biológicas incumbentes às mulheres, foram sendo socialmente atribuídas a estas, também, características de uma maior propensão ao cuidado e à organização, o que estabelece uma ligação 'natural' entre a mulher e o trabalho doméstico (SAVICKI, 2019). Iasienicz (2017) complementa essa visão ao dizer que desde a infância, as meninas recebem estímulos dos pais e da sociedade para brincar de 'mamãe e filhinha', 'casinha', brincar e cuidar de bonecas, e 'fazer comidinha'. Vemos, portanto, uma ideologia machista, socialmente construída e naturalizada. Isso nos leva a observar, conseqüentemente, como o atravessamento de gênero é preponderante para entender sobre trabalho doméstico.

Nesse sentido, Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007) trazem um termo muito importante: a divisão sexual do trabalho. Para as autoras, esse termo diz respeito a como é dividido o trabalho social com base nas relações de gênero em nossa sociedade (HIRATA; KERGOAT, 2007). Elas pontuam, também, que são características dessa divisão "a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.)." (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 599).

Para entender esse tema de forma mais aprofundada, Hirata e Kergoat (2007) estabelecem dois princípios que organizam a divisão sexual do trabalho: o da separação e o



hierárquico. O primeiro diz respeito a distinções como 'isso é trabalho de homem e aquele de mulher'. Já o segundo posiciona esses tipos de trabalho em um pódio, sendo que o trabalho de homem 'vale' mais do que o de mulher. Esses dois princípios se legitimam à medida que se naturalizam práticas sociais como "papéis sociais sexuados que remetem ao destino natural da espécie." (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 599). Novamente, percebemos que essa ideologia é socialmente construída e extremamente machista.

Paralelo à divisão sexual do trabalho, foi-se naturalizando a ideia de que o mundo público é predominantemente masculino e o mundo privado, feminino. Na literatura, tal antagonismo entre os domínios público e privado, bem como as demarcações das áreas de uso de senhores e de uso dos escravizados, além da polaridade entre os espaços masculinos e femininos nas casas coloniais são temas muito trabalhados (TRIGUEIRO; CUNHA, 2015). Gilberto Freyre (1981 *apud* TRIGUEIRO; CUNHA, 2015)<sup>23</sup>, por exemplo, escreveu que o sistema patriarcal provocou uma aversão à rua, sendo mais intensa com relação às mulheres, as quais o patriarcado visava confinar no interior das casas.

Neste contexto de universo privado, aponta Davis (2016), surgiu a 'dona de casa'. A partir disso, as mulheres passaram "a ser redefinidas ideologicamente como as guardiãs de uma desvalorizada vida doméstica." (DAVIS, 2016, p. 218). Uma vez que a ideologia vigente naturaliza a vocação das mulheres em atividades do lar, aquelas que trabalham fora da esfera doméstica acabam trabalhando longas jornadas em condições precárias e salários ínfimos (DAVIS, 2016).

Como foi visto, a divisão sexual do trabalho estabelece diferenciação de gênero. No entanto, precisamos debater outros atravessamentos interseccionados com este, uma vez que as experiências de trabalho são diferentes para mulheres negras e para as brancas.

Beatriz Nascimento (2019) discorre sobre a mulher negra no mercado de trabalho. Para a autora, é esta mulher quem expressa mais claramente a cristalização de uma estrutura de dominação, pois está ocupando os mesmos espaços e papéis a ela atribuídos desde a escravidão (NASCIMENTO, 2019).

Fazendo um retrospecto histórico do Brasil, a autora pontua que as populações de nível de renda mais baixo foram as principais recrutadas para mão de obra para a indústria e outros serviços da cidade, a partir de 1930 (NASCIMENTO, 2019). Neste cenário, a mulher branca ocupou lugares específicos enquanto força de trabalho, a saber, nas denominadas 'atividades femininas': empregos burocráticos mal remunerados, mas que exigiam certa qualificação educacional. Nascimento (2019) afirma que, no entanto, a mulher negra não

<sup>23</sup> FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

estava nesta categoria do mercado de trabalho, pois, primeiramente, não possuía acesso à educação suficiente para que pudesse qualificar-se para estes empregos burocráticos. Em segundo lugar, a justificativa se baseia no preconceito racial em serviços de contato com público. Complementarmente, Lélia Gonzalez (1984), articulando a divisão racial e sexual do trabalho, critica a naturalização da ideia de invisibilidade da mulher negra. Nesse sentido, esta fica mantida em empregos onde não pode ser vista.

Seguindo este raciocínio, Davis (2016) argumenta que quando se adiciona o racismo ao trabalho doméstico, percebe-se que muitas mulheres negras tiveram que cumprir as tarefas não só das suas próprias casas, como também das casas de outras mulheres. Não obstante, essa dupla jornada no trabalho doméstico para as mulheres negras as faziam, com frequência, renunciar os afazeres de suas casas e para com sua família em prol da casa da patroa. Para a autora, "enquanto empregadas remuneradas, elas eram convocadas a ser mães e esposas substitutas em milhões de casas de famílias brancas." (DAVIS, 2016, p. 225).

Do ponto de vista de classes, Jessé Souza (2009) nos auxilia a pensar como essa possibilidade de dispor de alguém para realizar as tarefas domésticas consiste em um privilégio das classes média e alta, no Brasil. Estas poupam "o tempo das repetitivas e cansativas tarefas domésticas, que pode ser reinvestido em trabalho produtivo e reconhecido fora de casa." (SOUZA, 2009, p. 24).

Articulando divisão racial, de classe e gênero, Odair Furtado, Mônica Carvalho e Winnie Santos (2020) pontuam a transferência do trabalho doméstico, partindo das mulheres brancas, de classe social mais abastada, para as mulheres negras e periféricas. Nesse caso, tal atribuição segue sendo vista como responsabilidade das mulheres, porém algumas têm condições de transferi-la para outras (FURTADO; CARVALHO; SANTOS, 2020). Percebe-se, portanto, que além dos imbricamentos de gênero e raça no trabalho doméstico, entender hierarquia de classe se faz fundamental. Principalmente porque este tipo de trabalho, já descrito como reprodutivo e naturalizado como 'de menor valor', está à mercê de contradições e ambiguidades, bem exemplificadas na frase 'ela é quase da família'. Este 'quase' representa um distanciamento simbólico entre empregadores e empregadas e demarca lugares e 'não lugares'.

A diferenciação entre esses lugares e não lugares é explicada por Juliana Teixeira, Luiz Saraiva e Alexandre Carrieri (2015), que articulam a ideia de Marc Augé (1994) de 'não lugar', a qual se situa no campo do poder e diz respeito à falta de relação identitária e histórica entre um indivíduo e o espaço. Uma vez que Augé (1994) defende os lugares como espaços identitários, históricos e relacionais, os não lugares são uma renúncia a essas características.

Assim, à medida que o distanciamento simbólico é estabelecido, às trabalhadoras domésticas fica determinado que a casa dos seus empregadores é um não lugar para elas.

A partir da perspectiva racial, Gonzalez (1984) argumenta que desde a época colonial há uma nítida separação entre espaços ocupados por dominadores e dominados, ou seja, uma divisão racial do espaço. Houve uma naturalização do lugar do grupo branco dominante, segundo a autora. Este espaço consiste em moradias bem localizadas, protegidas e saudáveis. Remontando a história, Gonzalez (1984) afirma que desde a casa grande até os condomínios de luxo o padrão segue o mesmo. Sem embargo, o lugar natural do negro se torna o oposto, como observa-se, historicamente, as senzalas e, atualmente, as favelas e conjuntos habitacionais.

Articulando, então, a ideia de Gonzalez (1984) ao pensamento de Augé (1994), os dominadores criam vínculos com locais, podendo chamá-los de lugares, enquanto os dominados muitas vezes se restringem aos não lugares. Seguindo essa perspectiva, trazemos importantes apontamentos advindos da pesquisa de Teixeira *et al.* (2015), através de entrevistas com empregadas domésticas. Identifica-se uma proximidade física entre empregadas e empregadores, ao mesmo tempo que se dá o distanciamento simbólico (TEIXEIRA *et al.*, 2015). Essa contradição apoia-se na ideia de 'não lugar' vivenciada pelas trabalhadoras domésticas em seu ambiente de trabalho.

Jurema Brites (2007) aponta que mesmo que haja relações de afeto entre empregadas e empregadores, bem como entre empregadas e filhos dos empregadores, é inegável a existência de uma relação hierárquica, com uma notável divisão entre chefe e subalterno. Observa-se tal demarcação nas nomenclaturas em relação ao espaço: 'quarto de empregada', 'banheiro de empregada' e 'dependência de empregada'. De acordo com Jurema Brites e Felícia Picanço (2014), estes locais não respeitam as individualidades das trabalhadoras e, sendo assim, podem conter vassouras e produtos de limpeza, numa constante associação e lembrete que aquele não lugar é um espaço de trabalho, inibindo qualquer vínculo identitário.

Estes não lugares são claramente caracterizados por segregação. Para Brites (2007), esta segregação de espaços é implicitamente ligada à questão de classe. A autora ressalta, com base em sua pesquisa de entrevistas com empregadas e patroas, que caso a empregada possuísse dinheiro, a afetividade significaria de fato uma amizade e os espaços da casa seriam compartilhados, deixando de ser um não lugar para as empregadas domésticas. No entanto, considerando a diferença de classes, o distanciamento e hierarquia são naturalizados (BRITES, 2007).

Este distanciamento, por sua vez, é mascarado pelas relações afetivas ambíguas e superficiais e é marcado por dimensões de classe, sexo, raça e nível de escolaridade (TEIXEIRA *et al.*, 2015). Como já visto, tais atravessamentos estão interseccionados. Para Savicki (2019), desigualdade de classe e racial estão diretamente relacionadas. A primeira estrutura o trabalho doméstico remunerado, à medida que a discriminação racial aloca indivíduos na estrutura de classes (SAVICKI, 2019). Sendo assim, os marcadores da diferença se interligam na estrutura do trabalho doméstico no Brasil.

Na problemática de classe dentro do trabalho doméstico remunerado, há também a desvalorização dessas trabalhadoras, que justifica-se pelo capitalismo e ideário neoliberal. Segundo este último, pessoas que realizam trabalho doméstico são indivíduos 'sem talento', que não conseguem se vincular a um mercado competitivo que exige profissionais cada vez mais providos de capital técnico e intelectual (FURTADO; CARVALHO; SANTOS, 2020). Visto dessa forma, tais trabalhadoras não oferecem nada além de sua força física e acabam por 'servirem' às classes média e alta na execução de tarefas de limpeza, pesadas e cansativas, que 'qualquer um' pode desempenhar (FURTADO; CARVALHO; SANTOS, 2020). Inclusive, podemos refletir que é a ausência da necessidade de capacitação para realizar o trabalho doméstico que o faz ser visto como ocupação e não como profissão, como discutimos na Introdução do presente trabalho.

Em suma, a contratação de empregadas domésticas no Brasil é possível, majoritariamente, para indivíduos das classes médias e altas e isso se apoia nas desigualdades de gênero, raça e classe e na desvalorização do trabalho doméstico (BRITES; PICANÇO, 2014). Portanto, reitera-se a importância de entendermos esses marcadores sociais da diferença dentro do contexto do trabalho doméstico remunerado em nosso país.

## **4 REPRESENTAÇÕES SOCIOCULTURAIS: DA MÍDIA MASSIVA À MÍDIA DIGITAL**

Uma vez mapeado o contexto do trabalho doméstico remunerado no Brasil e sua relação com gênero, raça e classe, cabe fazer um delineamento acerca de como as trabalhadoras domésticas são representadas. Para isso, é necessário traçar um panorama acerca de representações sociais, culturais e midiáticas. Assim sendo, buscamos conceituar o termo 'representações', estabelecer vínculos entre este e a sociedade, a cultura e a mídia – baseando-nos na Psicologia Social, Estudos Culturais e da Comunicação –, além de vincular tal base teórica ao contexto do trabalho doméstico no Brasil e ao Faxina Boa.

### **4.1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS**

Para entendermos o conceito de representação social, recorremos a Serge Moscovici, que elaborou a Teoria das Representações Sociais, dentro do campo da Psicologia Social. Para o autor, todas as interações humanas pressupõem e são caracterizadas por representações. As representações sociais podem ser definidas como um conjunto de valores, práticas e ideias, com função de estabelecer uma ordem que possibilita ao indivíduo se orientar e controlar o mundo material, bem como tornar a comunicação possível entre membros da sociedade, através da familiarização com os objetos (MOSCOVICI, 2007). A produção de representações sociais, segundo o autor, dá-se no campo do senso comum, do saber não científico (MOSCOVICI, 2007). Corroborando com Moscovici (2007), Sergio Silva (2019, p. 67), pontua que "a representação social é o ato de pensar e agir a partir dos elementos da realidade social vivida ou observada, como base no saber comum". A partir disso, compreende-se que tal representação produz comunicação e conhecimento, com base em relações sociais do cotidiano.

Dessa forma, apreende-se, também, que representações e comunicação estão interligadas. Para Gerard Duveen, tradutor da obra de Moscovici no Brasil, à medida que surgem novas formas de comunicação, surge a necessidade da emergência de novas representações (DUVEEN, 2007). No campo da comunicação vemos o funcionamento das representações sociais na prática, implicando efeitos na compreensão e nos comportamentos sociais.

Portanto, de acordo com essa visão, as representações sociais são formas de conhecimento tangíveis, superficiais e baseadas em conhecimento e comunicação produzidos

socialmente, no senso comum. Este último, por sua vez, "reelabora e cria imagens referentes aos conhecimentos na vida cotidiana em relação a outras formas de produção de conhecimento e a outros conhecimentos com base nas práticas comunicativas." (SILVA, 2019, p. 54).

Retomando nossa reflexão a respeito de marcadores sociais da diferença e interseccionalidade, uma representação social que circula através do senso comum, segundo Joice Berth (2019), diz respeito à mulher negra e à afetividade, ou seja, articula raça e gênero. Ana Cláudia Pacheco (2013, p. 26) esclarece que a mulher negra está naturalmente associada ao erotismo, trabalho doméstico e escravidão estando, assim, fora de um "mercado afetivo". Por outro lado, as mulheres brancas pertencem, segundo essa representação social, ao mercado do afeto, sendo associadas ao casamento e relacionamentos estáveis (PACHECO, 2013).

Para além da Psicologia Social, adentrando nos Estudos Culturais da Comunicação, encontramos mais um significado para a representação, buscando atrelá-la com a cultura. Stuart Hall diz que a representação é "a produção do significado dos conceitos da nossa mente por meio da linguagem." (HALL, 2016, p. 34). Nós damos sentido às coisas à medida que as representamos. Palavras, histórias, imagens, emoções e classificações de determinado objeto são formas de representar (HALL, 2016). Logo, a representação é a articulação entre conceitos e linguagem.

Hall (2016) aprofunda sua discussão sobre o tema, ao definir os sistemas de representação. Estes são formas de agrupamento, organização e classificação de conceitos, além de relações complexas entre eles. Dentro do processo de significação da cultura, segundo o autor, existem dois sistemas de representação relacionados. Com o primeiro, damos sentido às coisas por meio de um conjunto de correspondências e equivalências entre a) pessoas, objetos, ideias abstratas e b) o nosso sistema de conceitos. O segundo sistema de representação diz respeito à conexão entre esse sistema de conceitos com um conjunto de signos dispostos nas linguagens, que indicam e representam tais conceitos. Portanto, percebe-se uma relação entre as coisas – pessoas, objetos, ideias abstratas –, conceitos e signos centrada na produção de sentido na linguagem. A representação ocorre, desta forma, ao ligarmos esses três elementos (HALL, 2016).

Para estabelecermos um elo entre a representação e a cultura, é necessário cunhar este último termo. De acordo com Hall (2016), cultura é um conjunto de significados compartilhados entre membros de uma sociedade. Isso implica que integrantes de um determinado grupo, que partilham uma mesma cultura, saibam interpretar e dar sentido aos

acontecimentos de forma semelhante. A cultura exalta o domínio do simbólico que há na sociedade, uma vez que diz respeito a práticas de sentido, que exigem interpretação (HALL, 2016).

Considerando que partilhar uma cultura é partilhar um código cultural, ou seja, um modo de comunicação que permite a produção de sentido entre os membros daquela cultura, podemos afirmar que estes indivíduos precisam estar familiarizados com o código usado. Sendo assim, retomando Moscovici (2007), que argumenta que a representação social torna o não-familiar em algo familiar, o processo de fazer parte de uma cultura é permeado por representações. Não é à toa que Hall (2016) pontua que a representação conecta o sentido e a linguagem à cultura.

Se nosso mundo é permeado por cultura e linguagens, podemos concluir que somos cercados por representações. Nesta pesquisa, especificamente, buscamos entender as representações acerca das trabalhadoras domésticas no Brasil a partir do Faxina Boa. Sônia Roncador fez uma extensa pesquisa a respeito do imaginário construído sobre as empregadas domésticas no Brasil, de 1889 a 1999, a partir da literatura brasileira do período. Conforme escreveu em ensaio de 2015, a autora visa, com seus estudos, explorar como a classe dominante busca conciliar o legado escravista e colonial sobre o trabalho doméstico com suas aspirações à modernidade (RONCADOR, 2015).

Ela nos situa que, a partir da metade do século XIX, manuais de economia doméstica e romances de folhetins passaram a exercer um papel de 'ensinar' e promover uma iniciação das mulheres das classes média e alta na vida doméstica. Essa literatura objetivava subsidiar essas senhoras com habilidades administrativas, para que elas pudessem gerir e manter o controle sobre os empregados, uma vez que a escravidão doméstica estava em declínio. Esse cenário, inclusive, gerava desconforto nas classes mais abastadas, que julgavam o surgimento do trabalho doméstico remunerado como uma ascensão antecipada de um grupo exigente e egoísta de empregados (RONCADOR, 2015).

A partir desse contexto, onde empregadores de classes média e alta claramente não reconheciam seu privilégio e viam com maus olhos o fato de terem que pagar pelos serviços domésticos, a autora discorre brevemente sobre alguns estereótipos identificados em seus estudos. Um deles é o da empregada incompetente e preguiçosa, que surgiu de um sentimento, tido pelas elites, de insegurança e falta de vigilância sobre os empregados. Nesse estereótipo, as trabalhadoras domésticas foram vistas como ameaça à moralidade e à segurança da família (RONCADOR, 2015).

Outro estereótipo trazido por Roncador (2015, p. 97), é o da mãe preta, que ganhou força com a ambiguidade afetiva, na qual a "'estranheza' das empregadas domésticas precisava ser atenuada por meio de uma retórica de parentesco por adoção (e, para fins similares, narrativas de maternidade e amizade adotivas)". Sendo assim, esse estereótipo é relacionado a atributos de cuidado maternal e devoção incondicional à família empregadora.

Segundo Gonzalez (1984, p. 235), o estereótipo da mãe preta 'suaviza' as opressões escravistas, pois nesse contexto de cuidado maternal a mulher negra é vista como "figura boa e vira gente". Enquanto mãe preta, a mulher negra é vista como entreguista e traidora da raça pela comunidade negra, ao passo que, para os brancos, é um exemplo de dedicação e amor. No entanto, Gonzalez (1984) afirma que, na realidade, ela recusa ambas descrições, sendo, simplesmente, a mãe. E assim o é porque amamenta, dá banho, põe para dormir, brinca, dá comida e cria um vínculo único de mãe e filho com as crianças de seus senhores/empregadores. Aqui retomamos a ambivalência entre afeto e distanciamento simbólico que, ao mesmo tempo que determina o não lugar da trabalhadora doméstica 'mãe preta', estabelece laços afetivos entre ela e as crianças da família empregadora.

Trazemos estes exemplos para ilustrar práticas representacionais – assim Hall define a estereotipagem, conceito que será melhor trabalhado no próximo subcapítulo – acerca das trabalhadoras domésticas. Podemos perceber, portanto, através da pesquisa empreendida por Roncador (2015) e da reflexão proposta por Gonzalez (1984), que, ao longo da história, foram sendo construídas e consolidadas determinadas representações sobre tais trabalhadoras.

Tal consolidação é explicada por Moscovici (2007), que afirma que as representações sociais possuem duas funções: convencionalização e prescrição. Através delas, objetos são determinados e categorizados, passando a serem reconhecidos de certa forma. Ou seja, são convencionalizados na sociedade. E, como segunda função, as representações sociais se impõem a nós de forma irresistível, prescrevem uma força sobre a sociedade. Tal força, que permite esse poder conferido às representações sociais, deve-se à soma de uma estrutura preexistente a nós a uma tradição que determina o que deve ser pensado (MOSCOVICI, 2007). Sendo assim, as representações sociais são compartilhadas e reforçadas pela sociedade, de modo que "quanto mais sua origem é esquecida e sua natureza convencional é ignorada, mais fossilizada ela se torna." (MOSCOVICI, 2007, p. 41). Logo, observa-se claramente a presença da naturalização no processo de representação.

Neste sentido, também, podemos pensar sobre como os objetos e representações têm seus significados construídos. Hall (2016) alerta que não podemos tomar os sentidos das



coisas como inerentes. Eles são resultado de uma prática significativa, a qual produz sentidos (HALL, 2016). Ou seja, significados são produções socioculturais.

O autor também aborda a questão da naturalização. Esta, segundo ele, é uma estratégia representacional que objetiva convencionar diferenças e ancorá-las permanentemente. Assim, evita-se uma possível mudança ou questionamento sobre os significados, encerrando o debate ideológico. Para ilustrar este argumento, Hall (2016) traz como as culturas do povo negro foram reduzidas a algo natural. Como exemplos, tem-se que os negros são 'preguiçosos', porém 'aptos ao trabalho duro'; são primitivos e hipersexualizados. Tais apontamentos, que demarcaram diferenças entre brancos e negros, foram naturalizados, pois, caso as diferenças fossem culturais, poderiam ser modificadas. Ao naturalizar, atribui-se um caráter de inerência de tais características àquele povo (HALL, 2016).

Percebemos a naturalização de sentidos na divisão sexual do trabalho, já apresentada anteriormente. Ao estabelecer-se, social e historicamente uma diferenciação entre trabalhos 'de mulher' e 'de homem', naturalizou-se, por exemplo, que limpar a casa é 'coisa de mulher'. Tal visão misógina foi sendo perpetuada ao longo dos anos e, como pontuaram Moscovici (2007) e Hall (2016), a origem da divisão foi sendo esquecida. Logo, ela foi se fortalecendo, ao passo que se tornou intrínseco, a cada um dos gêneros, o seu 'papel' social.

Complementarmente, Kathryn Woodward (2009) argumenta que a representação opera um tipo de poder, no qual devemos questionar a preferência de alguns significados sobre outros. As práticas de significação envolvem relações de poder e, neste contexto, há a inclusão e exclusão de pessoas e objetos em determinados conjuntos (WOODWARD, 2009). Desta forma, o estabelecimento de diferenças, conforme Hall (2016), trata-se de um jogo de poder. Podemos dizer, então, que a naturalização e o convencionamento das representações dizem respeito a um poder simbólico.

Nesse campo do poder há o território da mídia, que reproduz determinadas representações sociais e culturais. Assim, buscamos entender, no próximo subcapítulo, como as representações midiáticas auxiliam no reforço, ou seja, na naturalização de estereótipos e representações.

## 4.2 REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS

A mídia vem se tornando, cada vez mais, um espaço de veiculação de elementos simbólicos que caracterizam a cultura, seja ela hegemônica ou subalternizada, compartilhada

em sociedade. Dado o caráter construtor e reproduzidor cultural da mídia, entende-se, portanto, que ela está ligada com os sentidos que permanecem ou se transformam nas culturas (JORDÃO, 2011). Fazer uma articulação teórica entre representação e mídia é necessário para o entendimento do trabalho doméstico, bem como das empregadas domésticas e faxineiras e suas respectivas representações nos meios de comunicação, além de colaborar no entendimento de como estas constroem o imaginário popular e introjetam estereótipos.

Por isso agregamos, neste subcapítulo, representações midiáticas de trabalhadoras domésticas, na ficção televisiva, para estabelecer, posteriormente, diálogos e tensionamentos com nosso objeto empírico, o Faxina Boa. É importante pontuar que discutimos algumas representações midiáticas da ficção televisiva a partir de determinados estudos, porém não será uma discussão exaustiva. O que se pretende, com ela, é apresentar subsídios para que entendamos como as representações de trabalhadoras domésticas na mídia funcionam.

Segundo Elfriede Fürsich (2016), pesquisadores dos Estudos Culturais foram os responsáveis pelos principais esforços no entendimento das representações midiáticas do Outro. De acordo com a autora, o fluxo midiático é permeado por representações, que vêm a estabelecer e convencionar regras e ideias de senso comum sobre grupos de pessoas na sociedade (FÜRSICH, 2016). Vale retomar Moscovici (2007) para pensarmos que as representações sociais – e também as culturais – circulam, portanto, nos espaços midiáticos, uma vez que produzem e são produzidas no senso comum, tornando-se reproduções midiáticas.

Hall (1997) complementa que, dentro dos Estudos Culturais, surgiu uma abordagem crítico-cultural da mídia, na qual os pesquisadores estudaram a questão da representação a fim de ultrapassar o conhecimento de que as mensagens da mídia apenas refletem a realidade. Sendo assim, a mídia cria representações essenciais e significativas para que sejam produzidos e compartilhados sentidos (HALL, 1997). E ao encontro dessa abordagem crítico-cultural, vale o alerta de Hall (2016), para não tomarmos como naturais os significados das coisas, tendo sempre em mente que são construídos.

Vera França (2004) articula e aproxima os conceitos de representação, meios e mediações. Ao explicar representação e mediação, a autora entrecruza ambos, a fim de entender a concepção da comunicação. Para ela, a representação é um fenômeno complexo, que possui dupla natureza – instauração de sentidos e inscrição material –, que sofre constantes mudanças, tanto na dimensão simbólica quanto na forma (FRANÇA, 2004). É importante compreender, segundo França (2004), que não existe um significado único e findo

para um objeto. O que existe é um mapa de possibilidades e sentidos distintos, que se interpõem, entrecruzam e se excluem.

A partir dessa ideia de possibilidade de significações, João Freire Filho (2005) corrobora com França (2004) ao argumentar que, uma vez organizadas e determinadas por discursos, sejam eles naturalizados ou marginalizados, as representações carregam sentidos que circulam e se articulam em diferentes tempos e lugares. O autor complementa que, dessa forma, existe a disputa por hegemonia entre os grupos sociais – subordinados e dominantes –, pois há construção e repressão de determinados significados através das representações na sociedade como um todo e na mídia (FREIRE FILHO, 2005). Logo, o terreno de representações – sociais, culturais e midiáticas – é um local de disputa de poder.

Além disso, considerando que as representações são produzidas no cerne dos processos sociais, estão ligadas a seus contextos históricos, refletindo-os. No entanto, elas também dinamizam e determinam práticas sociais, pois são sentidos construídos e convencionalizados (FRANÇA, 2004). A autora argumenta, ainda, que as representações existem enquanto práticas comunicativas, uma vez que elas são construídas e assimiladas pelos indivíduos dentro de seus contextos experienciais e relacionais. Logo, a aproximação entre mediações e representações começa nos sujeitos. Afinal, estes percebem o mundo ao seu redor e são afetados por imagens e, a partir desses processos, devolvem essas imagens na forma de representações (FRANÇA, 2004).

Mídia e representações se aproximam, então, à medida que entendemos o caráter social de ambas: a primeira ocupa um importante lugar social, enquanto as representações circulam pela sociedade, ganhando sentido em contextos relacionais específicos (FRANÇA, 2004). A mídia, portanto, auxilia na demarcação de contexto que confere sentido às representações.

Dentro do território midiático, temos o campo da ficção televisiva, que, segundo França (2004), é um local propício para as representações. Dennis de Oliveira e Maria Angela Pavan (2004) discorrem sobre o produto midiático das telenovelas, enquanto elemento com implicações sociais e políticas. Assim o descrevem:

A telenovela, ao mesmo tempo que se trata do principal fenômeno social e elemento central na construção do cenário de representação política, também articula esta dimensão política ao cotidiano, pois trata-se de uma história ficcional centrada em tramas do cotidiano das personagens. As identificações/projeções que o público constrói a partir das personagens/valores apresentados pelas telenovelas implica na absorção de modelos de comportamentos políticos e posturas em relação aos conflitos propostos pelas telenovelas. No caso das relações raciais, a telenovela, longe de negar a existência do racismo, apresenta diversos modelos de

comportamento – que implica em formas de absorção, enfrentamento e transcendência. (OLIVEIRA; PAVAN, 2004, p. 7).

Lorena Esteves, Camila Leal, Danila Cal e Rosaly Brito (2020) fizeram uma análise sobre personagens de trabalhadoras domésticas em três telenovelas da Rede Globo – 'A Regra do Jogo', 'Avenida Brasil' e 'A Dona do Pedaço'. Nesse processo, as autoras observaram a interseccionalidade presente nas personagens analisadas, uma vez que todas eram mulheres pobres e a maioria negra (ESTEVES *et al.*, 2020). Ou seja, há o atravessamento de classe, gênero e raça nas representações dessas trabalhadoras em telenovelas. Renata Macedo (2016) acrescenta à construção do estereótipo das trabalhadoras domésticas nas novelas a invisibilidade, seu papel como objeto sexualizado, a satirização enquanto mulheres de classes populares e as tentativas de ascensão social, muitas vezes através de relações com pessoas do núcleo dos empregadores.

Das trabalhadoras domésticas representadas na telenovela cujas vidas sofreram alguma transformação, comumente esta última está relacionada com classe e consumo. Classe é um atravessamento essencial no estudo do trabalho doméstico e nota-se isso preponderante nas representações midiáticas dessa ocupação. Em análise sobre a telenovela 'Cheias de Charme', Iara Moura (2013) pontua que as protagonistas – 'As Empreguetes' – chegaram ao auge não com aquisição de direitos trabalhistas – o que seria justificável, uma vez que a novela foi exibida em 2012, no contexto inicial da PEC das Domésticas –, mas sim ao adquirir poder aquisitivo equivalente ao das classes mais altas, como seus empregadores. E isso pode ser explicado pelo caráter social do consumo, elucidado por Martín-Barbero (1997, p. 289-290), quando este pontua que "o consumo pode falar e fala nos setores populares de suas justas aspirações a uma vida mais digna".

No entanto, há também as tentativas sem sucesso de mudança de vida. Em análise sobre o seriado 'A Diarista', exibido pela TV Globo de 2004 a 2007, Carla Barros (2012) pontua que sempre que a trabalhadora doméstica protagonista, interpretada por Cláudia Rodrigues, passava por alguma situação em que houvesse a chance de mudança de lugar social, não havia um final feliz. Pelo contrário, era sempre caótico, o que a fazia retornar à conformidade com a subordinação.

Quando personagens de trabalhadoras domésticas não são protagonistas das tramas, a ficção reforça a diferença hierárquica entre empregadas e empregadores, sendo a pobreza imutável uma condição da doméstica ao longo de toda a trama (BARROS, 2012). Ademais, frequentemente, sua personagem não possui narrativa própria e aparece apenas em torno da história dos patrões (ESTEVES *et al.*, 2020). As personagens das trabalhadoras domésticas,

portanto, normalmente estão no papel de coadjuvantes e percebemos isso na maioria das representações midiáticas mapeadas no presente trabalho.

A partir dessa construção de personagens e reprodução de representações baseadas em estereótipos, Esteves *et al.* (2020) argumentam que os discursos que circulam na mídia estão envolvidos na construção de identidades, bem como no reforço e contestação a estereótipos. Se temos, por um lado, representações de trabalhadoras domésticas em novelas como descrito até então, reforçando alguns estereótipos, em contrapartida, buscamos a contestação a estes em nosso objeto empírico, o *Faxina Boa*. No capítulo 5 exploramos as possibilidades para tal prática.

Hall (2016, p. 191) define a estereotipagem como uma prática representacional, que "reduz, essencializa, naturaliza e fixa a diferença". Ser estereotipado, então, é ser "reduzido a alguns fundamentos fixados pela natureza, a umas poucas características simplificadas." (HALL, 2016, p. 173). Como características da estereotipagem, Hall (2016) pontua a prática de fechamento e exclusão, na qual ela determina, simbolicamente, os limites e exclui aquilo que não pertence a eles. Outra questão diz respeito a locais simbólicos onde ocorrem a prática de estereotipagem: tendem a ser locais com muita desigualdade de poder. Articulados a limites e exclusões, os estereótipos normalmente são dirigidos contra grupos subordinados e marginalizados. Sendo assim, para Hall (2016), a estereotipagem faz parte da manutenção da ordem social e simbólica, estabelecendo fronteiras entre o normal e o diferente, normal e patológico, entre outros binarismos.

Na estereotipagem fica estabelecida uma conexão entre representação, diferença e poder. Este último vai além de restrição ou coerção física direta, ele existe na representação como o poder de atribuir e classificar no campo simbólico. Portanto, o poder deve ser entendido também em termos simbólicos e culturais, incluindo o poder de representar algo ou alguém dentro de um determinado regime de representação. Neste contexto, a estereotipagem é um elemento-chave no exercício de violência simbólica (HALL, 2016).

Freire Filho (2005) complementa que a demarcação de estereótipos induz a um senso comum sobre o Outro, a uma ideia baseada em representações convencionalizadas. E, nesse contexto, "os meios de comunicação de massa são a grande fonte de difusão e legitimação dos rótulos." (FREIRE FILHO, 2005, p. 24).

Como já discutimos, observa-se a interseccionalidade preponderante nas personagens de trabalhadoras domésticas nas telenovelas. O marcador de raça é expressivo nesse núcleo da dramaturgia. Para Sueli Carneiro (2019),

[...] os meios de comunicação vêm se constituindo em um espaço de interferência e agendamento de políticas do movimento de mulheres negras, pois a naturalização do racismo e do sexismo na mídia reproduz e cristaliza, sistematicamente, estereótipos e estigmas que prejudicam, em larga escala, a afirmação de identidade racial e o valor social desse grupo. (CARNEIRO, 2019, p. 306).

Ainda de acordo com a autora, é necessário entender que a mídia não só reproduz representações sociais que permeiam o imaginário das pessoas, como também constrói os sistemas representacionais (CARNEIRO, 2019). Complementar a este apontamento, Kellner (2015)<sup>24</sup> *apud* Libardi (2019), alega que os meios de comunicação de massa e digitais produzem materiais dos quais nos apropriamos para formar nossas identidades. Valores, noções e ideias advêm, em grande parte, do que absorvemos dos meios, "incluindo nosso senso de individualidade; nossa noção de o que significa ser homem ou mulher; nossa concepção de classe, etnicidade, raça, nacionalidade, sexualidade; e de divisão do mundo em categorias de 'nós' e 'eles'." (KELLNER, 2015, p. 7 *apud* LIBARDI, 2019, p. 4).

Corroborando com os exemplos expostos até então sobre trabalhadoras domésticas representadas em programas midiáticos, Fürsich (2016) aponta que algumas pesquisas nas áreas de mídia e cultura demonstram grupos marginalizados socialmente, não-brancos, pobres, entre outros, reduzidos a poucas características, ou seja, estereotipados em uma pequena gama de representações, nos espaços da mídia. A autora pontua, ainda, que as representações dessas diversas minorias estão, geralmente, relacionadas a "um imaginário racista estabelecido historicamente como literatura e ciência coloniais" (FÜRSICH, 2016, p. 52-53) e isso é extremamente problemático.

O cenário não parece muito otimista, diante das constatações feitas até então. Nesse caso, vale lembrar o intuito deste trabalho de pesquisa, que visa compreender como a comunicação do Faxina Boa no Instagram contribui no processo de desconstrução de estereótipos a respeito da representação sociocultural das trabalhadoras domésticas no Brasil. Por enquanto, vamos tentar enxergar perspectivas alternativas à problemática das representações baseadas em estereótipos dentro do campo teórico.

Hall (1997) propõe a transcodificação como um caminho possível para fugir das representações dominantes. Partindo da premissa que uma representação nunca se finda em um único significado e este nunca pode ser fixado totalmente à determinada representação, podemos ressignificar e reapropriar os sentidos das representações (HALL, 1997). Essa ideia do autor é problematizada por Fürsich (2016), pois, segundo ela, as representações midiáticas

---

<sup>24</sup> KELLNER, Douglas. Cultural Studies, multiculturalism, and media culture. In: DINES, Gail; HUMEZ, Jean M (eds.) **Gender, race, and class in media: a critical reader**. London: Sage Publications, 2015. p. 7.

são, muitas vezes, ambíguas e a proposta de Hall implica um binarismo entre representação positiva ou negativa. E, em uma proposta que remete, de certa forma, ao perfil do Faxina Boa, a autora coloca que

[...] a transcodificação também pode ser usada para a produção de conteúdo. Por exemplo, alguns importantes passos para a transcodificação podem ser histórias que aumentem as representações e quebrem estereótipos por meio do uso do humor e do exagero para apresentar a posição dominante sob uma nova ótica [...]. (FÜRSICH, 2016, p. 58).

Sendo assim, vislumbra-se um horizonte otimista para desconstruir estereótipos. A partir das análises de personagens de alguns programas midiáticos, notou-se uma supressão das subjetividades da maioria das personagens de trabalhadoras domésticas. Por meio dos trabalhos expostos até então, vimos que esta classe trabalhadora está sujeita a representações simplistas e preconceituosas da sua ocupação. No entanto, nesta pesquisa buscamos por representações que as façam sujeitas com narrativas próprias e protagonistas das próprias histórias. A seguir, discorreremos sobre uma possível mudança nas representações sociais, culturais e midiáticas e sobre as identidades ligadas às trabalhadoras domésticas neste contexto.

#### 4.3 REPRESENTAÇÕES E MÍDIAS DIGITAIS: POSSIBILIDADES DE MUDANÇAS?

As mídias digitais e redes sociais, ao mesmo tempo que abrem espaço para novos modos de interação, também possibilitam novas representações. Alex Primo (2007) argumenta que a interatividade é um marco da comunicação na internet e que este ambiente é propício para conexões entre usuários, que se tornam, também, codesenvolvedores da mídia digital. Nesse contexto está inserido nosso objeto de estudo, o Faxina Boa. Em nossa visão, tal conectividade nas redes sociais digitais e na internet potencializa o surgimento de perfis que cocriam o espaço midiático. O Faxina Boa é um perfil que foi possível graças a este meio de comunicação, desde o surgimento, para divulgação do serviço de faxina, até o momento atual, considerando a Veronica como uma influenciadora e representante da comunidade das trabalhadoras domésticas.

De acordo com Paula Sibilia (2008), os usuários do meio digital têm a incumbência e o poder de serem frentes de resistência à opressão e a poderes hegemônicos, buscando novas formas de ser e estar na sociedade e no mundo. Nesse sentido, podemos refletir que Veronica,

do Faxina Boa, empodera a si própria e a este grupo que ela representa, possuindo um lugar de fala que é exponenciado pelas redes sociais digitais.

Empoderar, na visão de Joice Berth (2019), é estimular, de alguma forma, a aceitação de características culturais, pessoais e sociais a fim de, em posse de conhecimento sobre si e sobre tais características, descobrir e criar poderes e ferramentas capazes de transformar, em algum nível, o mundo a sua volta, em prol do coletivo. Quando pensamos o Faxina Boa como agente com o potencial que Sibilia (2008) ressalta, justificamos seu empoderamento pois empoderar é, sobretudo, "pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto, entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da História." (BERTH, 2019, p. 19).

Sharma Batliwala (1994)<sup>25</sup> *apud* Cecília Sardenberg (2012) complementa a definição de empoderamento, ao afirmar que o termo engloba toda atividade que envolva contestação das relações de poder préestabelecidas. Nos grupos em que o acesso ao poder é determinado pelos marcadores sociais da diferença – gênero, raça, classe –, o empoderamento acontece quando estes reconhecem a opressão que sofrem e agem em prol da mudança das estruturas que determinam tais opressões. Sendo assim, o empoderamento visa transformar as forças do sistema que marginalizam certos grupos.

Segundo Berth (2019), é necessário pensar o empoderamento como conquista necessária ao coletivo, como um conjunto de estratégias que combatam diferentes tipos de opressões na sociedade – sexismo e racismo, por exemplo. Para isso, no entanto, a esfera individual deve estar conectada ao processo, "uma vez que uma coletividade empoderada não pode ser formada por individualidades e subjetividades que não estejam conscientemente atuantes dentro de processos de empoderamento." (BERTH, 2019, p. 36-37).

O empoderamento é visto como a continuidade de um processo que se inicia com o lugar de fala, que pleiteia a existência plena e ativa de certos grupos na sociedade (BERTH, 2019). Djamila Ribeiro (2019) argumenta a relevância do lugar de fala para grupos marginalizados e oprimidos. Segundo a autora, falar é mais que emitir palavras, diz respeito, sobretudo, à possibilidade de existência. Assim, propõe que pensemos "lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social." (RIBEIRO, 2019, p. 36-37). Cabe refletir, neste ponto, que lugar de fala e o ambiente proporcionado pelas mídias digitais se relacionam à medida que os usuários têm poder de

---

<sup>25</sup> BATLIWALA, Sharma. The meaning of women's empowerment: new concepts from action. In: SEN, Gita; GERMAIN, Adrienne; CHEN, Lincoln (eds.). **Population policies reconsidered: health, empowerment and rights**. Boston: Harvard University Press, 1994, p.127-138.



transformação, de fazer questionamentos e contestações nesse espaço, como já visto anteriormente.

O Faxina Boa ocupa uma posição social específica enquanto perfil que pertence a uma influenciadora que já teve o trabalho doméstico como ocupação principal. Através desse local de fala, Veronica pode dar voz a diversas trabalhadoras domésticas e ser um meio de representação desta classe. Por isso, como reforça Ribeiro (2019), é necessário entender o lugar de fala para que grupos subalternizados e marginalizados ganhem voz e que seja rompido o silêncio imposto a eles, bem como a hierarquia social de quem pode ou não falar.

Discutimos anteriormente que o território das representações é um local de disputa de poder. Da mesma forma, o território de discussão sobre lugar de fala também o é. Para Ribeiro (2019), o poder articula as identidades de forma que desigualdades são geradas e são estabelecidos diferentes lugares de fala para diferentes indivíduos. As desigualdades estruturam opressões que privilegiam determinados lugares em detrimento de outros (RIBEIRO, 2019).

O lugar de fala cumpre um papel importante no que tange à subjetividade dos indivíduos. Para emprendermos nossa busca sobre representações que mostrem as trabalhadoras domésticas como sujeitas com narrativas próprias, entendemos o conceito de subjetividade de acordo com Woodward (2009), que argumenta que esta é a concepção que temos de nós mesmos. A partir da linguagem e da cultura, no contexto social, vamos compreendendo nosso 'eu' e adotamos uma identidade.

Nesse contexto, evidenciamos a relevância das representações, por produzirem significados que nos posicionam como sujeitos no mundo. Enquanto processos culturais, as representações estabelecem identidades individuais e coletivas (WOODWARD, 2009). Juntamente dos discursos, os sistemas de representação possibilitam os lugares de fala, ou seja, como os sujeitos podem se posicionar e ter voz – e vez – na sociedade.

Retomando o contexto do ambiente digital, Ribeiro (2019) nos elucida que este espaço é um local de disputa de narrativas, no qual grupos marginalizados encontram um lugar para existir, ou seja, um lugar de fala. Observamos isso no perfil do Faxina Boa, que acontece nas redes sociais digitais. Segundo a autora, ainda que com limites – como os 12,6 milhões de domicílios do país em que não havia utilização da Internet, em 2019<sup>26</sup> (IBGE, 2021) –, algumas vozes subalternizadas e oprimidas têm conseguido abrir espaço e provocar rachaduras nos discursos hegemônicos. Mas, mesmo assim, é imprescindível que se continue

---

<sup>26</sup> Segundo levantamento da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2019, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

debatendo e pensando sobre lugar de fala (RIBEIRO, 2019) e, acrescentemos, também, sobre o empoderamento de grupos marginalizados.

Seria possível, então, uma mudança nas representações que tornasse as trabalhadoras domésticas apenas sujeitas com narrativas próprias e não mais sujeitas a representações estereotipadas? Embora tenhamos debatido o terreno fértil de transformações sociais que encontramos no ambiente digital, Ribeiro (2019) nos dá uma resposta negativa.

Pensando no marcador de raça, a autora afirma que mesmo que os sujeitos negros sejam agentes de resistência e reacionários, eles não deixam de sofrer racismo, e isso vale para outros grupos subalternizados também (RIBEIRO, 2019). Portanto, ao mesmo tempo que as trabalhadoras domésticas podem ser sujeitas com narrativas próprias, elas estão sujeitas a representações estereotipadas. Assim sendo, mesmo que consigamos encontrar representações de trabalhadoras domésticas como sujeitas protagonistas de suas narrativas, elas seguem sob o jugo da estereotipagem.

Podemos entender essa dualidade retomando Hall (2016) e Moscovici (2007) quando falam, respectivamente, da naturalização e convencionalização. Todo o contexto histórico sobre o trabalho doméstico que apresentamos tem influência sobre as representações estereotipadas de trabalhadoras domésticas que expusemos. Existem representações socioculturais fossilizadas na sociedade que, segundo França (2004), circulam e ganham sentido e força em contextos relacionais específicos. Tais contextos são demarcados e ampliados pela mídia, enquanto meio de comunicação. Dessa forma, ao mesmo tempo que a mídia digital pode abrir espaço para desconstrução de estereótipos, ainda temos vozes dominantes que precisam ceder espaço. Justamente por isso é tão relevante o debate sobre lugar de fala, afinal, se todos tivessem o mesmo acesso às plataformas e estivessem no mesmo *locus* social, não haveria sequer essa discussão. Em suma, se os locais simbólicos onde ocorrem a prática de estereotipagem tendem a ser locais com muita desigualdade de poder (HALL, 2016), cabe pensar, portanto, que a internet e as redes sociais digitais, mesmo que representem certos avanços, ainda são espaços onde o poder não é igual para todas as vozes.

Complementarmente, Fürsich (2016) pondera que mesmo o aumento no número de mídias, com a tecnologia digital e a internet, significando uma fragmentação de audiências e, assim, sendo capaz de reduzir o impacto de representações tidas como 'negativas' – o que preferimos chamar aqui de estereotipadas –, representações estabelecidas e enraizadas há muito tempo na sociedade seguem existindo e tendem a sobreviver nas diferentes plataformas midiáticas.

No entanto, podemos refletir que, a partir do empoderamento e do lugar de falar apropriados por determinados grupos, as mídias digitais podem contribuir com forças opostas a representações estereotipadas. Para justificar essa perspectiva otimista, trazemos a rapidez de circulação de conteúdos na internet – a facilidade para um conteúdo 'viralizar' –; a interatividade como fator para perfis ficarem mais conhecidos e conquistarem um lugar de fala e o alcance dos conteúdos publicados na internet ser muito maior em relação a outras mídias.

A mudança nas representações socioculturais e midiáticas acerca das trabalhadoras domésticas é uma problemática estrutural, que envolve a coletividade. Portanto, não podemos pensar que a internet e as redes sociais digitais, única e finalmente, têm o encargo de mudar tais representações, porque são uma área pequena comparada à televisão e seus produtos que reforçam estereótipos sobre a ocupação dessas trabalhadoras, por exemplo. Além disso, há a problemática do acesso à internet no Brasil. Segundo a PNAD de 2019, de 2018 para 2019, na área urbana, o percentual de domicílios com internet foi de 83,8% para 86,7%. Já na área rural, nota-se um acesso precário, mesmo com o aumento de 49,2% para 55,6% (IBGE, 2021).

Portanto, ainda que as trabalhadoras domésticas sigam sendo um grupo subalternizado socialmente e representado de forma estereotipada em alguns produtos midiáticos, vislumbramos uma possibilidade de mudança nos sistemas de representação desse grupo através do ambiente digital. Consideramos este como um meio propício para mudanças graduais e significativas, que podem ter efeito na sociedade e na cultura e, aos poucos, ir transformando-as. No próximo capítulo nos debruçamos, então, sobre nosso objeto empírico, a fim de buscar possíveis mudanças e contestações.

## 5 PASSANDO A LIMPO: O FAXINA BOA E AS REPRESENTAÇÕES

Como discutimos no capítulo 2, a respeito de nosso percurso metodológico, uma vez alinhada com os Estudos Culturais, a pesquisa empreendida no presente trabalho apropria-se, como guia metodológico, do circuito cultural de Johnson (2007). Dentro dele, três momentos nos interessam para realizar a análise de nosso objeto empírico no presente capítulo: a produção, o texto e as leituras.

No subcapítulo 5.1, tecemos a descrição do contexto, ou seja, da produção do texto gerado pelo Faxina Boa. Para isso, baseamo-nos na autobiografia de Veronica Oliveira e em entrevistas suas cedidas a revistas e portais eletrônicos, bem como falas suas em vídeo. Como apontado no subcapítulo 2.1, aspectos culturais e subjetivos engendram-se nos estudos do momento da produção. Dessa forma, através das fontes consultadas, podemos traçar e descrever o contexto segundo esse direcionamento.

Além disso, devemos recordar, também, que faz parte das condições de produção uma série de elementos culturais decorrentes das culturas e dos discursos que circulam na sociedade (JOHNSON, 2007). Isso quer dizer que todo o delineamento teórico que fizemos até então, a respeito do contexto legislativo sobre trabalho doméstico, do histórico dessa ocupação e do modo como esta é representada sociocultural e midiaticamente, compõem esse conjunto de elementos. Assim, discussões trabalhadas nos capítulos teóricos anteriores auxiliam na análise do objeto a partir do momento da produção.

No subcapítulo 5.2, nos debruçamos sobre a análise documental, abrangendo o segundo e terceiro momentos do circuito a serem trabalhados. Buscamos categorizar as postagens do Faxina Boa no Instagram, analisá-las quantitativa e qualitativamente e estabelecer relações com representações e estereótipos descritos anteriormente sobre as trabalhadoras domésticas, nos subcapítulos 4.1 e 4.2. Retomando Johnson (2007), buscamos, no Instagram do Faxina Boa, identificar representações que nos indiquem modos de organização da subjetividade. Para isso, procuramos padrões recorrentes e o que podemos abstrair das postagens – que consistem nos textos (JOHNSON, 2007). Não obstante, temos que ter em mente as formas subjetivas e culturais efetivadas pelo texto (JOHNSON, 2007), ou seja, quais representações culturais e quais representações sobre a subjetividade de Veronica são criadas através de suas postagens no Instagram do Faxina Boa.

Retomando a relação que estabelecemos, no capítulo 2, entre os movimentos metodológicos com os objetivos do trabalho, temos, contemplados nos subcapítulos 5.1 e 5.2, os objetivos C e D. O primeiro busca definir as representações socioculturais das

trabalhadoras domésticas geradas pelo Faxina Boa no Instagram, considerando atravessamentos de raça, gênero e classe. O último visa estabelecer relações entre as representações midiáticas estereotipadas na ficção televisiva e as representações geradas pelo Faxina Boa acerca das trabalhadoras domésticas.

### 5.1 A TRAJETÓRIA DE VERONICA E O SURGIMENTO DO FAXINA BOA

Veronica Oliveira, criadora do Faxina Boa, é mulher, negra, ex-atendente de *telemarketing*, ex-faxineira, empreendedora, mãe e, atualmente, trabalha como criadora de conteúdo.

Até ter a faxina como ocupação principal, Veronica trabalhou em *call centers*, teve dois filhos, foi morar em um cortiço e enfrentou a depressão. Após uma tentativa de suicídio, ela decidiu internar-se em uma clínica psiquiátrica. Depois desse período internada, ela se descobriu como uma excelente faxineira. Ao encontrar-se com uma amiga, que não via há muito tempo, Veronica acabou limpando a casa e foi paga por isso. Neste momento, ela refletiu que, se trabalhasse assim todos os dias, ganhando esse valor, conseguiria sair do quarto em um cortiço de São Paulo, onde morava com os dois filhos, e dar uma vida mais digna para a família (OLIVEIRA, 2020a).

Assim, ela começou a fazer faxinas na casa de amigos e pessoas conhecidas. Essas pessoas elogiavam-na e incentivavam para que Veronica divulgasse seu trabalho. Porém, como conta em sua autobiografia, ela não queria que fosse um anúncio simples. Queria transmitir às pessoas, ao divulgar seu serviço, como gostava de fazê-lo e como se orgulhava. E, não obstante, queria fazer essa comunicação de forma criativa. Para isso, contatou seu ex-namorado da época para ajudá-la a produzir um anúncio diferente. Surgiu, então, o “Casa zoneada? Better Call Veronica!”<sup>27</sup>, inspirado em um personagem de uma de suas séries favoritas (OLIVEIRA, 2020a).

A postagem foi feita no Facebook, em 2016, com uma legenda na qual Veronica contou, com sinceridade e orgulho, o motivo de trabalhar como faxineira e como gostava de fazê-lo. No dia seguinte, a postagem já contava com milhares de curtidas e compartilhamentos. Não demorou para que uma emissora de televisão a contatasse para divulgar o caso. Uma vez que já era usuária assídua das redes sociais digitais para postar sobre sua vida pessoal e preferindo falar de trabalho em uma página que não fosse seu perfil,

---

<sup>27</sup> Trocadilho com o título da série “Better Call Saul”, produção de drama norte-americana, que conta a história de um advogado, James Morgan, e sua trajetória antes de se tornar “Saul Goodman”.

ela criou o @faxinaboa, primeiramente no Facebook, seguido por Instagram e, posteriormente, LinkedIn; Twitter e Youtube foram criados depois. Ao criar a página, ela se propôs a contar um pouco de suas vivências como faxineira, promover reflexões, fazer denúncias e se divertir. Assim, seu conteúdo abrange crônicas do dia a dia, dicas de limpeza, relatos de situações de abuso e até *playlists* de músicas para escutar enquanto faz limpeza (OLIVEIRA, 2020a).

Retomando nossa discussão acerca dos estereótipos das trabalhadoras domésticas discutidos por Roncador (2015), feita no subcapítulo 4.2, Veronica traz, em sua autobiografia, uma colocação a respeito do estereótipo da empregada incompetente e preguiçosa, que ameaça a integridade e segurança da família. Sobre essa construção, Oliveira (2020a, p. 89) conta que sempre se sentiu muito incomodada com a expressão "indicar uma faxineira de confiança", pois implica que as trabalhadoras domésticas que trabalham como faxineiras não são confiáveis. Isso reforça um preconceito acerca da ocupação. E, da mesma forma com que pessoas buscam faxineiras confiáveis, estas também se certificam sobre a casa onde irão trabalhar, uma vez que há muitos riscos para elas também. Veronica conta, por exemplo, que recebeu perguntas de homens que queriam que ela fosse se prostituir ao invés de fazer faxina. Assim, ela decidiu só trabalhar para mulheres (OLIVEIRA, 2020a).

Outro estereótipo questionado por Veronica é o da mulher humilde com pouca instrução.

A figura da mulher que faz a limpeza (levemos em consideração que 92% das pessoas que fazem serviço doméstico no Brasil são mulheres) é o estereótipo da pessoa humilde com pouca instrução. Não se fala muito sobre peculiaridades dessas profissionais, então qualquer coisa que fuja a essa caixinha que criaram para nós já mexe com a percepção das pessoas. (OLIVEIRA, 2020a, p. 103).

Justamente essa mudança de percepção que torna a pesquisa deste trabalho tão relevante. Trata-se de entender como esta ocorre através das representações, acionando, para isso, o Faxina Boa. Através desse objeto empírico, baseando-nos no seu Instagram, buscamos entender como é feita a contestação a estereótipos e a criação de novas representações das trabalhadoras domésticas. Este movimento remete ao conceito discutido no subcapítulo 4.2, por Hall (1997) e Fürsich (2016), de transcodificação, no qual estereótipos dominantes são apropriados e ressignificados.

Oliveira (2020a) exemplifica também os desafios de ser faxineira sem os mesmos amparos legais que as empregadas domésticas possuem, como já discutimos anteriormente no subcapítulo 3.1. A remuneração que ela recebia pelas faxinas tinha que ser administrada por

ela mesma, transformando o valor em vale-transporte, vale-refeição e salário, para que pudesse organizar suas finanças. No entanto, ser seu próprio RH, como ela denomina, não foi fácil e, por vezes, viu-se sem planejamento financeiro. Assim, podemos perceber como a legislação influencia também na parte de remuneração das trabalhadoras domésticas sem vínculo contínuo.

Aos poucos, Veronica foi incrementando seu trabalho, garantindo equipamentos para a sua segurança, como sapatos antiderrapantes, luvas e uniformes, que tratavam-se de camisetas estampadas. Segundo ela, não queria que remetesse aos uniformes de empregada que se convencionaram através de programas midiáticos. Neste momento de aperfeiçoamento de seu trabalho, o Faxina Boa ganhou um logotipo para estampar os uniformes (OLIVEIRA, 2020a).

Segundo Veronica, o Faxina Boa foi criado com o propósito de falar sobre o empoderamento das diaristas e a rotina de trabalho de uma profissional de limpeza (LAZARINI, 2019). Contudo, Veronica se posiciona, para além da luta das trabalhadoras domésticas, na luta dos prestadores de serviço, questionando sua desvalorização e os preconceitos sociais acerca desses. A inferioridade imposta em relação às trabalhadoras domésticas, porteiros e motoristas é tensionada por Veronica, que alega que se alguém precisa daquele serviço, ele não tem porque ser descredibilizado. Além disso, muitas pessoas que se crêem superiores, por ter um diploma, esquecem que também são prestadoras de serviço. (OLIVEIRA, 2020a).

Com algumas aparições na televisão e portais da internet, não demorou para que fosse convidada para falar diante de um público, no formato de palestra. O primeiro convite para isso ocorreu em outubro de 2017, a respeito de um evento para comunicadores na sede do Twitter Brasil (OLIVEIRA, 2020a). A internet proporcionou, também, o primeiro contato da pesquisadora deste trabalho com o Faxina Boa. Foi através de um vídeo que viralizou, originalmente publicado no canal do Youtube “ter.a.pia”, em 2019, intitulado “Muito mais que uma Faxina Boa | Histórias de ter.a.pia #47”<sup>28</sup>. Neste, enquanto lava a louça, Veronica debate sobre sua vivência como faxineira e traz questionamentos que se chocam com estereótipos sobre essa ocupação no Brasil. Esse discurso circulou em várias redes sociais digitais e foi divulgado por algumas personalidades da mídia, como Luciano Huck, por exemplo, em seu Facebook. Apesar de, em sua autobiografia, Veronica não mencionar este vídeo como um

---

<sup>28</sup> O canal "ter.a.pia" no Youtube é um espaço para postagem de vídeos onde pessoas lavam louça e contam histórias. É produzido por Alexandre Simone e Lucas Galdino. Vídeo do Faxina Boa, no qual Veronica está lavando a louça, está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qir08F7ZgEM&t=22s>.

marco em sua carreira como faxineira e produtora de conteúdo, acreditamos que, dada a ampla visibilidade e capilaridade da internet, este vídeo foi um propulsor para aumentar o conhecimento sobre ela e o Faxina Boa. Em seu livro, Veronica afirma que as suas aparições na televisão contribuíram significativamente para o crescimento no número de seguidores nas redes sociais digitais (OLIVEIRA, 2020a).

Depois de fazer um curso sobre aceleração de *startups*, Veronica se viu dividida entre investir no Faxina Boa como empresa de limpeza residencial ou investir na carreira de criação de conteúdo. Inicialmente, optou pela primeira alternativa, contratando algumas pessoas para trabalharem com ela, de forma que fosse a administradora, controlando pagamentos e atendimento. Porém não se adaptou a este modelo e, no fim de 2019, preferiu abandonar este negócio. Não tardou para que todas as atividades exercidas por Veronica fizessem com que o seu ofício como faxineira deixasse de ocorrer. Assim, o Faxina Boa passou a ser um perfil comunicador das ideias da sua criadora na internet (OLIVEIRA, 2020a).

Dessa forma, Veronica passou a se dedicar, como ela mesma descreve, ao ofício de Faxineira de Ideias, de forma que a sua principal fonte de renda, atualmente, é a produção de conteúdo para marcas (FREITAS, 2021). Sua carreira como criadora de conteúdo iniciou com o aprendizado que adquiriu nas próprias faxinas, trabalhando em casas e apartamentos de pessoas ligadas ao *marketing* e à comunicação. Segundo Oliveira (2020a), todas essas faxinas tinham um pouco de mentoria, na qual ela ia aprendendo sobre o que faz atualmente como profissão. Ao perceber o crescimento do Faxina Boa enquanto marca e negócio, decidiu fazer cursos para aprimorar sua atuação nas redes sociais digitais (OLIVEIRA, 2020a).

Através de entrevista concedida à Carolina Delboni, da revista *TPM* do portal UOL, em 2020, a criadora do perfil fala que tem orgulho de ter sido faxineira, e luta para mudar o imaginário estereotipado da ocupação das trabalhadoras domésticas. No seu cotidiano enquanto faxineira, Veronica percebeu muitos preconceitos, tais como olhares de pena, não receber um 'bom dia' de volta do empregador e ganhar 'doações' de objetos que não estavam em condições de uso (OLIVEIRA, 2020c). Tais comportamentos, Oliveira (2020a, p. 94) classifica como "microagressões". Ela ressalta que, se mesmo com o alcance que possui na internet ela sofre esse tipo de situação, então, imaginemos o que trabalhadoras domésticas que não tem como expor ou denunciar sofrem. Quando ela comprou um celular melhor, para ajudá-la também na produção de conteúdo, ouviu comentários julgando incompatíveis sua ocupação e seu aparelho móvel. Essa microagressão faz parte do imaginário estereotipado acerca das trabalhadoras domésticas.



Para Oliveira (2020a), profissionais de limpeza são invisíveis, seja nos uniformes discretos para passarem despercebidos ou na nomenclatura 'tia da limpeza', que anula a identidade desta pessoa. No entanto, Veronica argumenta que o seu trabalho vai muito além de uma faxina: ela não só limpa uma casa, ela faz

[...] com que a sua chegada depois de um dia de trabalho seja mais agradável, que você tenha mais tempo para se dedicar a sua família e carreira, que aquela reunião entre amigos seja mais gostosa (...). Eu ajudo você, seus filhos, seus *pets* e suas plantas a ter uma vida mais saudável, eu me importo com detalhes que talvez você deixe passar batido e ainda contribuo para que seus pertences durem mais tempo; eu separo o seu lixo para reciclagem, eu prezo pela economia dos seus produtos e recursos, eu me preocupo com seu bem-estar e até fico pensando em como você curtiu aquele ambiente gostoso depois de uma faxina bem-feita. É muito mais do que limpeza. (OLIVEIRA, 2020a, p. 103-104).

Essa definição traz à luz o modo como a criadora do Faxina Boa enxerga, portanto, a ocupação das trabalhadoras domésticas remuneradas. Buscamos entender, adiante, como isso se faz presente no seu Instagram através das representações.

Consideramos o perfil do Faxina Boa, então, como pertencente a uma influenciadora digital. Ou, como ela própria se denomina, "inspiradora digital", pois, segundo Veronica, faz parte de seu trabalho nas redes sociais digitais inspirar as pessoas a lutarem por si (OLIVEIRA, 2020c).

O seu trabalho como "inspiradora digital" traz resultados tanto em relação às trabalhadoras domésticas quanto aos empregadores. Segundo Veronica, ela recebeu relatos de uma mulher que conseguiu se separar graças à remuneração com trabalho doméstico e que voltou a estudar, além de relatos de mulheres que pagam a faculdade dos filhos e compram imóveis com dinheiro advindo do trabalho doméstico remunerado. Em contrapartida, a criadora do Faxina Boa contou à Luiza Lemos, do portal iG Delas, em 2020, que já recebeu, após palestras, pessoas que, a partir da sua fala, mudaram a percepção sobre o trabalho doméstico e reconhecem que a forma que tratavam as faxineiras era, de alguma forma, preconceituosa (OLIVEIRA, 2020b).

Ao analisarmos o Faxina Boa, precisamos nos atentar, também, para os marcadores sociais da diferença presentes neste objeto. Veronica é mulher, negra e moradora da periferia. Sendo assim, interseccionam-se gênero, raça e classe juntamente ao trabalho doméstico, ocupação escolhida por ela para se restabelecer após perder o emprego no *telemarketing*. Segundo a própria Veronica, na entrevista concedida à *TPM*, sua maternidade solo enquanto mulher negra faz ela ser vista como uma pessoa inferior, perante às construções sociais vigentes (OLIVEIRA, 2020c). Por isso seu trabalho nas redes sociais digitais se torna ainda

mais relevante e não podemos ignorar postagens que falem de maternidade e outros assuntos não relacionados diretamente ao trabalho doméstico. É relevante entender outros aspectos da vida de Veronica, que deu luz ao Faxina Boa, para entendê-la através de diversos marcadores e articulá-los com o próprio trabalho doméstico.

Retomando a discussão apresentada no subcapítulo 3.2, Fürsich (2016), apropriando-se da ideia de Hall (1997), propõe que a transcodificação – método para tentar reverter estereótipos – pode ser usada na produção de conteúdo, que é a atividade atual do Faxina Boa. Segundo a autora, o uso do humor ou do exagero para quebrar representações estereotipadas serve para apresentar novas formas de olhar para uma perspectiva dominante. Na entrevista concedida à Camilla Freitas, Veronica confessa que, embora encare as situações da sua vida com leveza e bom-humor, é difícil lidar com preconceitos no trabalho doméstico. No entanto, no seu compartilhamento de histórias via redes sociais digitais ocorre a identificação de seguidores, que gostam do jeito bem-humorado com o qual ela trata momentos desagradáveis da ocupação (OLIVEIRA, 2021).

Apropriando-se, então, desse contexto empírico, pretende-se analisar o Faxina Boa enquanto perfil midiático e sua relevância no contexto sociocultural brasileiro, no que diz respeito à ocupação de trabalhadora doméstica, bem como suas contribuições para mudar estereótipos e preconceitos sobre essa classe trabalhadora. Sendo assim, direcionamos nosso olhar para o seu Instagram. No subcapítulo a seguir adentramos, portanto, na análise do Faxina Boa nesta rede social.

## 5.2 CRIANDO REPRESENTAÇÕES E DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS: UMA ANÁLISE DO INSTAGRAM DO FAXINA BOA

Antes de adentrarmos na análise e leituras de nosso texto – postagens do primeiro trimestre no Instagram do Faxina Boa –, é necessário o movimento de relembrar os estereótipos e representações que circulam culturalmente, na sociedade e na mídia, acerca das trabalhadoras domésticas. Isso porque nosso último objetivo específico visa estabelecer relações entre essas representações e as geradas pelo Faxina Boa, em seu Instagram.

A respeito das representações midiáticas, retomamos Macedo (2016), que pontua alguns estereótipos identificados sobre as trabalhadoras domésticas em telenovelas. Referem-se à sexualização das trabalhadoras; sua invisibilidade na trama e a tentativa de ascender socialmente, muitas vezes fracassada, por meio de relações com personagens da família empregadora.

Núcleo marcante da trama da telenovela 'Cheias de Charme', da Rede Globo, 'As Empreguetes' tornaram-se um grupo de personagens com uma ascensão bem-sucedida. No entanto, cabe refletir que elas não prosperaram através do trabalho doméstico, mas sim como cantoras, quando adquiriram poder aquisitivo igual e superior aos antigos empregadores. Assim, mesmo com um protagonismo na trama e com ascensão social, o trabalho doméstico em si é desvalorizado, sendo mostrado como ocupação não capaz de mudar a vida das personagens. Consideramos esta uma representação sociocultural reforçada pela mídia acerca das trabalhadoras domésticas. Tal estereótipo é aqui chamado de êxodo do trabalho doméstico como sinônimo de ascensão.

Roncador (2015) nos trouxe dois estereótipos identificados por ela em seus estudos: o da empregada incompetente e preguiçosa, no qual as trabalhadoras domésticas foram vistas como ameaça à moralidade e à segurança da família; e o da mãe preta, que atenua opressões escravistas, ao tornar a mulher negra uma 'pessoa melhor' (GONZALEZ, 1984). Este estereótipo está relacionado a atributos de cuidado maternal e devoção incondicional à família empregadora. É carregado pela ambiguidade afetiva, vista no subcapítulo 3.3, através de Teixeira *et al.* (2015), que permeia frases de distanciamento simbólico, como 'ela é como se fosse da família'. Ou seja, a mãe preta tem um papel importante na criação dos filhos dos empregadores, mas não é vista como parte integrante do núcleo familiar por diferenças de classe e raça, por exemplo. Logo, existe um não lugar – apropriando-nos do conceito visto com Augé (1994) – bem demarcado para as trabalhadoras domésticas.

Em suma, a maioria das representações trazidas aqui não considera a subjetividade das trabalhadoras, põe em dúvida seu caráter e, na mídia, reforça a subalternidade enquanto personagem coadjuvante orbitando a trama principal, com exceção de 'As Empreguetes'. O diagrama abaixo visa elucidar as representações dominantes descritas até então.

**Figura 5** – Representações dominantes sobre as trabalhadoras domésticas



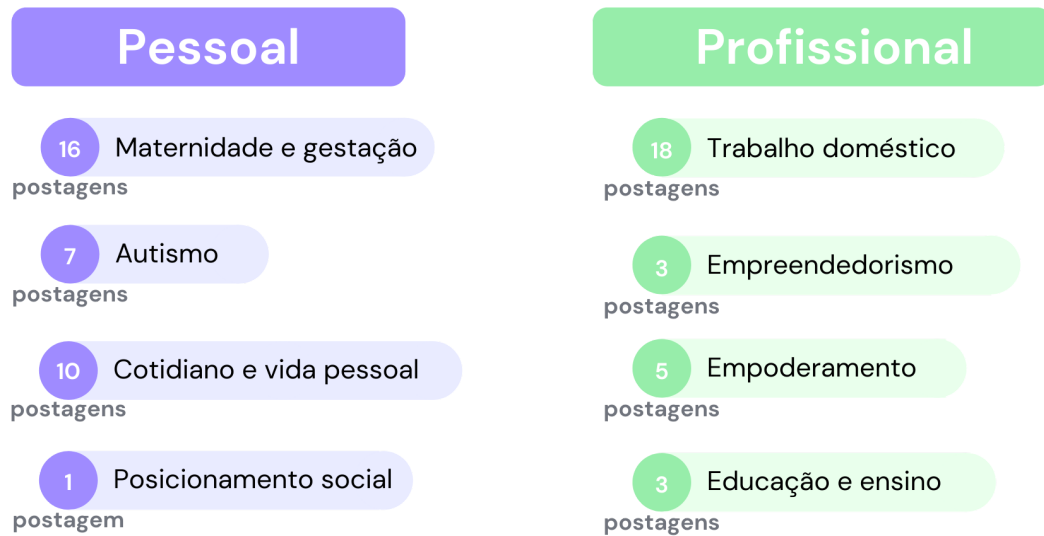
Fonte: Elaboração da autora, 2021.

É importante pontuar que nos interessa aqui a redução das trabalhadoras domésticas a essas características. Ou seja, problematizamos a prática da estereotipagem em relação a essa ocupação.

Partindo da premissa da transcodificação (HALL, 1997), ou seja, uma ressignificação de representações, produzida na contestação de estereótipos hegemônicos, adentramos, a partir de agora, em nosso objeto empírico, à luz dos momentos do texto e das leituras segundo o circuito cultural.

Como explicitado no subcapítulo 2.2, escolhemos a rede social Instagram como recorte do nosso objeto Faxina Boa, direcionando nosso olhar para as postagens do primeiro trimestre de 2021. Assim sendo, realizamos um mapeamento dessas postagens durante o período referido. Descobrimos, então, que o perfil realizou 63 postagens. A partir dessas, estabelecemos uma macrodivisão entre duas categorias: pessoal e profissional. Dentro de cada uma, encontram-se subcategorias, sobre as quais fazemos a leitura do texto.

**Figura 6** – Eixos de análise das postagens do Faxina Boa no Instagram



Fonte: Elaboração da autora, 2021.

Dentro das postagens da categoria pessoal, temos as seguintes subcategorias: a) maternidade e gestação, com conteúdos sobre sua gravidez e seus filhos – dezesseis postagens –; b) autismo do seu filho Ian – com sete postagens –, c) cotidiano e vida pessoal, no qual entram conteúdos da Veronica enquanto pessoa, com temáticas de autocuidado e seu dia a dia – dez publicações – e d) posicionamento social, com uma postagem que refere-se à uma temática do Big Brother Brasil, a qual consideramos uma forma de posicionamento por parte de Veronica, a ser melhor explicada proximamente.

Na categoria profissional, encontram-se postagens das seguintes temáticas: a) trabalho doméstico – dezoito –, b) empreendedorismo – três postagens –, c) empoderamento, no que tange a seu livro, palestras e entrevistas – cinco publicações – e d) educação e ensino, com três publicações de uma parceria paga com uma faculdade.

Esse mapeamento e categorização de postagens nos auxilia na demarcação de eixos de análises temáticas dos textos, conforme o circuito cultural de Johnson (2007). A partir deles, realizamos nossa análise do objeto empírico, articulando texto, produção e leituras. A classificação de postagens dentro das categorias pode ser observada no Apêndice A deste trabalho.

### 5.2.1 Protagonista da sua narrativa: postagens pessoais da criadora do Faxina Boa

Neste momento, debruçamo-nos sobre publicações da vida pessoal de Veronica, suas experiências e reflexões enquanto "inspiradora digital", como ela mesma se refere na entrevista concedida à Carolina Delboni, da revista *TPM* do portal UOL. É relevante levarmos em consideração que esse conteúdo não diz respeito diretamente à ocupação do trabalho doméstico, mas que traz elementos referentes à manifestação da subjetividade da criadora do Faxina Boa. Afinal, ao questionarmos se as trabalhadoras estão sujeitas a estereótipos ou são sujeitas com narrativas próprias, estamos interessadas em buscar e entender como se dá a apresentação dessa subjetividade e o protagonismo das trabalhadoras domésticas em suas próprias vidas. Aqui exploramos, então, publicações do Instagram do Faxina Boa, feitas no primeiro trimestre de 2021, sobre os tópicos maternidade e gestação; autismo; cotidiano e vida pessoal e posicionamento social.

Para iniciar nossas considerações sobre a primeira subcategoria – maternidade e gestação –, é preciso pontuar que Veronica demonstra valorizar muito os momentos em família: seus filhos aparecem em diversas postagens do seu perfil e a abordagem das legendas e das fotos em relação a eles é considerada divertida e carinhosa. Em suma, as publicações desta subcategoria envolvem o cotidiano com os filhos, desabafos enquanto mãe e gestante, compartilhamento de notícias, como o sexo e nome do bebê, momentos de carinho com os filhos e declarações para sua filha ainda na barriga.

É interessante notar o movimento de busca por conscientizar ou se posicionar sobre determinados assuntos em postagens sobre maternidade e sobre gestação. Ao falar da gravidez de sua filha caçula, Olívia, Veronica busca mostrar, nas fotos, seu corpo real, com marcas de estrias e fotos no espelho para mensurar o tamanho da barriga. Nas legendas, confessa se sentir feia, confusa, estranha, enorme e fala de forma honesta sobre as mudanças corporais sofridas durante a gravidez, sem romantização.

É importante observar isso, pois dentro das redes sociais digitais muitos influenciadores mostram apenas momentos felizes e bons, com fotos tiradas em determinado ângulo que os 'favoreça', editadas e bonitas, dando a impressão que sua vida beira à perfeição. Segundo Issaaf Karhawi (2016), as mídias sociais permitem a moldagem das ações conforme a imagem que se deseja construir e transmitir. Nossa sociedade, ainda de acordo com a autora, baseia-se na imagem e como esta repercute no ambiente digital. Assim, apropriando-se da ideia de Sociedade do Espetáculo, cunhada em 1967 por Guy Debord, Karhawi (2016) afirma que isso significa que nossas relações são mediadas por imagens. Isso implica uma turva 'divisão' entre o natural e o autêntico, de forma que estes tornam-se ilusões, representações, aparência. Por isso, diante dessa realidade, na qual as imagens podem ser moldadas conforme

a reputação que se almeja nas mídias digitais, observamos um movimento mais autêntico de Veronica. Mesmo tendo seus momentos felizes compartilhados, ela não se restringe apenas a isso. Busca, em suas publicações, retratar uma narrativa composta tanto por publicações animadas, como outras nem tanto. Assim, há o potencial de gerar identificação em várias seguidoras.

Ademais, mostrar suas inseguranças, desabafos e características de sua personalidade agrega narrativas para além da temática do trabalho doméstico e da visão que temos dela como faxineira. A criadora do Faxina Boa é uma soma de várias facetas e mostra que outras trabalhadoras domésticas que a seguem também podem ser múltiplas, sem se resumir apenas à sua ocupação.

**Figura 7** – Publicação sobre a gravidez de Veronica



Fonte: @faxinaboa In: Instagram, 2021.

Outro posicionamento identificado nas postagens desta subcategoria é relacionado à saúde mental dos filhos. Ian, seu filho com autismo, é pauta de diversas publicações – não à toa elencamos uma categoria específica para analisar essa temática. Veronica alerta que a pandemia modificou rotinas e estressou não só os adultos mas também as crianças e fala da importância de cuidar-se e atentar-se para a saúde mental dos filhos. Outra questão sobre a qual Veronica se manifesta é a respeito de sua filha nascer com autismo. Como mãe, ela afirma que isso não influencia no amor que ela sente e que tem o privilégio de trabalhar em casa como criadora de conteúdo. Portanto, se nascesse autista, ela teria condições de dar toda a atenção necessária.

A sua gravidez de uma menina é também oportunidade para se posicionar enquanto feminista e incentivar a sororidade. Veronica reconhece as dificuldades e desigualdades que a filha encontrará e que por isso as mulheres precisam se apoiar. Neste quesito, vale retomarmos nossa discussão sobre gênero e raça, através de um olhar interseccional. Além do fato de ser mulher implicar desafios e preconceitos, ser mulher negra posiciona o sujeito de forma diferente na sociedade, articulando-se diferentes opressões.

Outra publicação importante é a respeito dos desafios da maternidade. O pai de Ian não é casado com Veronica, mas, segundo ela, é presente e paga a pensão corretamente. No entanto, a criadora do Faxina Boa desabafa que, no dia a dia, é ela que vive e convive com problemas, momentos delicados e momentos felizes. Com o pai, o filho tem regalias e momentos sem regras, mas, mesmo assim, sabe que é a mãe que provê as maiores necessidades. Veronica problematiza esse estereótipo da 'mãe guerreira', que é resiliente e forte para os filhos, quando, na verdade, existe uma grande carga mental e muitas fragilidades envolvidas em ser mulher e mãe.

Apesar disso, Veronica não deixa o bom humor de lado em suas postagens. Em um vídeo, por exemplo, ela está fazendo faxina enquanto está grávida e indaga às seguidoras se elas também não conseguem repousar durante este momento. Observamos, então, que mesmo na temática de maternidade e gestação, o trabalho doméstico se faz presente. Em outra postagem, a criadora do Faxina Boa agradece a todos os clientes que confiaram em seu trabalho como faxineira e puderam possibilitá-la de pagar uma pizza para os filhos após um dia exaustivo de trabalho.

**Figura 8** – Publicação que alia a temática do trabalho doméstico à maternidade



Fonte: @faxinaboa In: Instagram, 2021.



Há também uma postagem em parceria paga com a Theia, clínica feminina para tentantes, gestação, parto e pós-parto. Em vídeo, Veronica conta os benefícios de ser assistida pela clínica em sua gestação. O vídeo é mais longo que as demais publicações de conteúdo pago. Nele, ela conta não só sobre o serviço oferecido pela Theia, mas também suas angústias da nova gravidez. Esta postagem enquadra-se dentro da subcategoria de maternidade e gestação, pois, apesar de ser um conteúdo pago, em parceria com uma marca, Veronica expõe relatos pessoais que dizem respeito à sua gravidez.

Em uma outra publicação desta subcategoria, Veronica faz uma analogia de seu perfil a um *reality show*, pois através dele ela compartilha momentos sobre seu trabalho, crescimento dos filhos, gravidez, mudanças, casa e conquistas. Dessa forma, seu papel como "inspiradora digital" é reforçado. O Faxina Boa é um perfil que possibilita várias leituras e confere à Veronica um importante protagonismo carregado de significado para quem a segue.

A partir das publicações sobre maternidade e gestação, podemos pensar que estas contrastam com o estereótipo da mãe preta. Enquanto protagonista de sua narrativa, Veronica registra cuidados maternos com seus próprios filhos, ao invés de cuidar dos filhos de empregadores. Assim, a sua postura de mãe revela-se uma faceta que compõe sua subjetividade, criando uma representação importante para quem a segue: a trabalhadora doméstica também é mãe e tem seus próprios filhos para olhar, cuidar e amar.

Retomando Davis (2016), lembramos que, historicamente, as mulheres negras se viram em uma dupla jornada no trabalho doméstico. Nesse contexto, frequentemente elas tinham que renunciar aos afazeres de suas próprias casas e de momentos com sua família em prol da casa dos empregadores. Neste sentido, observamos que a representação construída por Veronica na subcategoria de maternidade e gestação diverge dessa premissa histórica associada às mulheres negras trabalhadoras domésticas. Na casa dos empregadores, essas trabalhadoras não encontram um pertencimento genuíno, ficando separadas da família por um 'quase'. Nas postagens do Faxina Boa dentro desta temática, vemos um vínculo forte de Veronica com sua família, um núcleo onde há pertencimento de fato.

O que buscamos com essa reflexão é exercitar a transcodificação, baseando-nos em Hall (1997). Para fugir das representações dominantes e estereotipadas, partindo da premissa que uma representação nunca se finda em um único significado e este nunca pode ser fixado totalmente à determinada representação, podemos ressignificar e reapropriar os sentidos delas (HALL, 1997).

Na categoria temática sobre autismo, é interessante observar a capilaridade da internet e o alcance das redes sociais digitais, bem como seu poder de influência, atributos que

ressaltamos no subcapítulo 4.3. Em uma postagem de vídeo, Veronica desabafa, chorando, sobre o filho Ian, cujo apelido é Panda, não ter sido aceito em uma escola após entregar o seu laudo médico de autismo. Mesmo com todo o processo de matrícula realizado, incluindo compra de materiais e pagamento de todas as mensalidades do ano, a escola negou a vaga ao receber o laudo. Veronica conta, nesta postagem, que não foi a primeira escola que se recusou a receber seu filho autista.

A criadora do Faxina Boa fez mais postagens falando sobre como ela e o filho estavam, agradeceu mensagens de carinho diante do desabafo triste em vídeo e, dez dias depois, anunciou que a escola que havia negado a vaga chamara seu filho para estudar, tamanha a repercussão do caso nas redes sociais. Assim, percebemos que seu papel como "inspiradora digital" estende-se não só à área do trabalho doméstico, mas também em prol do espectro autista.

**Figura 9** – Publicação sobre preconceito da escola em relação ao autismo



Fonte: @faxinaboa In: Instagram, 2021.

Há também, dentro desta subcategoria, postagens falando sobre o diagnóstico de Ian, como foi a descoberta do autismo do filho. A análise dessas publicações é relevante porque nos alude a mais um elemento que compõe o modo como Veronica se posiciona no Instagram. Através de relatos sobre o espectro, ela auxilia e inspira outras mães que passam pelo mesmo.

Assim como ela afirma que a ocupação não deve definir uma pessoa, ou seja, uma trabalhadora doméstica não se resume a isso, pontua que o autismo não define seu filho, pois ele possui várias características além dessa.

As publicações são compostas, em sua maioria, de fotos de Ian criança – fotos antigas – e adolescente – atuais. Há também a presença do pai em uma delas e de Veronica em outras. De modo geral, a criadora do Faxina Boa se posiciona sobre o autismo com criticidade, buscando desmistificar preconceitos e auxiliar seguidores e seguidoras a entender o espectro de maneira simples.

**Figura 10** – Publicação sobre diagnóstico de autismo de Ian



Fonte: @faxinaboa In: Instagram, 2021.

Na subcategoria cotidiano e vida pessoal, existe uma gama variada de assuntos. Um ponto em comum entre a maioria das publicações é a interação com o público através das legendas, nas quais Veronica lança perguntas, propõe reflexões e provoca seus seguidores a reagirem de alguma forma à postagem.

Veronica expõe não só momentos e fatos do seu cotidiano atual, mas traz situações do passado, como seu trabalho na Rádio Brasil 2000, no Programa Garagem, sua obesidade mórbida e cirurgia bariátrica. Quanto ao primeiro momento, é lembrado com saudosismo, no dia do rádio, em tom carinhoso na publicação. Já no segundo, Veronica fala de forma simples e sincera sobre a fase em que esteve com 120 quilos e tinha dificuldades de locomoção e baixa qualidade de vida. A bariátrica é tratada por ela como um momento importante que reverteu essa situação e aumentou seu bem-estar. No entanto, a criadora do Faxina Boa não omite as consequências não tão positivas: lidar com pressões estéticas, tomar vitaminas e cuidar do corpo e saúde de forma específica, que são os desafios posteriores ao procedimento.

**Figura 11** – Publicação sobre a época na qual trabalhou na Rádio Brasil 2000



Fonte: @faxinaboa In: Instagram, 2021.

Outro momento passado que é compartilhado, na data do aniversário da cidade de São Paulo, é uma foto da sua infância nessa cidade. Veronica demonstra muito carinho por este lugar onde mora desde pequena. Nesta postagem, ainda que celebre o aniversário da cidade que ama, ela não deixa de fazer a ressalva sobre como São Paulo ainda precisa melhorar e que espera que os filhos possam amar e cuidar da cidade.

Há postagens, também, sobre sua casa, nas quais ela cita empresas que a ajudaram a decorar seu apartamento, além de marcas de produtos que compõem essa decoração. As publicações demonstram o carinho de Veronica pelo seu lar, que, afinal, é o espaço onde ela segue exercendo o trabalho doméstico – não remunerado, neste caso. Nessas postagens é interessante observar seu papel como influenciadora também em questões pessoais, falando da própria casa e dando dicas de marcas e decoração.

Nem todas as publicações trazem assuntos leves, no entanto. Veronica usa a rede social também para compartilhar sobre sua ansiedade. Seja com relação à pandemia do Covid-19, quanto ao governo Bolsonaro, quanto aos boletos a pagar. Sua preocupação com o filho Panda ter sido negado pela escola também refletiu em publicações desta subcategoria: ao botar um batom vermelho, Veronica busca um momento de autocuidado e relaxamento diante da situação. Em outra publicação, a criadora do Faxina Boa fala da instabilidade de sua saúde mental e como tenta mantê-la, através de exercícios, meditação e limpeza da sua casa.

**Figura 12** – Publicação sobre problemas tanto do país e do mundo quanto pessoais



Fonte: @faxinaboa In: Instagram, 2021.

Há o compartilhamento também de momentos de lazer e descanso, mostrando seu corpo vestindo um biquíni, no qual ela divulga a marca do produto e demonstra felicidade. No entanto, mesmo em momentos assim, Veronica divide suas reflexões, como a angústia de não poder lançar seu livro presencialmente, devido à pandemia, por exemplo.

Por fim, o tópico posicionamento social dentro da categoria pessoal refere-se a uma única postagem. Veronica se solidarizou com a saída de Lucas Penteado do Big Brother Brasil 2021<sup>29</sup>. Enquanto mulher negra e periférica, ela se manifestou sobre a saída do participante, posicionando-se criticamente ao descrédito, questionamento à capacidade e ataques às pessoas negras e periféricas. Mostrando-se sensibilizada com a situação, Veronica ainda incentivou a doação para a arrecadação de dinheiro a fim de construir uma casa para a mãe de Lucas – que seria o destino do prêmio do participante, caso ganhasse.

Esta publicação tem, também, um caráter de empoderamento, considerando, primeiramente, a definição deste termo vista no subcapítulo 4.3. Retomando Batliwala (1994) *apud* Sardenberg (2012), apreendemos que o empoderamento engloba toda atividade que envolva contestação das relações de poder préestabelecidas. Complementarmente, nos grupos em que o acesso ao poder é determinado pelos marcadores sociais da diferença – gênero, raça,

<sup>29</sup> Na madrugada do dia sete de fevereiro de 2021, durante uma festa no reality Big Brother Brasil, o ator Lucas Penteado arrumou as malas e pediu para sair do programa. Sua saída decorreu de uma série de acontecimentos acarretados por um desentendimento com uma participante, na primeira festa do programa. A partir disso, foi isolado pelos demais e sofreu abusos psicológicos. Tais represálias causaram más lembranças do racismo que Lucas sofreu ao longo da vida, segundo ele (BBB 21..., 2021). Sendo assim, sua saída foi bastante comentada à época e acionou diversas discussões, sobre tortura psicológica e racismo, por exemplo.



classe –, como é o caso de Veronica e Lucas, o empoderamento acontece quando estes reconhecem a opressão que sofrem e agem em prol da mudança das estruturas que determinam tais opressões (BATLIWALA, 1994 *apud* SARDENBERG, 2012). Observamos essa definição acerca do termo empoderamento quando Veronica demonstra apoio à luta de Lucas Penteado enquanto homem negro e periférico. Assim, reconhece a opressão e busca conscientizar sobre ela, visando mudança.

Dessa forma, a criadora do Faxina Boa engajou-se com uma causa que diz respeito aos marcadores que a interseccionam também. Nesse contexto, retomamos a reflexão feita no subcapítulo 3.2, por Lorde (2019a). É necessário que alteremos as velhas estruturas de opressão e as condições de vida que resultam dessas estruturas, para, então, encontrar maneiras em que a diferença agregue visões e lutas. Logo, os sujeitos que sofrem opressões devem se organizar, reconhecer as diferenças e afirmar suas identidades. É exatamente esse movimento que observamos nessa publicação feita por Veronica.

**Figura 13** – Publicação de posicionamento social



Fonte: @faxinaboa In: Instagram, 2021.

A partir da análise das postagens da categoria pessoal, podemos refletir que Veronica contrasta nitidamente com o estereótipo da invisibilidade, da trabalhadora doméstica coadjuvante nas tramas. Através do perfil do Faxina Boa no Instagram, sua criadora compartilha momentos que compõem sua subjetividade e corroboram em seu protagonismo. Ademais, indo ao encontro dessa ideia, cabe retomarmos a divisão sexual do trabalho e a visão patriarcal de confinamento das mulheres na vida privada. Ambos são contestados à medida que Veronica, a partir do Faxina Boa, tem visibilidade nas redes sociais digitais e, conseqüentemente, na vida pública, ao mesmo tempo que diverge da predominância feminina na esfera reprodutiva de acordo com a divisão.

Uma trabalhadora doméstica possui uma vida pessoal tão importante quanto sua ocupação. No caso de Veronica, vemos, ainda, um posicionamento bem demarcado em todas as publicações, seja crítico, para conscientização ou para gerar identificação com sua realidade. Portanto, novas representações são criadas, envolvendo protagonismo e narrativas pessoais múltiplas e complexas – maternidade, autismo do filho, desabafos e reflexões – que reverberam, de algum modo, no trabalho doméstico, pois o perfil é associado à ocupação de faxineira uma vez que pertence não só à Veronica, mas também ao @faxinaboa.

Portanto, vimos, nesta categoria, que o Faxina Boa contrapõe as representações dominantes do trabalho doméstico da mãe preta e da coadjuvante. Através das publicações pessoais, observamos que Veronica dedica-se à maternidade e cuidado de seus próprios filhos, ao mesmo tempo que possui uma narrativa própria da qual é protagonista.

### **5.2.2 De faxineira de casas à faxineira de ideias: postagens profissionais do Faxina Boa**

Este subcapítulo destina-se a entender as publicações sobre a vida profissional de Veronica, considerando o eixo do trabalho doméstico, ocupação que ela não exerce mais de forma remunerada, mas foi o ponto de partida que a proporcionou trabalhar apenas como produtora de conteúdo nas redes sociais digitais. A partir desse conteúdo, em parceria com algumas marcas, estabelecemos dois eixos de análise, a saber: empreendedorismo e educação e ensino. Por fim, temos também a subcategoria do empoderamento profissional, no que tange a palestras, entrevistas e à escrita de seu livro.

Iniciamos empreendendo nossa análise sobre a temática do trabalho doméstico, pauta essencial de nossa pesquisa. Dentro dessa subcategoria, o Faxina Boa tem postagens de *memes*, dicas de limpeza, desabafos e legendas que propõem reflexões, perguntas e comentários para os seguidores. Importante observarmos, também, que as publicações sobre trabalho doméstico, neste período analisado, são em menor número – 18 – comparadas às da categoria pessoal, que são 34 no total. Esse apontamento reitera a relevância da apresentação da subjetividade de Veronica compondo o Faxina Boa e estabelecendo tensões com representações dominantes do trabalho doméstico.

Não obstante, é interessante pontuar, também, que o trabalho doméstico no Instagram do Faxina Boa contrapõe a representação dominante de que para se ter ascensão social é preciso sair dessa ocupação. Veronica, pelo contrário, adquiriu reconhecimento e seu lugar de fala nas redes sociais digitais graças a este trabalho e a sua forma de divulgá-lo. Ainda que, por fim, tenha saído desta ocupação e atualmente trabalhe apenas com produção de conteúdo,

este êxodo não se deu por desvalorização da ocupação, mas sim foi uma escolha necessária e ponderada de acordo com diversos fatores pessoais e profissionais, como vimos ao relatar sua trajetória.

Nesse sentido, em uma das postagens, Veronica traz uma foto de seu livro e, na legenda, conta sobre como conseguir clientes, com base na sua experiência, incentivando trabalhadoras domésticas a divulgarem seu trabalho com orgulho e de forma criativa. Consideramos essa publicação emblemática no processo de transcodificação e criação de novas representações. Resgatando Hall (1997), podemos considerar que a transcodificação ocorre quando representações dominantes são subvertidas e ressignificadas. Dessa forma, a representação do trabalho doméstico como uma ocupação inferior e desvalorizada é, nesta postagem, subvertida para a representação de uma profissional que se orgulha de sua atividade e é boa no que faz. Isso muda a forma como ela fala da ocupação e de seu serviço, promovendo, assim, uma transcodificação. Desse modo, podemos observar uma maneira pela qual o Faxina Boa contribui no processo de mudança da representação sociocultural das trabalhadoras domésticas.

**Figura 14** – Publicação do seu livro sobre como conseguir clientes



Fonte: @faxinaboa In: Instagram, 2021.

Nessa subcategoria, o perfil do Faxina Boa possui também postagens com dicas de limpezas, com base em situações cotidianas e midiáticas. Uma delas refere-se ao Big Brother Brasil 2021, na qual Veronica cita que apareceu um rato na cozinha da casa. A partir disso, traz dicas de como evitar o aparecimento de roedores e outros bichos e alerta para os perigos de não limpar a cozinha corretamente, sem tirar o lixo, por exemplo.



Outra temática na subcategoria do trabalho doméstico apropriada por Veronica é um vídeo de um homem limpando o vidro de um aquário em Dubai, na qual a legenda traz a experiência da criadora do Faxina Boa com esse tipo de limpeza. Seu relato é uma lembrança de uma de suas faxinas, onde teve que limpar os vidros na chuva, por exigência do dono da casa.

Também trazendo uma situação vivida enquanto faxineira, Veronica fala sobre o fato de algumas pessoas esconderem ou não deixarem ela tomar café nas máquinas com cápsulas, por serem caras. Tal atitude denota preconceito e uma visão de superioridade por parte dos empregadores. Atualmente, ela possui duas máquinas de café em cápsulas, pois, mesmo não gostando de café, existem cápsulas de chá e achocolatado também. Esse caso remonta o estereótipo discutido por Roncador (2015), da empregada incompetente e preguiçosa, que ameaça a integridade da família. Existiu, nas casas onde foi negado à Veronica o uso da cafeteira, uma sensação de insegurança nos empregadores, derivada dessa representação dominante e preconceituosa.

Muitas publicações possuem algum tipo de interação com seguidores na legenda, questionando ou pedindo comentários sobre o assunto abordado naquela postagem. Em uma, Veronica lança um chamado "jogo da discórdia", pedindo para que os seguidores comentem algo polêmico sobre faxina e limpeza da casa. Em outra, ela traz sua opinião sobre lavar a louça sem lavar a pia, o que não é lavar a louça corretamente, na visão de Veronica. Há também uma publicação em tom mais divertido, com alguns utensílios de limpeza como vassoura de palha, esponja de melamina e robô aspirador, questionando qual *vibe* a criadora do Faxina Boa possui, comparando com tais objetos. Outra postagem com interação ao fim da legenda, é sobre banheiros masculinos serem mais sujos que os femininos e isso se deve aos homens urinarem de pé. Na legenda, Veronica indaga, de forma bem-humorada, aos seus seguidores homens, se eles costumam urinar de pé ou sentados.

Tais publicações geram uma aproximação com as pessoas que a seguem, tornam o perfil divertido e a abordagem sobre trabalho doméstico múltipla. Não obstante, observamos também que essas postagens evidenciam especificidades e competências relativas à ocupação do trabalho doméstico, em um sentido de valorização destas. Apesar do ideário neoliberal e capitalista afirmar que pessoas que realizam trabalho doméstico são indivíduos 'sem talento' e recorrem à ocupação porque não conseguem se vincular a um mercado competitivo que exige profissionais cada vez mais providos de capital técnico e intelectual, como vimos com Furtado, Carvalho e Santos (2020), temos, no Faxina Boa, uma contestação a esse preconceito. De diversas formas Veronica traz as especificidades e dificuldades do trabalho

doméstico em suas postagens. É um trabalho que possui riscos, exige habilidades nas tarefas e possui particularidades que precisam ser valorizadas. E, recordando um trecho do próprio livro de Veronica, ela afirma que faz muito mais que uma limpeza. Ela se importa com detalhes, contribui para que os objetos da casa durem mais tempo, preza pela economia dos produtos e recursos do cliente, além de se preocupar com o seu bem-estar (OLIVEIRA, 2020a).

Percebemos, ainda, que o Faxina Boa no Instagram não se limita, nesta subcategoria, a falar sobre casos vividos por Veronica enquanto faxineira, ou dicas de limpeza. Busca, também, trazer um tom de humor e brincadeiras associadas a variadas instâncias da ocupação.

Não obstante, publicações no estilo de *meme* também estão presentes. Utilizando-se da mudança drástica de expressão de uma das participantes do Big Brother Brasil 2021, que sorri e logo fica séria, Veronica alude o sorriso ao momento de conversa com o cliente e a cara séria ao momento de limpar a casa deste cliente. Em outra postagem, apropria-se de um *meme* postado por outro perfil, que alude à limpeza da casa após um momento estressante.

Todas as publicações descritas até então, dentro da subcategoria do trabalho doméstico, que tem um tom divertido e bem-humorado promovem a transcodificação no sentido que Fürsich (2016) propõe, quando diz que alguns passos para esse procedimento podem se dar por meio do uso do humor e do exagero, gerando novas representações.

**Figura 15** – Publicação "Jogo da discórdia" da limpeza



Fonte: @faxinaboa In: Instagram, 2021.

Porém, nem todas as publicações têm esse tom bem-humorado. Assuntos delicados como ansiedade, exaustão e microagressões também se fazem presentes. Veronica confessa que quando se sente ansiosa e estressada gosta de limpar a casa, para se acalmar. Momentos assim surgem também ao perceber a pia cheia de louça suja e essa simples situação desencadear medos e angústias, trazidos em outra postagem.

Nesse contexto, elencamos também outra publicação não necessariamente tratada com tom mais sério por Veronica, mas analisada aqui como possuindo implicações sociais relacionadas a tópicos discutidos no presente trabalho. Trata-se de um vídeo que viralizou na internet, de uma mulher ensinando os filhos e o marido a fazerem pequenas tarefas para manter a casa organizada, como guardar a esponja após lavar a louça. Um ato simples, mas que, com a pandemia, tornou-se ainda mais relevante.

Abordamos, no subcapítulo 3.3, a relação entre trabalho doméstico e gênero. Trabalho reprodutivo e divisão sexual do trabalho são tópicos que percebemos como necessário retomar, nesse momento, diante desta postagem. Nota-se uma sobrecarga feminina, dupla jornada de trabalho e uma desvalorização do trabalho doméstico. Ainda que não seja remunerado, esse trabalho feito pelas mulheres nas suas próprias casas é também pauta no Instagram do Faxina Boa. E é importante que entendamos que essa realidade é vivida pelas faxineiras e empregadas domésticas também. Ou seja, o trabalho doméstico é presente duplamente nas suas vidas.

Em seu livro, Veronica traz o termo "microagressões" (OLIVEIRA, 2020a, p. 94) e, em uma das postagens da subcategoria do trabalho doméstico, identificamos uma situação que pode-se classificar como microagressão. A foto é de um par de tênis rasgados e a legenda conta um momento em que Veronica recebeu um par de sapatos com um dos saltos faltando e o bico rasgado. Da mesma cliente, ela também já havia ganhado uma camiseta com a manga rasgada. Ou seja, produtos que não estão em condições de uso. Esse tipo de atitude traduz-se no estereótipo da invisibilidade, subalternidade e coadjuvância das trabalhadoras domésticas. Veronica questiona, retoricamente, na postagem, sobre o que essa pessoa, que faz essa 'doação' pensa dela enquanto ser humano.

Ao fim da legenda, a criadora do Faxina Boa traz uma reflexão de que "(...) nos colocar nesse lugar de não pertencimento vai fazendo com que a gente se sinta culpada por nossos feitos, nossas conquistas"<sup>30</sup>. Esse trecho vai ao encontro do que viemos discutindo

---

<sup>30</sup> OLIVEIRA, Veronica. In: Instagram Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKZC1C5n52R/>. Acesso em: 29 set. 2021

neste trabalho sobre não lugar, desvalorização e distanciamento simbólico em relação à ocupação do trabalho doméstico.

**Figura 16** – Publicação de reflexão sobre ganhar coisas usadas



Fonte: @faxinaboa In: Instagram, 2021.

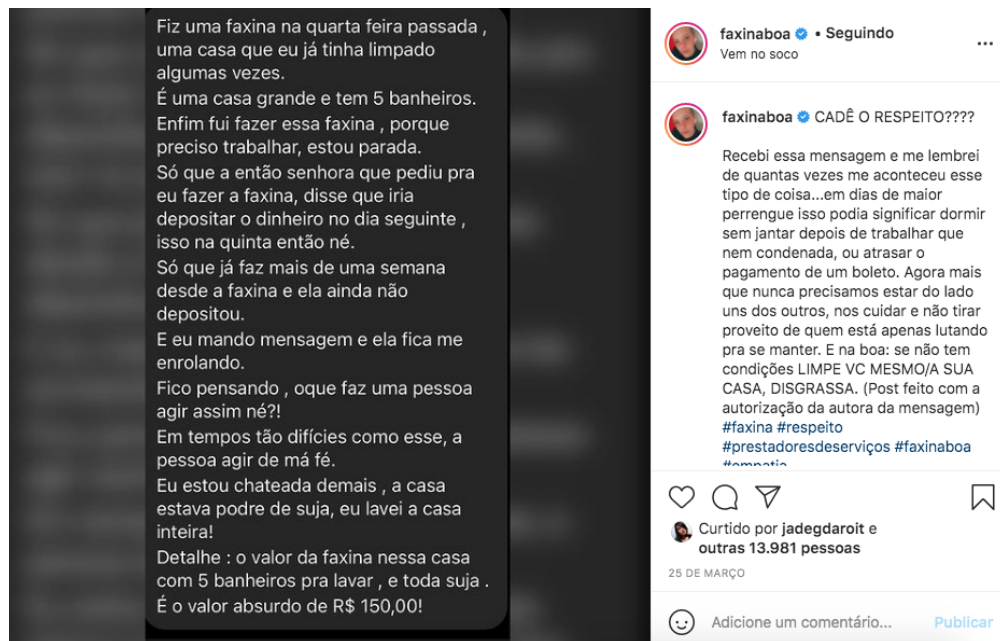
Assim como vimos empoderamento e posicionamento na categoria pessoal, no âmbito profissional isso também ocorre. O perfil do Faxina Boa apropria-se de acontecimentos que circularam na mídia ou foram enviados por seguidores para argumentar e usar seu lugar de fala em prol das trabalhadoras domésticas.

Uma dessas publicações é sobre uma mulher que foi resgatada em Minas Gerais, trabalhando em regime análogo à escravidão. Na postagem, porém, Veronica não se ateu à situação de forma negativa, mas deu enfoque ao fato dessa pessoa ter conseguido sair de lá e estar bem e livre. No entanto, cabe refletirmos como a história do trabalho doméstico, tão marcada pela escravidão, como vimos no subcapítulo 3.1, reverbera, infelizmente, até os dias atuais na ocupação.

Há também uma postagem de mensagem recebida de uma seguidora, que fez uma faxina e não só não recebeu a remuneração, como também foi criticada por cobrar o valor de R\$150,00, sendo que a casa estava muito suja e possuía cinco banheiros, segundo a remetente da mensagem publicada. O perfil do Faxina Boa posicionou-se exigindo respeito pelas profissionais que trabalham na ocupação e relatou também já ter passado pela mesma situação. Podemos refletir, a partir disso, quais aspectos traçados neste trabalho estão imbricados em tal desrespeito. Assim, associamos às origens escravistas da ocupação, ao formato não-capitalista e à divisão sexual do trabalho, que faz o trabalho doméstico ser considerado de menor valor.

Cabe retomarmos, também, o desamparo legal em relação às faxineiras e, não obstante, a precarização na qual esteve o trabalho doméstico remunerado até recentemente, com o advento da PEC das Domésticas. Relacionando com a postagem de desvalorização e desrespeito com a faxineira acima, consideramos, no entanto, que é preciso avançarmos no debate e na legislação, visando amparar melhor as faxineiras. Afinal, estas, devido ao seu vínculo com os empregadores ser classificado como eventual, não estão assistidas pelos direitos trabalhistas. E a justificativa para essa necessidade de avanços se dá pelo fato de que há uma tendência no aumento do número de faxineiras no Brasil, como visto no subcapítulo 3.1.

**Figura 17** – Publicação de relato de seguidora



Fonte: @faxinaboa In: Instagram, 2021.

Nesse sentido de revolta com situações vividas por trabalhadoras domésticas, há também uma postagem de uma imagem que circulou na internet a respeito de uma babá que estava cozinhando a janta para o próprio aniversário. A foto fora postada, inicialmente, pela empregadora, dizendo que pedira que a babá cozinhasse um jantar para a família receber alguns amigos, porém aquilo tratava-se de uma surpresa de aniversário para a própria trabalhadora. O perfil do Faxina Boa posiciona-se, então, criticando elogios à atitude, que parece amorosa, benevolente e caridosa, mas é, na verdade, exploratória. Ora, se é aniversário da babá, o melhor presente seria uma janta em que ela não cozinhasse ou um presente, até mesmo uma folga.

A última publicação nesse sentido diz respeito à saúde da trabalhadora doméstica, visando a conscientização. A foto é uma manchete falando que a capacidade respiratória das mulheres que fazem faxina regularmente diminui. Na legenda, Veronica relata que já enfrentou um acidente enquanto faxinava, que gerou uma queimadura no nariz, garganta e pulmão, exigindo um tratamento longo e que deixou sequelas. A criadora do Faxina Boa alerta para misturas de produtos e armazenamento em embalagens indevidas. Assim, percebemos que o perfil utiliza seu lugar de fala na rede social Instagram para trazer informações, embasadas com situações reais vividas pela própria Veronica.

As publicações da subcategoria empreendedorismo envolvem parcerias pagas e *publipost*<sup>31</sup> com Bradesco e o projeto Ela Faz História, do Facebook, respectivamente. As com o banco referem-se a duas postagens, divulgando o serviço de conta MEI – microempreendedor. Em um dos vídeos, Veronica conta sua trajetória brevemente com relação à formalização do Faxina Boa enquanto MEI. Fala das vantagens de criar essa conta e como isso foi importante na prestação de serviços que ela e outras mulheres sob sua liderança realizavam. Ela também incentiva, nesta publicação, outros empreendedores, não apenas do ramo do trabalho doméstico, a abrirem uma conta MEI no Bradesco. O outro vídeo é um conteúdo mais dinâmico, no formato *Reels* do Instagram. Neste, ela aponta o dedo em várias direções, onde aparecem frases de atributos e benefícios da conta MEI Bradesco.

A parceria paga com o banco, para divulgação desse tipo de conta, revela-se um importante contraste ao estereótipo do êxodo do trabalho doméstico como sinônimo de ascensão. O seu trabalho como faxineira possibilitou o crescimento profissional até chegar ao ponto de ser microempreendedora. Depois, como vimos através de sua trajetória, no subcapítulo 5.1, ela tornou-se produtora de conteúdo e atualmente mantém-se financeiramente através dessa ocupação. No entanto, não podemos esquecer a origem de sua ascensão, que foi o trabalho doméstico. Então, ao contrário da trajetória de 'As Empreguetes', no caso do Faxina Boa, o trabalho doméstico foi capaz de mudar a vida da 'personagem' Veronica.

O *publipost* do programa do Facebook para mulheres que empreendem, o movimento Ela Faz História, é a única postagem em formato de foto desta subcategoria. A publicação relaciona-se não só com empreendedorismo, mas também com empoderamento. Neste caso, o feminino, em relação às mulheres empreendedoras. Veronica divulga o movimento

---

<sup>31</sup> Diferenciamos, neste trabalho, postagens sinalizadas como Parceria Paga com determinada marca e publicações com a *hashtag* #publi no final da legenda. Apenas a postagem do projeto do Facebook é classificada como *publipost* pois, diferente das outras, ela não possui sinalizado acima da foto o dizer "Parceria Paga com a marca", mas sim, somente a *hashtag* #publi no fim da legenda.



#compredeleas, enfatizando a importância de movimentar negócios femininos. A foto que acompanha a legenda traz alguns cartazes feitos por mulheres.

Na subcategoria empoderamento, analisamos a criadora do Faxina Boa enquanto escritora, palestrante e influenciadora. Três das cinco postagens desta subcategoria são sobre o seu livro. Em duas delas, Veronica fala um pouco sobre ele, comenta sobre o preço estar com desconto no *site* e reflete sobre escrever um novo livro. Já a terceira publicação consiste em uma foto – enviada por uma seguidora – de sua autobiografia ao lado das biografias de Barack Obama e sua esposa, Michele Obama, em uma livraria de Campinas, São Paulo. Para Veronica, esse fato é motivo de orgulho e felicidade, pois a foto da capa de seu livro foi inspirada na capa de Michele. Podemos pensar que a presença do livro sobre o Faxina Boa estar ao lado da biografia do ex-presidente dos Estados Unidos e sua esposa é emblemático. Isso porque demonstra um lugar de fala simbólico, gera uma representação para as trabalhadoras domésticas, tirando essa ocupação, de certa forma, do lugar de coadjuvância e subalternidade, trazendo para o protagonismo.

**Figura 18** – Publicação de seu livro ao lado das biografias do casal Obama



Fonte: @faxinaboa In: Instagram, 2021.

Dentro do empoderamento no âmbito profissional, há também uma publicação divulgando um evento *online*, na qual Veronica fez parte junto a outras duas personalidades, sobre o poder da internet para alavancar o empreendedorismo feminino. Observar o Faxina Boa inserido em um debate como esse é importante porque seu testemunho e trajetória podem inspirar muitas mulheres. Novamente, essa questão corrobora no fortalecimento de uma

representação contrária às dominantes, vistas anteriormente, acerca das trabalhadoras domésticas.

Por fim, a última postagem desta subcategoria é sobre sua entrevista para o Ecoa Uol. Veronica agradece à Camilla de Freitas pela matéria publicada. Ao realizarmos nossa pesquisa documental sobre o Faxina Boa em portais da internet, deparamo-nos com essa matéria, entre algumas outras, sendo algumas delas entrevistas com Veronica. Tal movimento é relevante pois dá espaço para que a criadora do Faxina Boa tenha voz, bem como legitima o lugar de fala conquistado nas redes sociais digitais com seu perfil.

Na subcategoria educação e ensino há três publicações pagas para a faculdade Anhanguera, sobre uma plataforma de tecnologia; modalidade semipresencial; e bolsas de estudo e descontos na mensalidade, respectivamente. Em relação a essas postagens, é interessante observarmos a associação do Faxina Boa à uma instituição de ensino superior, pois desmistifica alguns estereótipos, tal como o da trabalhadora doméstica humilde e sem instrução, citado pela própria Veronica em seu livro.

**Figura 19** – Publicação da parceria paga com o Anhanguera



Fonte: @faxinaboa In: Instagram, 2021.

Em suma, as publicações da categoria profissional conferem ao Faxina Boa um poder de influência relevante na rede social Instagram. Além disso, revelam um importante lugar de fala de Veronica e geram uma representação muito emblemática para as trabalhadoras domésticas. Uma vez que essa categoria ramifica-se em trabalho doméstico,



empreendedorismo, empoderamento e educação e ensino, são múltiplas as possibilidades de novas representações socioculturais em relação ao trabalho doméstico.

Retomando as representações dominantes sobre a ocupação vistas anteriormente, pontuamos que, na categoria profissional, o Faxina Boa contrapõe os estereótipos do êxodo como sinônimo de ascensão e o da trabalhadora incompetente e preguiçosa, que representa ameaça à família. Em relação ao primeiro, reiteramos que, mesmo não exercendo mais a ocupação de faxineira, Veronica teve no Faxina Boa reconhecimento que, hoje, a permite se sustentar com a produção de conteúdo e palestras. Quanto ao segundo, Veronica critica o preconceito que faz alguns empregadores esconderem coisas e não permitirem que as trabalhadoras usem determinados objetos da casa.

### 5.3 PARA DEIXAR A CASA UM BRINCO: REFLEXÕES FINAIS NA ANÁLISE DO FAXINA BOA

Como vimos no subcapítulo 4.1, Duveen (2007) argumenta que novas formas de comunicação exigem novas representações para que as pessoas leiam e interpretem o mundo. Assim, numa analogia, as redes sociais digitais possibilitam o surgimento de novas formas de comunicação, e, por consequência, surgem novas representações. A partir de Ribeiro (2019), apreendemos que a internet proporcionou a emergência de várias vozes dissonantes, em oposição a alguns pensamentos hegemônicos, mas que, mesmo assim, ainda precisamos debater lugar de fala e sobre espaços a serem ocupados por grupos marginalizados. Ou seja, ainda há muito o que avançar. No entanto, a partir do que vimos no subcapítulo anterior, podemos entender o Faxina Boa como um perfil que rompe alguns estereótipos e promove novas representações para o trabalho doméstico.

Cabe, portanto, retomarmos nossos objetivos específicos C e D, que foram mobilizados no capítulo 5, e desenvolver nossas considerações articulando-os aos dados da análise descritos nos subcapítulos 5.2.1 e 5.2.2. Objetivando definir as representações socioculturais das trabalhadoras domésticas geradas pelo Faxina Boa no Instagram, considerando atravessamentos de raça, gênero e classe, podemos refletir que o perfil produz, de fato, novas representações relativas ao trabalho doméstico. Ao analisar as postagens do primeiro trimestre de 2021, a partir das categorias estabelecidas, chegamos a quatro modalidades: a) ascensão a partir do trabalho doméstico; b) valorização da ocupação; c) protagonista e d) narrativas pessoais múltiplas.

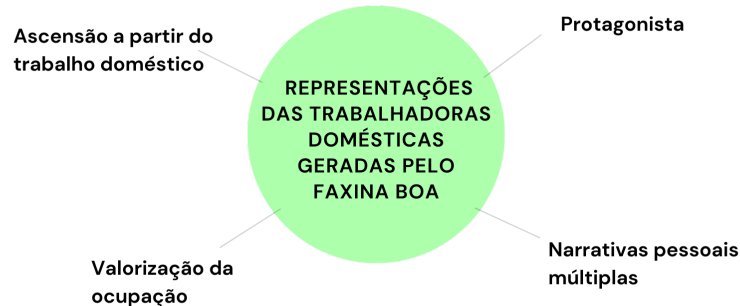
A partir de suas publicações, observamos uma ascensão a partir dessa ocupação. Essa representação, além de contrapor o êxodo como sinônimo de ascensão, tida como representação dominante, promove um novo olhar sobre o trabalho doméstico. Este novo olhar está relacionado ao propósito envolvido na criação do Faxina Boa, que vale retomarmos. Segundo Veronica, consiste em falar sobre o empoderamento das diaristas e a rotina de trabalho de uma profissional de limpeza (LAZARINI, 2019).

Através da ocupação e de seus serviços como faxineira, então, Veronica ganhou notoriedade e foi reconhecida. Relacionada a essa nova representação, temos também a valorização do trabalho doméstico, vista a partir da forma como a criadora do Faxina Boa fala da ocupação e como divulgou seu serviço. Ao tratar a ocupação com orgulho, Veronica ressignifica preconceitos e a desvalorização.

Não podemos ignorar o volume de publicações da categoria pessoal ultrapassar a quantidade de postagens sobre trabalho doméstico. Dessa forma, além de gerar representações que dizem respeito, diretamente, à ocupação, o Faxina Boa também traz as narrativas pessoais como parte importante do perfil. Assim, uma nova representação apresenta-se e diz respeito ao protagonismo de Veronica em sua própria história. Ao contrário de trabalhadoras domésticas representadas midiaticamente como personagens coadjuvantes, sem enredo próprio e orbitando a trama dos empregadores, o Faxina Boa demonstra a existência de histórias pessoais, com enredos múltiplos, que ultrapassam a ocupação do trabalho doméstico. Ou seja, as trabalhadoras domésticas são, a partir do que observamos no perfil, sujeitas com narrativas próprias.

As representações socioculturais geradas pelo Faxina Boa, no Instagram, acerca das trabalhadoras domésticas estão expostas no diagrama abaixo.

**Figura 20** – Representações geradas pelo Faxina Boa



Fonte: Elaboração da autora, 2021.

Com relação ao nosso último objetivo específico, que visa estabelecer relações entre as representações midiáticas estereotipadas na ficção televisiva e as representações geradas pelo Faxina Boa acerca das trabalhadoras domésticas, pontuamos que essas relações foram traçadas ao longo da análise das postagens e na justificativa, também, das representações geradas pelo Faxina Boa, explicada acima. Em suma, entre as representações dominantes identificadas, o perfil tensiona, crítica e/ou contrasta com as da mãe preta, incompetente e preguiçosa, coadjuvante e êxodo do trabalho doméstico como sinônimo de ascensão. Não observamos, no entanto, nas postagens do período analisado, contraste ao estereótipo da trabalhadora doméstica sexualizada.

Veronica, ao trazer temas como empreendedorismo, empoderamento e ser uma "inspiradora digital", também produz novas representações a partir de seu lugar como mulher negra e moradora da periferia. Assim, os marcadores sociais da diferença interseccionados são rearticulados e ressignificados. Nesse sentido, agregamos a visão de Collins (1991)<sup>32</sup> *apud* Bairros (1995), em relação ao conhecimento subjugado de mulheres negras que não sejam do meio acadêmico. Para a autora, o feminismo negro necessita de contribuições de mães, ativistas, líderes comunitárias e trabalhadoras domésticas, por exemplo, entre outras mulheres negras que não sejam reconhecidas na academia, através de suas experiências diárias. Percebemos, a partir disso, que o vínculo dessa ideia com o papel de Veronica, através do Faxina Boa, é notório.

<sup>32</sup> COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought Knowledge Consciousness and Polificsof Empowerment**. Nova Iorque: Routledge, 1991.

Complementarmente, Collins (1991) *apud* Bairros (1995) afirma que, no caso das trabalhadoras domésticas, o distanciamento simbólico e o fato de não pertencimento genuíno às famílias empregadoras não deve ser visto como subordinação. Pelo contrário, estar nessa posição oferece a oportunidade de ter uma visão diferente das ações do grupo dominante. E, a partir disso, vislumbra-se a possibilidade de "potencializá-la afirmativamente através da reflexão e da ação política." (BAIRROS, 1995, p. 463). O que observamos, analisando nosso objeto empírico, é justamente uma prática reflexiva e crítica do Faxina Boa, que potencializa a subversão do lugar marginalizado imposto às trabalhadoras domésticas.

Além disso, lembrando Gonzalez (1984), a mulher negra é mantida em empregos onde não pode ser vista, dada a naturalização da sua invisibilidade. Veronica, através do Faxina Boa, representa mais de 65% das mulheres negras ocupadas no trabalho doméstico. O marcador de classe articulado ao racial, aponta 15% menos rendimento para essas mulheres<sup>33</sup> (IBGE, 2020). A partir dessas premissas, podemos pensar que o protagonismo de Veronica dentro de sua própria narrativa é ainda mais relevante quando pensamos não só na divisão sexual, mas na divisão racial imbricada no trabalho doméstico, com o marcador de raça interseccionado. Ter visibilidade, com o Faxina Boa, confere não só novas representações em relação à ocupação, mas oposições importantes para preconceitos e estereótipos vinculados às mulheres negras e o mercado de trabalho.

Cabe pensarmos, então, que transcodificação o Faxina Boa promove a partir das publicações que analisamos, considerando os marcadores interseccionais. O perfil analisado ressignifica e complexifica as vivências enquanto mulher – marcador de gênero –, negra – raça – e moradora da periferia, que, embora não ateste condições econômicas baixas, no caso de Veronica atualmente, simboliza uma categorização social. Através do Faxina Boa, sua criadora expressa orgulho de ter sido faxineira, orgulho de ser negra e de morar na periferia. Seus relatos associam essas experiências a características boas, que contrastam com muitos estereótipos e preconceitos que circulam na sociedade.

Retomando a justificativa social deste trabalho, nossa discussão sobre interseccionalidade e marcadores pode ser observada na análise do objeto empírico. Quando pensamos nas heranças escravocratas, no qual o lugar da servidão cabia, dentro de casa, especificamente às mulheres negras, temos a oposição do Faxina Boa ao estereótipo da mãe preta, sua visibilidade nas redes sociais digitais e publicações de empoderamento como contrastes a essas heranças. Relativo à formação dos indivíduos dentro de uma sociedade tradicionalmente patriarcal, temos tensões através de publicação da subcategoria maternidade

<sup>33</sup> Conforme dados da PNAD Contínua referentes a 2020.

e gestação, problematizando a presença paterna nas relações e questionando os fardos impostos à maternidade, através do incentivo ao empreendedorismo feminino, da crítica à carga de afazeres domésticos atribuída às mulheres e do empoderamento de gênero.

No que tange à expressiva desigualdade de renda, que dá margem para que trabalhadores assalariados contratem e remunerem, com seus salários, outros trabalhadores (PINHEIRO *et al.*, 2019), Veronica se posiciona exigindo respeito aos prestadores de serviços. Através de sua autobiografia e suas postagens no Instagram, ela conscientiza sobre a valorização daqueles que fazem um trabalho que é necessário à sociedade e que não há porquê ser desmerecido.

Nesse sentido, pontuamos também a importância do alcance cada vez maior do Faxina Boa, visando mais notoriedade nas redes sociais digitais. Isso justifica-se pela convencionalização (MOSCOVICI, 2007) e naturalização (HALL, 2016) envolvidas nas representações socioculturais. O autor da Psicologia Social argumenta que, através do primeiro conceito, objetos são determinados e categorizados, passando a serem reconhecidos de certa forma. Ou seja, são convencionalizados na sociedade (MOSCOVICI, 2007). E quanto à naturalização, Hall (2016) pontua que tal estratégia representacional objetiva convencionar diferenças e ancorá-las permanentemente.

À medida que os sentidos se cristalizam na sociedade e na cultura, geram a estereotipagem, prática que reduz objetos e indivíduos a poucas características generalistas e simplistas, também já discutida no presente trabalho, a partir de Hall (2016). Os significados são produções socioculturais, ou seja, tudo teve seu sentido construído. Assim, podemos pensar que o movimento de desconstruir também se faz necessário. Por isso, é relevante questionarmos, como buscamos fazer no nosso movimento de análise, representações dominantes, fossilizadas. Se o Faxina Boa ganhar cada vez mais reconhecimento e abrangência, será possível promover, ainda mais, tal desconstrução de estereótipos acerca das trabalhadoras domésticas.

O que analisamos no presente trabalho nos auxilia a perceber que as trabalhadoras domésticas adquiriram um maior espaço, a partir do Faxina Boa, para serem cada vez mais sujeitas com narrativas próprias, das quais são protagonistas. E, a partir do seguinte trecho da autobiografia de Veronica, embasamos essa afirmação:

Hoje sei que mudei a forma como muitas pessoas encaram o trabalho doméstico e a prestação de serviços em geral, tanto trabalhadores que não se valorizavam como clientes que não reconheciam o valor desse trabalho. Da minha forma pouco técnica, mas muito honesta e verdadeira, promovo reflexões e diálogos que a sociedade insiste em ignorar e a cada gesto de paciência e amor comigo mesma eu trago um

pouco disso para todas as pessoas que fazem parte dessa rede que me acompanha. Certa vez me disseram que cada vitória minha era a vitória de toda uma parcela de pessoas antes esquecida, e isso só me faz pensar no quanto o Faxina Boa não é sobre mim, mas sobre todos aqueles que um dia foram invisíveis aos olhos da sociedade, apenas pelo trabalho que exercem. (OLIVEIRA, 2020a, p. 126).

Assim como Veronica afirma que mudou a forma como muitas pessoas veem o trabalho doméstico, esperamos tê-lo feito também, com esta pesquisa. Partimos agora para nossas considerações finais sobre o percurso até aqui. Retomamos e refletimos sobre nossa trilha teórica e de análise do objeto, bem como trazemos as surpresas, lacunas e inspirações que este trabalho provocou.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de nosso objetivo geral – analisar as representações das trabalhadoras domésticas a partir do Faxina Boa, no Instagram, e o seu papel na desconstrução de estereótipos social, histórica e midiaticamente construídos acerca dessas trabalhadoras no Brasil –, conseguimos elaborar, ao longo do nosso percurso, uma resposta para o problema de pesquisa “Como a comunicação do Faxina Boa no Instagram contribui no processo de desconstrução de estereótipos a respeito da representação sociocultural das trabalhadoras domésticas no Brasil?”. Contemplamos, especialmente no capítulo 5 deste trabalho, tanto o objetivo geral, quanto a resposta ao nosso problema. Nosso objeto empírico contribui no processo de mudança gerando representações contrastantes às dominantes.

Nossos objetivos específicos também foram atendidos ao longo do percurso do trabalho. O a), que visa mapear o contexto legislativo brasileiro acerca das trabalhadoras domésticas, até o advento da PEC das Domésticas, e o b), que diz respeito a estereótipos construídos socialmente sobre as trabalhadoras domésticas através de representações midiáticas da ficção televisiva, foram alcançados nos capítulos 3 e 4. O c), que objetiva definir as representações socioculturais das trabalhadoras domésticas geradas pelo Faxina Boa no Instagram, considerando atravessamentos de raça, gênero e classe, e o d), que busca estabelecer relações entre as representações midiáticas dominantes e estereotipadas e as representações geradas pelo Faxina Boa acerca das trabalhadoras domésticas, foram contemplados no capítulo 5.

Pensando em nosso questionamento primeiro, feito no título, ponderamos, a partir do caminho trilhado até aqui, que embora as trabalhadoras domésticas sejam, cada vez mais, a partir do Faxina Boa, sujeitas com narrativas próprias e protagonistas destas, essa classe trabalhadora ainda é representada estereotipadamente na mídia. Não é uma mudança brusca que podemos vislumbrar, com relação a essas representações, mas sim uma gradual transformação na forma como as trabalhadoras domésticas são percebidas e representadas, tanto na mídia quanto na sociedade e na cultura em geral. Então, complementar à resposta ao problema de pesquisa, encontrada no processo de análise do objeto, no capítulo 5, percebemos que o Faxina Boa realiza um movimento significativo referente à geração de representações sobre o trabalho doméstico, porém ainda há muito o que ser feito para que ocorra uma mudança maior e estrutural.

Para que fosse possível nossa análise, nos apoiamos sobre o circuito cultural de Johnson (2007). Dada a adaptabilidade desse circuito a diferentes fins – desde estudos

teóricos a apropriação como metodologia, por exemplo –, sentimos facilidade de utilizá-lo como guia metodológico. Não obstante, acreditamos que contemplou muito bem o objeto e as reflexões teóricas pois, por nossa pesquisa situar-se em território cultural, tal premissa requer aderência com a metodologia. Ademais, observamos os momentos da produção, texto e leitura orientarem não só a análise feita no capítulo 5, mas em constante diálogo com nossas reflexões teóricas dos capítulos 3 e 4.

Reconhecemos, no que tange ao conteúdo do trabalho, que poderíamos ter aprofundado um pouco mais os marcadores sociais da diferença de classe, raça e gênero e, inclusive, abordar também o marcador etário, geolocalizador e estético. Porém, pensando em nosso recorte empírico, optamos por dar uma panorama geral dos três principais marcadores para alicerçar a análise do Faxina Boa.

Compartilhamos, aqui, ainda, nossa surpresa com o fato do período escolhido para análise das postagens possuir mais publicações da categoria pessoal em relação ao cerne de nossa pesquisa, o trabalho doméstico. A escolha do primeiro trimestre de 2021 se deu, justamente, pela observação de um volume maior de postagens da temática relacionado ao período de tempo até a produção deste trabalho. No entanto, somando as postagens, observamos que a vida pessoal, fatos do cotidiano, a maternidade, sua gestação e o autismo do filho representaram um número maior em relação a publicações sobre a ocupação. Para nossa análise, considerando o enfoque sobre o trabalho doméstico, foi um fato que despertou surpresa. Mas, ainda assim revela um lado importante para nossa pesquisa: o protagonismo e a narrativa própria de Veronica, criadora do perfil.

Realizar este trabalho de conclusão de curso significa um grande passo na trajetória acadêmica da pesquisadora que o redigiu e abre portas para uma continuidade da pesquisa. Uma vez que a abrangência deste trabalho se dá tanto na esfera comunicacional quanto no viés social, desperta o interesse de coletar percepções de trabalhadoras domésticas e empregadores conectadas ao perfil do Faxina Boa. Esta é, inclusive, uma lacuna criada a partir de nossa trajetória aqui compartilhada. Portanto, acreditamos que o caminho para a produção acadêmica está apenas iniciando.

O Faxina Boa tem um potencial transformador no campo das representações sobre o trabalho doméstico. E, se as representações nos auxiliam a viver no mundo, auxiliam na familiarização com objetos e pessoas, é preciso atenção ao modo como são construídas. Buscamos, neste trabalho, refletir, questionar, problematizar e entender como se dá essa construção, como as representações podem ser desconstruídas, reconstruídas e ressignificadas. Percebemos que a comunicação é essencial nesse processo, especialmente no caso do nosso



objeto empírico. Assim, ficamos com o aprendizado de que muitas mudanças ainda são necessárias neste sentido, quando tratamos do trabalho doméstico. Porém, temos no Faxina Boa um significativo avanço nessa transformação.

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.
- AMADOR, Rodney da Silva. Formas de trabalho “não capitalistas” no capitalismo: sobrevivência histórica ou parte integrante?. **Humanidades em diálogo**, São Paulo, v. 10, p. 297-308, abr. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/humanidades/article/view/159326>. Acesso em: 26 jul. 2021.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: uma introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 1994.
- BAIROS, Luíza. Nossos feminismos revisitados. In: RIBEIRO, Matilde (org.). Dossiê Mulheres Negras. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 458-463, jan/abr. 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/issue/view/301>. Acesso em: 2 ago. 2021.
- BARROS, Carla. Representações do Serviço Doméstico na Ficção Televisiva. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, Santa Maria, v. 11, n. 22, p. 65-83, jul/nov. 2012. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/7203>. Acesso em: 16 jul. 2021.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2017.
- BBB 21: Lucas Penteadó deixa o programa após perseguição de vários jogadores. **Folha de S. Paulo**, 2021. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/bbb21/2021/02/bbb-21-lucas-penteadó-deixa-o-programa-apos-perseguição-de-varios-jogadores.shtml>. Acesso em: 06 out. 2021.
- BERNARDINO, Jessyca Lorena Alves. **Luz, câmera, limpando**: interseccionalidades e representações sociais em domésticas, o filme (2001) e doméstica (2012). 2016. Dissertação (Mestrado em história) – Universidade de Brasília. Brasília, 2016. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=3725368](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3725368). Acesso em: 20 maio 2021.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 329-376, jan/jun. 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644745>. Acesso em: 30 maio 2021.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2021]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 26 jul. 2021.

BRASIL. **Lei nº 5.859, de 11 de dezembro de 1972**. Dispõe sobre a profissão de empregado doméstico e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, [1972]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L5859.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5859.htm). Acesso em: 18 maio 2021.

BRASIL. **Lei no 11.324, de 19 de julho de 2006**. Brasília: Presidência da República, [2006]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111324.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111324.htm). Acesso em: 18 maio 2021.

BRITES, Jurema. Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 29, p. 91-109, jul/dez. 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644819>. Acesso em: 20 maio 2021.

BRITES, Jurema; PICANÇO, Felícia. O emprego doméstico no Brasil em números, tensões e contradições: alguns achados e pesquisas. **Revista Latino-americana de Estudos do Trabalho**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 31, p. 131-158, jan/jun. 2014. Disponível em: [http://relet.iesp.uerj.br/Relet\\_31/6%20-%20O%20emprego%20doméstico%20no%20Brasil%20em%20números%20-%20RELET%2031%20-%20WEB.pdf](http://relet.iesp.uerj.br/Relet_31/6%20-%20O%20emprego%20doméstico%20no%20Brasil%20em%20números%20-%20RELET%2031%20-%20WEB.pdf). Acesso em: 14 maio 2021.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 294-314.

CHALHOUB, Sidney. The Precariousness of Freedom in a Slave Society (Brazil in the Nineteenth Century). **International Review of Social History**, Cambridge, v. 56, n. 3, p. 405-439, jul/nov. 2011. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/international-review-of-social-history/article/the-precariousness-of-freedom-in-a-slave-society-brazil-in-the-nineteenth-century/8496E56A9C311D9B941F94E22F48F15D>. Acesso em: 14 maio 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan/jun. 2002. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2211784&forceview=1>. Acesso em: 20 maio 2021.

COUTINHO, Lúcia Loner. **Antônia sou eu, Antônia é você: identidade de mulheres negras na televisão brasileira**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/4417>. Acesso em: 31 ago. 2021.

DAVIS, Angela. As mulheres negras na construção de uma nova utopia. **Portal Geledés**, 12 jul. 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-da-vis/>. Acesso em: 11 abr. 2021.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. **Trabalho doméstico no Brasil**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/trabalhoDomestico.html>. Acesso em 09 out. 2021.

DIAS, Maria Odila. Resistir e sobreviver. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p. 360-381.

DUVEEN, Gerard. Introdução: O poder das ideias. In: MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Tradução de Gerard Duveen e Pedrinho Arcides Guareschi. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 7-28.

ESTEVES, Lorena; LEAL, Camila; CAL, Danila; BRITO, Rosaly de Seixas. Telenovelas, interseccionalidade e relações de poder: representações midiáticas das trabalhadoras domésticas. In: CAL, Danila Gentil Rodriguez; BRITO, Rosaly de Seixas Brito (org.). **Comunicação, gênero e trabalho doméstico: das reiterações coloniais à invenção de outros possíveis**. Curitiba: CRV, 2020. p. 143-163.

FAXINA BOA. In: **Facebook**: Faxina Boa @faxinaboa. Disponível em: <https://www.facebook.com/faxinaboa>. Acesso em: 13 set. 2021.

FAXINA BOA. In: **Instagram**: Faxina Boa @faxinaboa. Disponível em: <https://www.instagram.com/faxinaboa/>. Acesso em: 13 set. 2021.

FAXINA BOA. In: **Twitter**: Faxina Boa @faxinaboa. Disponível em: <https://twitter.com/faxinaboa>. Acesso em: 13 set. 2021.

FAXINA BOA. In: **Youtube**: Faxina Boa @faxinaboa. Disponível em: [https://www.youtube.com/channel/UCSHpo71GI0Z9CR\\_eJ9ojVVQ](https://www.youtube.com/channel/UCSHpo71GI0Z9CR_eJ9ojVVQ). Acesso em: 13 set. 2021.

FRAGA, Alexandre Barbosa. **De empregada a diarista: as novas configurações do trabalho doméstico remunerado**. 2010. Dissertação (Mestrado em sociologia e antropologia) – Universidade Federal Do Rio De Janeiro. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=192108](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=192108). Acesso em: 14 maio 2021.

FRANÇA, Vera. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. (Org.). **Comunicação, representação e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Aparecida: Ideias&Letras, 2004. p. 13-26.

FREIRE FILHO, João. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 12, n. 28, p. 18-29, dez. 2005. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3333>. Acesso em: 16 jul. 2021.

FREITAS, Camilla. **Better Call Veronica**. Ecoa Uol, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/veronica-oliveira-transformou-faxina-em-um-negocio-de-sucesso-e-esperanca/>. Acesso em: 16 ago. 2021.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 49ª edição. São Paulo: Global Editora, 2003.

FÜRSICH, Elfriede. O problema em representar o Outro: mídia e diversidade cultural. **Revista Parágrafo**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 51-61, jan/jun. 2016. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/378>. Acesso em: 16 jul. 2021.

FURTADO, Odair; CARVALHO, Mônica Gurjão; SANTOS, Winnie Nascimento dos. Quase da família: perspectivas interseccionais do emprego doméstico. **Revista psicologia política**, São Paulo, v. 20, n. 48, p. 355-369, ago. 2020. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2020000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2020000200008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 14 maio 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Marco Antonio. Doméstica: uma etnografia indiscreta. In: GUIMARÃES, V. (org.). **Doméstica**: coletânea de textos + filme. Recife: Desvia Produções, 2015, p. 68-77.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984. p. 223-244. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod\\_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo\\_e\\_Sexismo\\_na\\_Cultura\\_Brasileira%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf). Acesso em: 30 maio 2021.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. **Representation**: Cultural representations and signifying practices. London: Sage, 1997.

HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth; SANTOS, Adriano Rodrigues dos. Sobre escravos e escravizados: percursos discursivos da conquista da liberdade. In: SIMPÓSIO NACIONAL DISCURSO, IDENTIDADE E SOCIEDADE (III SIDIS) DILEMAS E DESAFIOS NA CONTEMPORANEIDADE, 3., 2012, Campinas. **Anais Eletrônicos**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2012. p. 1-13. Disponível em: [https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/HARKOT\\_DE\\_LA\\_TAILLE\\_ELIZABETH.pdf](https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/HARKOT_DE_LA_TAILLE_ELIZABETH.pdf). Acesso em: 27 jul. 2021.

HARRIS, David Evan. **Você vai me servir**: desigualdade, proximidade e agência nos dois lados do Equador. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-04072008-152652/pt-br.php>. Acesso em: 14 maio 2021.

HEINEN, Luana Renostro; OLIVEIRA, Marina Barcelos de. A regulamentação do trabalho doméstico no Brasil. In: BAGGENSTOSS, Grazielly Alessandra (org). **Direito das mulheres**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2017. p. 159-174.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set/dez. 2007. Disponível em: <http://scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132>. Acesso em: 20 maio 2021.

IASINIEWICZ, Giovanna. **Trabalho Doméstico no Brasil**: entre o poder simbólico patronal e a luta por reconhecimento jurídico. 2017. Dissertação (Mestrado em sociologia) – Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2017. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=5152834](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5152834). Acesso em: 14 maio 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS CONTÍNUA. **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2019**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101794>. Acesso em: 12 ago. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS CONTÍNUA. **Indicadores mensais produzidos com informações do 1º trimestre de 2020**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 17 mar. 2021.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, estudos culturais? In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SCHULMAN, Norma; JOHNSON, Richard. **O que é, afinal, estudos culturais**. Tradução e organização de Tomaz Tadeu. 2. ed. São Paulo: Autêntica, 2007. p. 9-132.

JORDÃO, Janaína Vieira de Paula. Trabalhadoras domésticas: representação midiática e identidade. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 99-108, out. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/sec.v14i1.15685>. Acesso em: 14 maio 2021.

KARHAWI, Issaaf. Influenciadores digitais: o Eu como mercadoria. In: SAAD, Elizabeth; SILVEIRA, Stefanie Carlan da (org.). **Tendências em Comunicação Digital**. São Paulo: ECA-USP, 2016, p. 38-59. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/87/75/365-1>. Acesso em: 13 out. 2021.

LAZARINI, Maria Teresa. **Sacudindo a poeira, ela decidiu empreender fazendo faxina**. Azulis, 2019. Disponível em: <https://www.azulis.com.br/artigo/veronica-faxina-boa>. Acesso em: 25 fev. 2021.

LIBARDI, Guilherme; JACKS, Nilda. Interseccionalidade como ferramenta teórico-metodológica: apontamentos para a pesquisa de recepção e consumo midiático. **Signos de Consumo**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 3-13, dez, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/signosdoconsumo/article/view/174262/167412>. Acesso em: 30 maio 2021.

LIBARDI, Guilherme. Panorama dos estudos sobre interseccionalidade no Brasil (2008 – 2018): notas gerais e especificidades dos objetos empíricos comunicacionais. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 28., 2019, Porto Alegre. **Anais Eletrônicos**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2019. p. 1-24. Disponível em:

[http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos\\_arquivo\\_P6OJUEQO5NDW74GKRY4J\\_28\\_7735\\_21\\_02\\_2019\\_13\\_49\\_16.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_P6OJUEQO5NDW74GKRY4J_28_7735_21_02_2019_13_49_16.pdf). Acesso em: 30 maio 2021.

LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019a. p. 239-249.

LORDE, Audre. Não existe hierarquia de opressão. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019b, p. 226-227.

MACEDO, Renata Mourão. Espelho mágico: produção e recepção de imagens de empregadas domésticas em uma telenovela brasileira. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 48, p. 183-211, nov. 2016. Disponível em: [https://www.academia.edu/34608209/Espelho\\_m%C3%A1gico\\_produ%C3%A7%C3%A3o\\_e\\_recep%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_imagens\\_de\\_empregadas\\_dom%C3%A9sticas\\_em\\_uma\\_telenovela\\_brasileira](https://www.academia.edu/34608209/Espelho_m%C3%A1gico_produ%C3%A7%C3%A3o_e_recep%C3%A7%C3%A3o_de_imagens_de_empregadas_dom%C3%A9sticas_em_uma_telenovela_brasileira). Acesso em: 20 jul. 2021.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos Meios às Mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MENDONÇA, Maria Luiza Martins de; JORDÃO, Janaína Vieira de Paula. Domésticas no cinema: identidade e representação. In: INTERCOM, 31., 2008, Natal. **Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Mídia, ecologia e sociedade**. Natal: 2008. p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0750-1.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2021.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. **Classificação Brasileira de Ocupações**. 2011. Disponível em: <http://www.mteco.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>. Acesso em: 14 maio 2021.

MONTICELLI, Thays Almeida. **"Eu não trato empregada como empregada": empregadoras e o desafio do trabalho doméstico remunerado**. 2017. 232 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/55452>. Acesso em: 13 mar. 2021.

MORIGI, Valdir José. Teoria social e comunicação: representações sociais, produção de sentidos e construção dos imaginários midiáticos. **E-Compós**, v. 1, 26 jun. 2004. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/9>. Acesso em: 04 abr. 2021.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Tradução de Gerard Duveen e Pedrinho Arcides Guareschi. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOURA, Iara Gomes. De empregada a “empreguete”: Das lutas simbólicas na televisão brasileira. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. **Anais Eletrônicos**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013, p. 1-13. Disponível em: [http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373303820\\_ARQUIVO\\_DeempregadaaempregueteartigoFG.pdf](http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373303820_ARQUIVO_DeempregadaaempregueteartigoFG.pdf). Acesso em: 16 jul. 2021.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista Brasileiro**: Formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 282-288.

OLIVEIRA, Débora Laís Silva de. **“Sim, Senhora! Não, Senhor!” identidade e trabalho doméstico**. 2018. 127 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21402>. Acesso em: 13 mar. 2021.

OLIVEIRA, Dennis de; PAVAN, Maria Angela. Identificações e estratégias nas relações étnicas na telenovela “Da Cor do Pecado”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004, Porto Alegre. **Anais eletrônicos**. Porto Alegre: Intercom, 2004, p. 1-15. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/136195056859323442706365996831733950548.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2021.

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista**: O ornitorrinco. São Paulo: Boitempo, 2003.

OLIVEIRA, Veronica. Better Call Veronica. [Entrevista cedida a] Camilla Freitas. **ECO A UOL**, São Paulo, mar. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/veronica-oliveira-transformou-faxina-em-um-negocio-de-sucesso-e-esperanca/>. Acesso em: 16 ago. 2021.

OLIVEIRA, Veronica. **Minha vida passada a limpo**: Eu não terminei como faxineira, eu comecei. São Paulo: Latitude, 2020a.

OLIVEIRA, Veronica. Negra, mãe, faxineira, palestrante: conheça Veronica Oliveira, a Faxina Boa. [Entrevista cedida a] Luiza Lemos. **iG Delas**, São Paulo, ago. 2020b. Disponível em: <https://delas.ig.com.br/comportamento/2020-08-26/negra-mae-faxineira-palestrante-conheca-veronica-oliveira-a-faxina-boa.html>. Acesso em: 16 ago. 2021.

OLIVEIRA, Veronica. Veronica Oliveira: A elite brasileira precisa de uma faxina. [Entrevista cedida a] Carolina Delboni. **TPM**, São Paulo, out. 2020c. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/veronica-oliveira-a-elite-brasileira-precisa-de-uma-faxina>. Acesso em: 16 ago. 2021.

ONU MULHERES. **Mais igualdade para as mulheres brasileiras: caminhos de transformação econômica e social**. Brasília: ONU Mulheres - Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres, 2016. Disponível em: [https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/05/encarte-Mais-igualdade-para-as-mulheres-brasileiras\\_site\\_v2.pdf](https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/05/encarte-Mais-igualdade-para-as-mulheres-brasileiras_site_v2.pdf). Acesso em: 02 mar. 2021.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra**: afetividade e solidão. Salvador: EDUFBA, 2013.



PINHEIRO, Luana; LIRA, Fernanda; REZENDE, Marcela; FONTOURA, Natália. **Os Desafios do Passado no Trabalho Doméstico do Século XXI**: reflexões para o caso brasileiro a partir dos dados da PNAD Contínua. Brasília: Ipea, 2019. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_2528.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2528.pdf). Acesso em: 17 mar. 2021.

PRIMO, ALEX. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

PRINS, Baukje. Narrative accounts of origins: a blind spot in the intersectional approach? **European journal of women's studies**, Thousand Oaks, v. 13, n. 3, p. 277-290, ago. 2006. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1350506806065757>. Acesso em: 30 maio 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019.

RONCADOR, Sônia. Um legado colonial oneroso: A servidão doméstica na cultura e na literatura brasileiras. In: GUIMARÃES, Victor. **Doméstica**: coletânea de textos + filme. Recife: Desvia, 2015. p. 94-103.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Emprego doméstico e capitalismo**. Petrópolis: Vozes, 1978.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Conceituando “empoderamento” na perspectiva feminista. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL TRILHAS DO EMPODERAMENTO DE MULHERES PROJETO TEMPO (1., 2006 5-10 jun., Salvador). Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6848>. Acesso em: 16 ago. 2021.

SAVICKI, Michele. **Mulher, pobre, negra e doméstica**: efetivação de direitos e desafios na realização da justiça social. 2019. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/211532>. Acesso em: 20 maio 2021.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Sergio Luiz Pereira da. **O Lugar do Outro**: ação comunicativa, representações sociais e identidade. Macaé: Editora NUPEM, 2019.

SOUZA, Jessé. **A Ralé Brasileira**: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

TANAKA, Sheila. Interseccionalidade e trabalho doméstico: o debate público sobre a Emenda Constitucional 72 no Brasil. **Cadernos Cedec Nova Série**, São Paulo, n. 123, p. 6-61, dez. 2017. Disponível em:

<http://cedec.org.br/a-interseccionalidade-e-trabalho-domestico-o-debate-publico-sobre-a-eme-nda-constitucional-72-no-brasil>. Acesso em: 18 maio 2021.

TEIXEIRA, Juliana Cristina; SARAIVA, Luiz Alex Silva; CARRIERI, Alexandre de Pádua. Os Lugares das Empregadas Domésticas. **Organizações e Sociedade**, Salvador, v. 22, n. 72, p. 161-178, jan/mar. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/12725>. Acesso em: 20 maio 2021.

TER.A.PIA. **Muito mais que uma Faxina Boa | Histórias de ter.a.pia #47**. Youtube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qir08F7ZgEM&t=22s>.



TRIGUEIRO, Edja; CUNHA, Viviane. O Quarto da empregada: história de um apartheid imutável num espaço doméstico em mudança. In: GUIMARÃES, Victor. **Doméstica: coletânea de textos + filme**. Recife: Desvia, 2015. p. 120-139.

VERONICA OLIVEIRA. In: **LinkedIn**: Veronica Oliveira @faxinaboa. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/faxinaboa/>. Acesso em: 13 set. 2021.

WENTZEL, Marina. **O que faz o Brasil ter a maior população de domésticas do mundo**. BBC Brasil, 26 fev. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43120953#:~:text=No>. Acesso em: 02 mar. 2021.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 2-55.

APÊNDICE A – Postagens do Faxina Boa durante o primeiro trimestre de 2021

Categoria Pessoal	
<p>Maternidade e gestação</p>	<div data-bbox="568 443 1118 987">  </div> <div data-bbox="1129 450 1428 981"> <p><b>faxinaboa</b> • Seguindo Acclimação</p> <p><b>faxinaboa</b> Panda faz terapia há anos, e cada vez se expressa melhor. Ele disse essa semana: "eu chorei na terapia". Conversamos e ele disse que está exausto, que não consegue ler um livro inteiro, que se sente burro, quer sair pra ver amigos, odeia a pandemia. Alguém se identifica? As crianças estão precisando de ajuda tanto quanto nós, e talvez elas não consigam expressar com clareza. Trouxe ele e Claire pra passar o dia em uma casa com quintal que alugamos pelo Airbnb. Ele correu, nadou, brincou, estive perto de pratinhas e eu espero que isso ajude um pouquinho que seja. Um momento de carinho, descanso e auto perdão, não podemos nos cobrar tanto em meio a essa crise. Se cuidem e um dia...</p> <p>Curtido por <b>laradebrum</b> e outras <b>17.930</b> pessoas</p> <p>26 DE MARÇO</p> <p>Adicione um comentário... <a href="#">Publicar</a></p> </div> <div data-bbox="568 1014 1118 1559">  </div> <div data-bbox="1129 1021 1428 1552"> <p><b>faxinaboa</b> • Seguindo Completamente Grávida</p> <p><b>faxinaboa</b> ENSAIO FOTOGRÁFICO DE GESTANTE FREESTYLE PASSANDO PELA SUA TIMELINE! 📸</p> <p>São 23 semanas de gestação e eu perdi o controle DA MINHA VIDA 🤯 dormir, respirar e fazer cocô são tarefas difíceis porém fazer xixi é tão fácil que sai até quando eu não quero! Então numa madrugada de tédio tirei essas fotos pra Olivia dar risada quando crescer!!!! Me senti muito a @xuxamenegheloficial na última foto hahahahahahahahaha</p> <p>#maternidadereal #gestaçõereal #23semanas #gravidez #vemOlivia #muitoxixi #poucosono</p> <p>32 sem</p> <p>Curtido por <b>isabellgomes</b> e outras <b>24.594</b> pessoas</p> <p>2 DE FEVEREIRO</p> <p>Adicione um comentário... <a href="#">Publicar</a></p> </div>

**faxinaboa** • Seguindo  
Parceria paga com theia\_br

**faxinaboa** GRÁVIDA SIM, SOZINHA NÃO!

Saber que eu estou grávida vocês já sabem, mas o que eu não contei ainda é quem está cuidando de mim nesse momento tão cheio de felicidades e incertezas é a @theia\_br, a clínica moderna da gestante, onde eu tenho acesso a diversos profissionais, e conto um pouquinho mais pra vocês sobre essa jornada, os profissionais que estão me acompanhando e as situações dessa gestação que, embora não planejada, agora tão festejada e aguardada! Vem, Olívia!!! E conheçam mais sobre a Theia, em breve nos destaques dos stories vou contar como está sendo esse acompanhamento tão delicado e acolhedor!

19.219 visualizações  
24 DE MARÇO

Adicione um comentário... **Publicar**

---

**faxinaboa** • Seguindo  
Foram Tantas Emoções

**faxinaboa** Durante a gestação a gente se conecta com o corpo de um jeito absurdo, e quem rolar o feed vai ver que eu estava em processo para realizar uma cirurgia plástica de abdome quando descobri a azeitoninha aqui! Imagina a loucura que foi hahahahaha agora são 24 semanas dessa nova realidade e eu estou um poço de sentimentos confusos: me sinto feia, enorme e cansada, basicamente o tempo inteiro. Já tinha as questões com a minha barriga e agora elas ficam pipocando na minha cabeça sem parar. Enquanto a gente está grávida todos acham lindo...passou 4 semanas vc não voltou ao peso anterior já dizem que "ficou linda" Eu já antes tá não sei!

Curtido por isabellgomes e outras 16.075 pessoas  
10 DE FEVEREIRO





**faxinaboa** • Seguindo  
Atípica

**faxinaboa** VC NÃO TEVE MEDO DE ENGRAVIDAR E TER OUTRO FILHO AUTISTA????

Algumas pessoas me perguntam sobre isso e eu até aproveito pra contar sobre a minha gravidez na adolescência aos 39 anos 🙄🙄🙄 eu havia acabado de tirar o DIU Mirena (coisa de dez dias) e engravidei. No retorno com meu gineco levei o ultrassom com uma azeitoninha de 2cm hahahahahaha sim, foi um susto! Na minha idade, tendo feito bariátrica e tendo filhos já grandes, não tava nos meus planos não, tava prontinha pra fazer minha sonhada plástica, inclusive! Assim que soube da gravidez li no blog da @lagartavirapupa que a probabilidade de outro filho ser autista é de 20% contra 25% se for

Curtido por millii\_souza6 e outras 32.971 pessoas

27 DE JANEIRO



**faxinaboa** • Seguindo  
Ackee Pousada - Thermas dos Laranjais - ...

**faxinaboa** JÁ IMAGINOU UM REALITY DESSES???

Eu vejo um pouco assim os últimos anos: vocês viram meu trampo, minha casa, minha mudança pra Itaquera, as conquistas, o crescimento do Panda e agora a chegada da Olívia. É muita coisa! Estamos aqui na cidade de Olímpia, na @ackee.pousada tendo um momento de paz. Acredite nos pequenos negócios, incentive o black money, usem máscara e bebam água. Ah: não podemos gravar um reality pq Panda fala muita besteira hahahahahaha. Essa é nosso primeiro passeio em família sem ser bate e volta (levou só 21 anos, mas finalmente aconteceu!) Anos que os momentos

Curtido por vanessa240980 e outras 3.121 pessoas

21 DE JANEIRO

Adicione um comentário... Publicar



**faxinaboa** • Seguindo  
Amo Pizza

**faxinaboa** Hoje não é dia de #bt mas eu encontrei essa foto de 4 anos atrás: depois de uma baita faxina eu cheguei no meu barraco, tomei um banho e pedi uma pizza e fizemos essa foto pra agradecer aos clientes que depositaram em mim sua confiança e me permitiram entrar em suas casas e com isso chegar na minha e levar um pouco de felicidade pros crianças. Olhando pra trás eu sou grata a todos esses momentos, sem eles eu não teria a bagagem que tenho hoje pra entender e agradecer. Quando acabar

Curtido por 2vegetarianos e outras 5.328 pessoas

15 DE JANEIRO

Adicione um comentário... Publicar



**faxinaboa** • Seguindo  
Girl Power

**faxinaboa** • VEM, OLÍVIA 🌸🌸  
Primeiro @vansbrasil revelação sim, vem aí uma menina!! Que seja saudável, feliz e que saiba que estamos esperando ansiosamente por você!!!!  
#vans #maedemenina #babygirl #aproximaTorozinha #Olivia #BabyAzeitona

34 sem

veronica\_isa\_40 Que Olívia venha cheia de saúde trazendo muito amor pra toda família 🍀❤️

Curtido por isabellgomes e outras 26.182 pessoas

19 DE JANEIRO

Adicione um comentário... Publicar



**faxinaboa** • Seguindo  
Bebê Chegando

**faxinaboa** • 20 semanas e agora caiu a ficha de que metade do caminho se passou e você está chegando. Em breve saberemos se é menino ou menina e escolheremos seu nome. Eu andei doidinha e até hoje não comprei nada pra vc, sabe? Mas tamo aqui arrumando a casa onde vc vai morar e por enquanto não vamos sair dela, então tem que ficar perfeita pra nós. Eu sei, bebê, parece meio doido aqui fora: é é mesmo, mas prometo que te mostro coisas legais também que eu juro que tem. Sim, eu durmo muito e como mais ainda, mas é pq quando vc chegar não vai dar tempo hahahahahahahaah tou me adiantando aqui. Ainda não aprendi a colocar o filho nos doces!!!

Curtido por stared21 e outras 18.590 pessoas

10 DE JANEIRO



**faxinaboa** • Seguindo  
Meu Corpo

**faxinaboa** • Meu corpo carrega muita história e agora carrega uma vida, mas para além disso me traz inseguranças e tristezas que a gestação amplifica de forma cruel. Cada estria, cada cicatriz de cirurgia, cada centímetro de pele e gordura me fazem pensar "pq comigo?" e eu me sinto feia e triste, ao mesmo tempo em que o medo de não dar conta vem com força. Ser mulher é também se colocar à prova o tempo todo, de forma cruel e difícil. A meta é tentar ser mais leve nessa reta final.  
#gravidez #autoaceitação #31semanas #corpolive #medos #cicatrices #estrias #vida

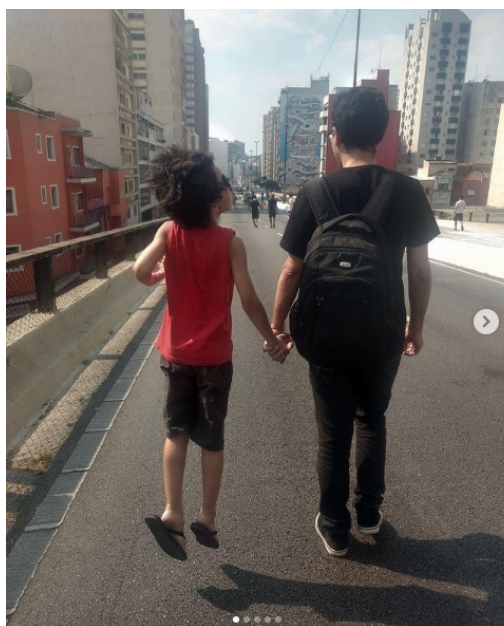
24 sem

Curtido por heygulia e outras 10.800 pessoas

31 DE MARÇO

Adicione um comentário... Publicar





faxinaboa • Seguindo ...

PRECISAMOS FALAR SOBRE PATERNIDADE ATUAL. Apesar de não falar sobre ele aqui no Instagram, o pai do Panda existe, é presente, é o típico pai de hoje em dia: paga pensão, cuida do filho, porém DAQUELE JEITO e isso tem uma razão de ser: ele SABE que pode contar com a mãe (a guerreira, aí que ódio) que vai dar conta de tudo. Tudo bem pagar 25% do salário mínimo de pensão: a mãe paga o resto, a mãe leva ao médico, faz a lição, lembra de comprar cuecas novas, cortar as unhas, ensinar sobre a vida, o mundo e tudo mais. O pai? Quando estão juntos a vida é o Woodstock de Itapevi: uma semana sem banho comendo miojo e jogando videogame até trair da mãe.

Curtido por jadegdaroit e outras 30.720 pessoas  
21 DE FEVEREIRO  
Adicione um comentário... Publicar



faxinaboa • Seguindo ...

O MITO DA GESTANTE QUE REPOUSA: cadê as gestantes do Instagram? Conta como tá aí? Aqui eu tiro pó da sala pelo menos 3 vezes por dia kkkkkrying #faxina #faxinaboa #gravidez #repouso #mitos

24 sem  
goulart.jacy Igual eu kkkk  
24 sem Responder  
crmendonca Fiz faxina na minha casa na véspera do meu filho nascer. Falei com a minha doula no  
Curtido por heygiulia e outras 20.085 pessoas  
28 DE MARÇO  
Adicione um comentário... Publicar



**faxinaboa** • Seguindo  
Acolhimento

**faxinaboa** • Hoje eu dei várias entrevistas e fiz algumas reuniões. Não deu tempo de fazer comida, nem de arrumar a casa, mal consegui ir ao banheiro, até que enfim dei e o fedidinho da mãe veio correndo dizer: "não parece saudável isso aí, vc trabalha demais e eu tenho medo." Veio colocar um travesseiro debaixo das minhas pernas, me dar carinho e falar pra sossegar. HJ é dia internacional do Panda, mas na verdade eu acredito que todo dia seja dia do Panda. Que menino! #maternidadereal #maternidadeatipica #acolhimento #carinho #maedemenino

26 sem

Curtido por isabellgomes e outras 11.547 pessoas

16 DE MARÇO



**faxinaboa** • Seguindo  
Limão

**faxinaboa** • COMO SÃO OS FINAIS DE SEMANA NA CASA DE VOCÊS?...por aqui tudo tranquilo. #maternidadereal #panda #yoga #sella #maedemenino #meninodoido #maedeadolescente #maternidadeatipica

26 sem

claudiahelenaabrao Deí mal jeito na coluna só de olhar pelo celular 🤔🤔🤔

26 sem 1 curtida Responder

cabralannaluis 🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔

Curtido por georgiapadiar e outras 4.083 pessoas

13 DE MARÇO



**faxinaboa** • Seguindo  
Mulheres Incríveis

**faxinaboa** • Nesse #8m do ano em que eu vou trazer ao mundo mais uma garota, ainda que a gente não tenha o que comemorar vamos celebrar o fato de que somos fortes, estamos lutando e vamos continuar. Juntas contra o feminicídio, assédio, abusos, desvalorização do trabalho, julgamento de nossos corpos, nossas atitudes, nossa vida. Somos fortes, estamos juntas! #diadamulher #maedemenina #thepresentsfemale

27 sem

Isabeldaria Maculhecccccccc

Curtido por naoinviabilize e outras 29.756 pessoas

8 DE MARÇO





**faxinaboa** • Seguindo  
It's a Girl

**faxinaboa** Dos stories direto pro #tbt por motivos de "ah, tá bonitinha". Olívia 26 semanas muitíssimo bem apresentada por esse vestido que na verdade é uma saia porém eu sou uma mulher muito compacta. Vestido da @mommentsbox #26semanas #gravidaaos39 #tomaraquecaia #mulheresfortes #mulherescarecas

29 sem

**mommentsbox** Na verdade está saia é 2 em 1 mesmo! Como tudo na @mommentsbox . Saia que vira vestido. E eu arrasei!

Curtido por jadegdaroit e outras 17.469 pessoas

25 DE FEVEREIRO

Autismo



**faxinaboa** • Seguindo  
Paris, France

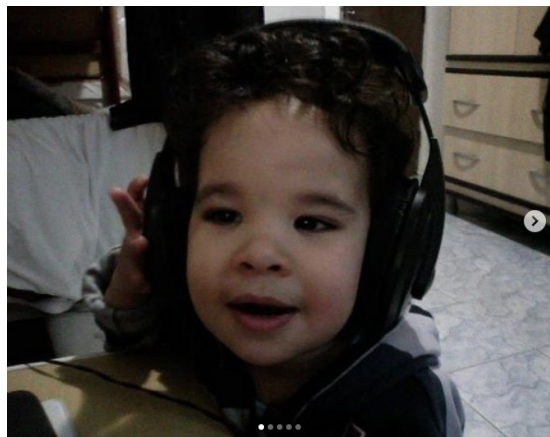
**faxinaboa** de Paris 🇫🇷

Quando Panda era pequeno (uns 6 ou 7 anos) ele disse que queria ir a Paris pra comer num lugar perto de um rio, assim, como se conhecesse o lugar. Um dia pediu pra fazer queijo camembert e quando comeu disse que era "o que ele gostava na França" e por anos falava de lá como se de fato já

Curtido por victoriamorele e outras 7.288 pessoas

30 DE JANEIRO

Adicione um comentário... [Publicar](#)



**faxinaboa** • Seguindo  
Autismo & Vida

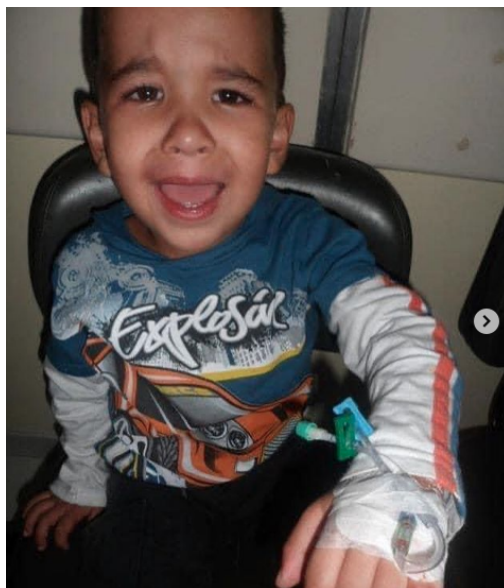
**faxinaboa** MAS COMO VC PERCEBEU QUE ELE É AUTISTA???

Sobre Panda e seu diagnóstico, claro que alguns sinais são mostrados desde pequeno e a gente só vai se dando conta depois: Panda não fazia contato visual, não brincava, usava os brinquedos de um jeito diferente (tudo pra ele era bater ou ficar girando), a violência nas reações e os hiper focos. Desde bebê ele se interessa por

Curtido por marinacnasci e outras 12.439 pessoas

29 DE JANEIRO

Adicione um comentário... [Publicar](#)



**faxinaboa** • Seguindo  
Autismo E Realidade

**faxinaboa** 🗣️ E O AUTISMO.

Panda não falava, andava pouco e mal interagia até os 3 anos de idade, e após uma crise epilética passou a ler, escrever, falar inglês e usar computador com desenvoltura. Tudo de uma vez e antes de completar 4 anos.

O consultório parecia imenso, a voz da psiquiatra parecia ter eco e eu parecia anestesiada: "ele é autista sim."

Eu não conhecia ninguém no espectro, nenhuma mãe atípica, não sabia nada. Encontrar informações foi uma parte importante do processo pra dar a ele o máximo de apoio que eu pudesse.

👍 Curtido por marinacnasci e outras 13.238 pessoas

28 DE JANEIRO



**faxinaboa** • Seguindo  
Limão

**faxinaboa** 🗣️ Às vezes a gente não consegue escolher uma foto só então vai a sessão toda, que virou meio que um @natgeobrasil hahahahahah o próprio reino animal ao vivo!!! Panda e pai panda que veio dar uma força que o criança tá lidando com muitas mudanças (horários, escola, amigos, rotina, ambiente) e precisa desses momentos pra lembrar que estamos sempre ao lado dele!!! #panda #paidememino #autismo #mudanças #maternidadereal #guardacompartilhada

28 sem

👍 Curtido por suemiranieri e outras 18.120 pessoas

27 DE FEVEREIRO



faxinaboa • Seguindo ...

faxinaboa Ser mãe atípica é...

E mais uma vez vi meu filho ser negado numa escola apenas por ser quem ele é. Depois de entregar o laudo a vaga "desapareceu". Mas a gente não desiste, a gente continua a lutar. #maternidadereal #maternidadeatipica #autismo #panda #cadeainclusao

30 sem

joicetavaresviana Que absurdo! Meus alunos autistas são tratados normalmente com os demais. Empatia, carinho e amor.

22 sem 1 curtida Responder

moni spell @enoch.leite

752.998 visualizações

12 DE FEVEREIRO



faxinaboa • Seguindo Limão ...

faxinaboa 🌟🌟🌟NOVIDADE🌟🌟🌟

Temos um Panda estudante! Primeiro dia do criança na escola, COMPLETAMENTE pistola por ser no período da manhã (espero que ele me perdoe um dia). Que seja um ano leve, ele vai fazer as aulas on line mas decidi ir um dia no presencial para conhecer professores e alunos, mas preferimos dar continuidade no on line. Ele foi convidado pela escola após a repercussão do caso nas redes sociais! Estamos muito felizes e agradecidos por todos que mandaram mensagens de apoio, recomendação de escolas, dicas jurídicas etc. Se liguem na camiseta pra ele já chegar mandando o

Curtido por isabellgomes e outras 31.788 pessoas

22 DE FEVEREIRO

Adicione um comentário... Publicar





**faxinaboa** • Seguindo  
Maternidade Real

**faxinaboa** A minha reação sobre tudo isso é: EITA!!!

Eu e Panda estamos bem, nos sentindo mega acolhidos por vcs e com certeza a gente sente que vai dar tudo certo. Um monte de gente nova chegou por aqui e eu só quero dizer que "movida pela força do ódio" eu faço o que for pra buscar momentos de sorrisos assim. Obrigada a todos que ofereceram ajuda, indicaram escolas, passaram orientações importantes. @juhphoto #Panda #autismo #vaidartudocerto #leidainclusão #adolescente #sorriso

30 sem

Curtido por **jadegdaroit** e outras **28.112** pessoas

14 DE FEVEREIRO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

Cotidiano e vida pessoal



**faxinaboa** • Seguindo  
Brazil

**faxinaboa** Rindo como se não houvesse pandemia, boletos, xixi a cada 10 min e um genocida no governo do meu país.

26 sem

**mayra\_meajuda** Quero copiar! Rsr

26 sem Responder

**analuciadamaso** 🤔🤔🤔

26 sem Responder

Curtido por **heygulia** e outras **5.618** pessoas

17 DE MARÇO



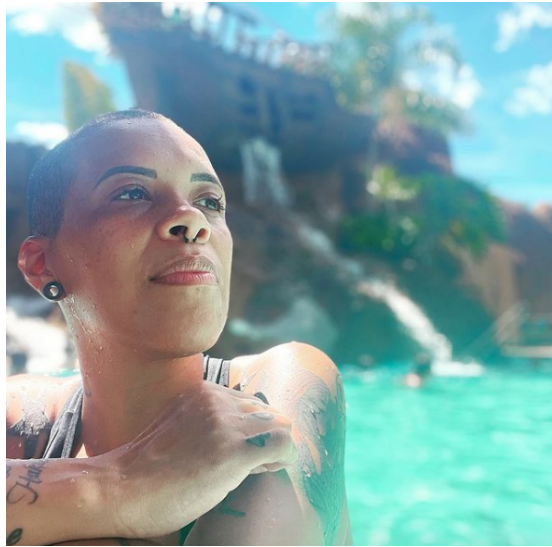
**faxinaboa** • Seguindo  
São Paulo, Brazil

**faxinaboa** Eu vim morar em São Paulo com poucos dias de vida, mas nasci em Vitória da Conquista, Bahia. Cresci na região central e aprendi a amar todos os defeitos e loucuras dessa cidade, que às vezes é doce e às vezes é puro fel. Seja na Praça da República dando um rolê na feira de artesanato, na Praça da Sé tomando sol com o padrao ou no Mc Donalds que era de lei toda semana, cresci amando cada cantinho do centro. Feliz aniversário pra essa cidade que faz 467 anos e infelizmente a gente poderia fazer dela um lugar ainda melhor, mais igual, mais colaborativo, mas ainda não fazemos isso. Que meus filhos saibam amar e cuidar dessa cidade e aproveitar a sua beleza de...

Curtido por **duda\_bianchi** e outras **2.451** pessoas

25 DE JANEIRO

Adicione um comentário... [Publicar](#)



**faxinaboa** • Seguindo  
Olimpia, Brazil

**faxinaboa** Tá acabando esse momento de descanso e eu pensei muito no que produzir nos próximos meses, antes da azeitoninha chegar, e pra variar pensei muito e concluí pouco (vocês são assim??? Kkkkk) Estou triste pois achei mesmo que esse ano poderia fazer o lançamento presencial do livro mas estamos vendo que ainda não **❤️** e coisas que quero/preciso estudar também não dá pra fazer agora...vocês estão fazendo grandes planos pra 2021? O que gostariam de ver mais por aqui? Tou curiosa!!!! #faxinaboa #descanso #renovação #planos #sellá

33 sem

Curtido por **julia\_dgf3** e outras **6.935** pessoas

24 DE JANEIRO

Adicione um comentário... **Publicar**



**faxinaboa** • Seguindo  
Limão

**faxinaboa** Manter uma rotina (de qualquer coisa) está sendo quase impossível por aqui: eu durmo em horários nada a ver, a casa só ficou arrumada na última semana, a ansiedade consome não só a mim mas Panda também...pra não deixar virar bagunça resolvi hj conhecer a academia do prédio, e tentar começar um relacionamento sério com ela hahaha vamos ver! Meditar, nadar, fazer exercícios e deixar a casa limpa tem sido os pilares da minha sanidade mental kkkkk como vcs estão? Conseguem manter rotina? Se cuidar? Deixar a pia limpa? Me conta! #faxinaboa #rotina #exerciciofisico #saudental #cansada #gravidez #32semanas

Curtido por **gabrielaschneider369** e outras **3.488** pessoas

5 DE FEVEREIRO



**faxinaboa** • Seguindo  
Bairro do Limão

**faxinaboa** Ser a amiga com piscina: check **✅**  
Apaixonada pelo biquíni da @roupaparabrinçar que cabe bem meu barrigão: check **✅** #feliz #verao #piscina #gravida #biquini #corpodeverao

36 sem

**euvinciusdelrio** Somos vizinhooooooooo **♥️**

35 sem 1 curtida Responder

**enincinona** Barrina linda é a **♥️**

Curtido por **caroline.heredia** e outras **15.567** pessoas

7 DE JANEIRO





**faxinaboa** • Seguindo  
Melhor lugar do mundo

**faxinaboa** Morar de aluguel faz a gente ter medo até de furar uma parede, né? Pela primeira vez tive coragem de fazer um projeto de decoração das casa e os maravilhosos Márcio Mattos, Luciana Fernandes e Bianca Melo tocaram (o terror) o projeto hahahahahaha a emoção de quem uma vez não teve onde morar e agora tem um lar tão lindo é INDESCRITÍVEL 🍷 as artes da @hletterings e @ssshhhnnn deram um toque especial! Ainda desacreditado que moro aqui, sabe? Parece as casas que eu limpava hahahahahaha Super indico o trampo dessa galera incrível pra fazer a sua casinha virar um lar! #casa #decoração #lar #vidanova #casinha #foto #lar

Curtido por nathalyaneme e outras 22.623 pessoas

2 DE MARÇO

Adicione um comentário... Publicar



**faxinaboa** • Seguindo  
Meu Quarto

**faxinaboa** Primeira segunda feira do ano, primeiro post do ano, primeira foto de uma parte da minha casinha nova. Tenho andado com a ansiedade nas alturas por conta de tanta novidade e vários medos, crises de choro e uma leve impressão de que estou voltando a ficar doente, ao mesmo tempo em que vejo meu quartinho tomar formato, não tem mais caixas, mas não está pronto. A casa precisa ser um ambiente acolhedor, né? Talvez seja isso: não estar com a casa pronta me deixa ansiosa, até mesmo a limpeza da casa anda deixando a desejar, e pra mim isso dói muito. Mas cada dia um passo vai sendo dado e eu sei que vou chegar lá. Vamos, todos nós. Como está a casinha de vocês nesse começo de ano?

Curtido por jeanemoraesarte e outras 6.467 pessoas

4 DE JANEIRO



**faxinaboa** • Seguindo  
Limão

**faxinaboa** Usando batom em casa pq né? Na rua só de máscara...tão se arrumando pra ficar em casa? Momentos de um cuidado, um carinho e se sentir bonita ajudam muito quando a gente tá tristinha, né? Se bem que logo logo eu espero ter boas notícias pra contar sobre o Panda! #autoestima #cuidardequemcuida #batomvermelho #gravidaelinda

30 sem

arbima.94 Deu tudo certo com a escola do Panda? Quería saber se a casinha tá pronta... Grande abraço

Curtido por marioncaixa e outras 6.005 pessoas

18 DE FEVEREIRO

Adicione um comentário... Publicar



**faxinaboa** • Seguindo  
Em Algum Lugar Do Passado

**faxinaboa** Mandar um #tbt de uma tarde de sábado no Sesc Bom Retiro fingindo que ia levar o Panda pra brincar mas quem brincava mais era eu mesma hahahahaha tinha dificuldade pra me levantar por conta da obesidade mórbida, nessa época (2012/2013) e nesse dia que precisei pedir ajuda pra levantar quase sem ar depois de brincar alguns minutos decidi buscar ajuda médica, e em 2013 fiz a cirurgia bariátrica passando de 120kg para 60kg. Tenho 1,50m de altura e isso fez uma diferença absurda na minha qualidade de vida, apesar de todas as consequências da cirurgia: ter que tomar vitaminas pro resto da vida, ter que cuidar da saúde de forma bem específica e lidar com a perda estético...

Curtido por georgiapadiar e outras 6.436 pessoas

11 DE MARÇO



**faxinaboa** • Seguindo  
radio Brasil 2000

**faxinaboa** HOJE É DIA DO RÁDIO 🇧🇷  
♥️ talvez você não saiba, mas eu fiz parte do Programa Garagem na rádio Brasil 2000 por alguns anos, onde meu apelido era Destemida Veronica (combina, né?) e foram seis anos de aprendizado com pessoas que eu sempre admirei: Álvaro Pereira Júnior, André Barcinski, Paulo César Martim, André Forastieri além de toda a equipe e convidados que passaram pelo programa. Foi incrível demais e pelas risadas com o Álvaro vcs podem ver que a gente se divertia muito! Ouça...

Curtido por marioncaixa e outras 3.130 pessoas

13 DE FEVEREIRO

Adicione um comentário... Publicar

Posicionamento social



**faxinaboa** • Seguindo  
Big Brother Brasil

**faxinaboa** Eu não conhecia o Lucas, não sabia da caminhada dele nem nada. Como a maioria das pessoas, mal começou o BBB já tava acabando ele um cara ruim, e pouco depois torcendo pra ele vencer o programa. Mas tudo o que aconteceu com ele acontece com pessoas da periferia e com pessoas negras o tempo todo. Ver sua luta deslegitimizada, sua capacidade...

Curtido por marioncaixa e outras 8.674 pessoas

7 DE FEVEREIRO

Adicione um comentário... Publicar

Categoria Profissional

Trabalho doméstico



faxinaboa • Seguindo Surto

faxinaboa • Obrigada @meltedvideos por resumir a minha vida. #faxina #surto #limpeza #meltedvideos #faxinaboa

24 sem

melina.serra @kktinha 24 sem 1 curtida Responder

— Ver respostas (1)

joaovitorrodrigues08 @duda\_ssartori 🤔assim msm

Curtido por maidallagnol e outras 6.933 pessoas

27 DE MARÇO

Adicione um comentário... Publicar



faxinaboa • Seguindo Muita Treta

faxinaboa • JOGO DA DISCÓRDIA

Espaço liberado para você colocar pra fora a treta e a raiva: eu começo!!!! QUEM TIRA O SAQUINHO DO LIXO, LEVA ATÉ A LIXEIRA E ESQUECE DE COLOCAR UM SAQUINHO NOVO AAAAAAAAAA (sim, são meus filhos hahahahahahaha) e vc? O que causa a discórdia aí na sua casa???

#jogodadiscordia #casalimpa #saquinhodelixo #treta #maeadolescentes

31 sem

Curtido por marioncaixa e outras 4.983 pessoas

8 DE FEVEREIRO



faxinaboa • Seguindo Caos!

faxinaboa • 🤔URURUUUUUU🤔

Eu queria morar na casa dos sonhos da assepsia, com cheiro de consultório odontológico, que as unhas do Panda estivessem sempre cortadas e que meus filhos nunca me deixassem doida e o molho não caísse na brusa e eu não gritasse e chorasse tanto, mas a real é: a louça da janta ainda não foi lavada, já gritei hoje mais que o Chester no primeiro disco do Linkin Park, tive uma crise, deu ruim um exame importante que preciso fazer e eu quero deitar e chorar mais. Eu sei que tá tudo bem, mas minha cabeça insiste em dizer que tá tudo errado 🤔as mães, mulheres, trabalhadoras brasileiras estão

Curtido por sizzilverio e outras 6.503 pessoas

23 DE FEVEREIRO



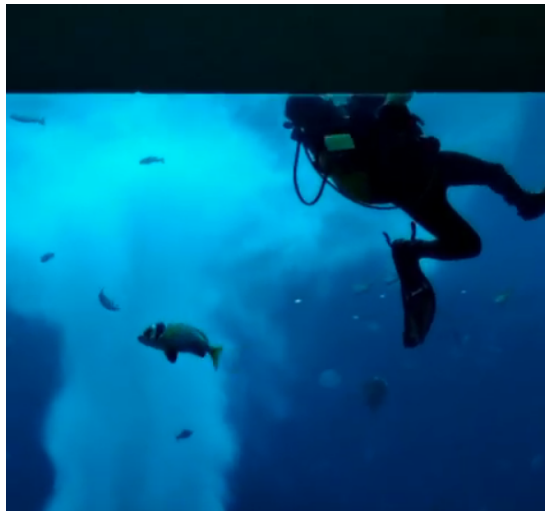


**faxinaboa** • Seguindo  
Toca Do Rato.

**faxinaboa** • RATO MEU QUERIDO RATO EU QUE SOU ASSIM DE FINO TRATO PRA SELAR ESSE CONTRATO...eu não consigo parar de pensar no rato morando na casa do BBB, desculpa gente. Dica: lixeiras abertas atraem ratos, cheiros fortes como cravo da Índia, pimenta Caiena e óleo essencial de eucalipto afastam ratos. Se o bicho fez ninho na sua casa -fedeu o ideal é chamar uma empresa

78.941 visualizações  
25 DE FEVEREIRO

Adicione um comentário... [Publicar](#)



**faxinaboa** • Seguindo  
Lavando a Alma

**faxinaboa** • Tem uns trampo muito louco, né? Meu amigo chiquêrrimo @brunoscarto mandou um vídeo do aquário "The Lost Chambers Aquarium" em Dubai e daquele momento que a gente não repara muito: a limpeza do vidro do aquário POR DENTRO 🤔o funcionário com a esponjinha dando um trato, me lembrou um dia em que uma cliente MANDOU eu lavar os vidros da área externa da casa no meio da chuva, me senti esse cara aí kkkkkryjng. Depois dessa não quero ver ninguém reclamar de limpar o box do banheiro, ok???? #faxinaboa #limpezadevidros #dubai #trampodifícil #aquario

18.695 visualizações  
8 DE JANEIRO

Adicione um comentário... [Publicar](#)



**faxinaboa** • Seguindo  
Tristeza Sem Fim

**faxinaboa** • Vi isso rolando em outra rede social. Juro que as pessoas estavam aplaudindo e apoiando a "iniciativa amorosa" do empregador benevolente que OLHEM SÓ deixou a babá comer no dia DO ANIVERSÁRIO DELA a comida que ELA MESMA fez. Tou aqui ainda pensando que babá nem tem que cozinhar afinal de contas ela não é cozinheira, mas isso fica pra outro post. Isso diz muito sobre quem somos e como vemos as pessoas que prestam serviços pra nós. Ainda há muito que se avançar enquanto sociedade. #valorizeotrabalhodoméstico #prestacaodeservicos #valordotrabalho #faltadeempatia #trancito

Curtido por luiza\_raupp e outras 33.079 pessoas  
20 DE FEVEREIRO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

Fiz uma faxina na quarta feira passada , uma casa que eu já tinha limpado algumas vezes.  
 É uma casa grande e tem 5 banheiros. Enfim fui fazer essa faxina , porque preciso trabalhar, estou parada. Só que a então senhora que pediu pra eu fazer a faxina, disse que iria depositar o dinheiro no dia seguinte , isso na quinta então né.  
 Só que já faz mais de uma semana desde a faxina e ela ainda não depositou.  
 E eu mando mensagem e ela fica me enrolando.  
 Fico pensando , oque faz uma pessoa agir assim né?!  
 Em tempos tão difíceis como esse, a pessoa agir de má fé.  
 Eu estou chateada demais , a casa estava podre de suja, eu lavei a casa inteira!  
 Detalhe : o valor da faxina nessa casa com 5 banheiros pra lavar , e toda suja . É o valor absurdo de R\$ 150,00!



**faxinaboa** • Seguindo  
 Vem no soco

**faxinaboa** • CADÊ O RESPEITO????

Recebi essa mensagem e me lembrei de quantas vezes me aconteceu esse tipo de coisa...em dias de maior perrengue isso podia significar dormir sem jantar depois de trabalhar que nem condenada, ou atrasar o pagamento de um boleto. Agora mais que nunca precisamos estar do lado uns dos outros, nos cuidar e não tirar proveito de quem está apenas lutando pra se manter. E na boa: se não tem condições LIMPE VC MESMO/A SUA CASA, DISGRASSA. (Post feito com a autorização da autora da mensagem)  
 #faxina #respeito #prestadoresdeserviços #faxinaboa #mamata

Curtido por **jadegdaroit** e outras **13.981** pessoas  
 25 DE MARÇO

Adicione um comentário... **Publicar**

**faxinaboa** • Seguindo  
 SOS Torneiras

**faxinaboa** • E VAMOS DE POLÊMICA NO SÁBADO À NOITE? 🗣️

Aumentou o número de pessoas aqui e com isso chegaram muitos seguidores do sexo masculino, antes não eram 2% e agora são 16% e então chegou a hora de falar sobre uma coisa que sempre dá treta: BANHEIRO MASCULINO É MAIS SUJO? ( ) sim ( ) claro

Curtido por **jadegdaroit** e outras **12.031** pessoas  
 20 DE MARÇO

Adicione um comentário... **Publicar**

**faxinaboa** • Seguindo  
 Procurando Minha Paciência

**faxinaboa** • AQUI EM CASA INAUGURAÇÃO DO CURSO PRESENCIAL! E na casa de vcs, tá precisando???? Socorrrrrr será que cai a mão do adolescente brasileiro se fizer UMA COISA???? Risos nervosos. Tou ligada que não é só a mãe de adolescente que sofre não. A mulher casada também 🗣️ conta aí se vc já inaugurou as aulas e SE TÁ DANDO RESULTADOS (aqui não, minha didática deve estar ruim) 🗣️🗣️🗣️🗣️ #faxinaboa #aulapresencial #casalimpa #dramadefamilia #maeadolescente #nervouser

27 sem

+

51.914 visualizações  
 11 DE MARÇO

**CIÊNCIA E SAÚDE**

## Capacidade respiratória diminui em mulheres que fazem faxina regularmente

O efeito, não verificado em homens, equivale a fumar um maço de cigarro por dia, segundo estudo

### Que tipo de vibe eu transmito?

		
robô aspirador	mop	misturinha de limpeza
		
vassourão de palha	rodinho spray	esponja de melamina



**faxinaboa** • Seguindo  
Saúde e bem estar

**faxinaboa** • Tem um bocadinho de gente nova por aqui e eu sei que nem todo mundo olha os posts antigos, então tou aqui pra mais uma das crônicas da faxina e lembrar vcs que anos atrás eu tive um acidente de trabalho por conta da mistura de limpa pedra e água sanitária, ocasionando uma queimadura de nariz, garganta e pulmão, um tratamento que levou mais

Curtido por **jadedgaroit** e outras **11.037** pessoas

10 DE MARÇO

Adicione um comentário... **Publicar**

**faxinaboa** • Seguindo  
Limpinha

**faxinaboa** • COMENTA AÍ QUE EU TOU CURIOSA!!! E qual a sua vibe???? #faxina #meme #vibe #gadgets

27 sem

keyci\_g Misturinha kkkkkk  
27 sem Responder

c\_antaires Robô aspirador: inovadora  
27 sem Responder

brancaleneri Mon

Curtido por **jadedgaroit** e outras **3.266** pessoas

9 DE MARÇO

**faxinaboa** • Seguindo  
Limão

**faxinaboa** • VOCÊ GOSTA DE CAFÉ? Deixa eu contar mais uma daquelas histórias doidas: eu não gostava de café até os 38 anos de idade, sei lá pq. Depois de começar a fazer faxinas eu comecei a me apaixonar pelas máquinas de café em cápsulas, e PASMÉM: as pessoas escondiam as cápsulas pra faxineira não tomar o café "pq é caro". Socorrerrrr. Quando eu descobri que tinha chás e achocolatados eu quis ter a minha própria, e claro, tinha clientes legais também, não só os doidos kkkkkk e me ensinaram a usar as máquinas e até a escolher os cafés mais gostosos, e passei a tomar café! Quando me divorciei meu ex levou a máquina que tinha em casa, então

Curtido por **joycersoares** e outras **8.156** pessoas

3 DE MARÇO

Adicione um comentário... **Publicar**



**faxinaboa** • Seguindo  
Limão

**faxinaboa** O que vcs fazem quando estão ansiosos?

EU LIMPO! ✨ Enquanto estou focada em achar marcas de dedos nas paredes ou sujeirinhas aleatórias a mente vai se desligando dos problemas e eu vou me acalmando tanto pelo resultado da limpeza quanto pelo cansaço dos movimentos. Tenho boas ideias enquanto vou limpando, as vezes tenho que parar pra anotar mas tudo bem hahahahaha mas o importante é que serve como uma meditação, um exercício tanto mental quanto físico. Aliás minha criatividade aflora em dois momentos: na faxina e no banho. E com que contatos assim? #faculdade

Curtido por **jadegdaroit** e outras **11.508** pessoas

17 DE FEVEREIRO

Adicione um comentário... **Publicar**



**faxinaboa** • Seguindo  
São Paulo, Brazil

**faxinaboa** COMO EU CONSEGUI CLIENTES?

Quando a gente pensa em ter um negócio quer logo conquistar muitos clientes mas nem sempre sabe como fazer isso de forma eficiente. A primeira pessoa que atendi era amiga, a segunda e terceira também. Eles estão próximos e são pessoas ideais pra te orientar de forma bacana onde vc tá errando e acertando. Os anúncios vieram depois...e eu pensei em como queria ser vista: como uma pessoa (e mó legal, diga-se de passagem) e isso me aproximou. Mas olha: se eu não tivesse estruturado meu negócio pra ser diferente também não ia adiantar nada fazer propaganda apenas. Muitos dos meus clientes eram indesejáveis!

Curtido por **tamaralombardi** e outras **2.374** pessoas

5 DE JANEIRO





**faxinaboa** • Seguindo  
Sapato VELHO

**faxinaboa** SENTA QUE LÁ VEM A HISTÓRIA  
Quem faz faxina vez ou outra recebe "doações e presentinhos" das clientes. Não, isso não é ruim. Muitas vezes ganhei roupas, comida, cadernos, brinquedos enfim...mas uma vez uma pessoa me deu um par de sapatos. Eram bonitos, mas um dos saltos estava faltando e o bico estava

23 DE JANEIRO

Adicione um comentário... [Publicar](#)



**faxinaboa** • Seguindo  
Selokooooooooo

**faxinaboa** CONVERSANDO COM O CLIENTE // COMEÇANDO A LIMPAR A CASA DELE #bbb #realidade #faxina #seloko

32 sem

eujulicruz Hahahahaha morri 😂😂

limpex33 🔥🔥🔥🔥

aioiocarvalho @iob3ria

81.061 visualizações

1 DE FEVEREIRO

Adicione um comentário... [Publicar](#)



**faxinaboa** • Seguindo  
Renascimento

**faxinaboa** Eu não falei absolutamente uma palavra sobre o caso da Madalena, que foi resgatada em MG trabalhando em regime análogo à escravidão. Eu estou cansada de casos assim. Eu quero retratar nossas vitórias, então gostaria de mostrar a Madalena hoje, livre e feliz. É isso que importa pra mim. #vidanova #felicidade #madalena #trabalhoescravo #superação


31 sem

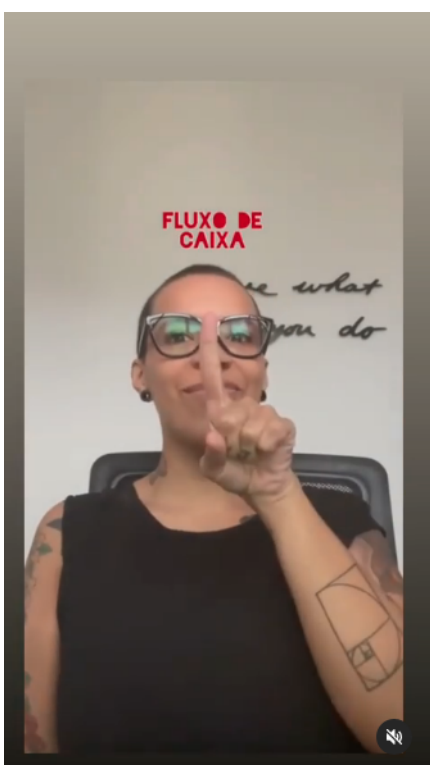
alessandradd12 Essa na foto ao lado. A Eira

Curtido por claudiatramontt e outras 32.269 pessoas

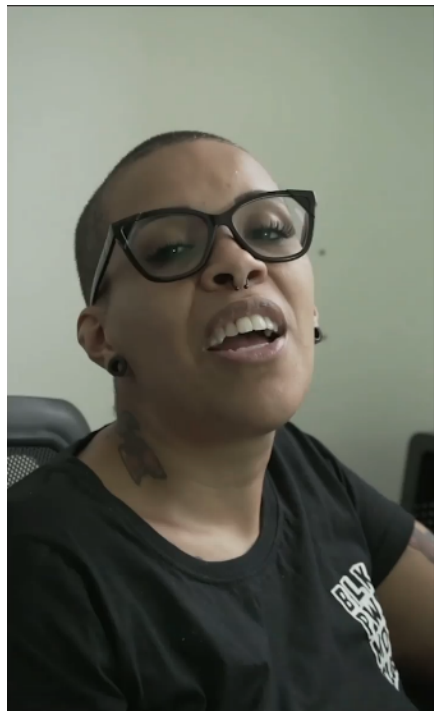
6 DE FEVEREIRO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

	 <p><b>Veronica Oliveira</b> @faxinaboa</p> <p>Se vc lavou a louça mas deixou a pia suja, vc não terminou de lavar a louça.</p> <p><b>faxinaboa</b> • Seguindo Casa Limpa</p> <p><b>faxinaboa</b> NÃO ESTAMOS ABERTOS À DISCUSSÃO HAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHA mas marca aqui aquela pessoa que precisa de um toque: #faxinaboa #faxina #cozinhalimpa #pia #louça #começounãopara</p> <p>32 sem</p> <p>professorathays2017 Minha filosofia de pia 🤔🤔🤔🤔</p> <p>28 sem Responder</p> <p>haicarnie SIM</p> <p>Curtido por jadegdaroit e outras 35.428 pessoas</p> <p>3 DE FEVEREIRO</p> <p>Adicione um comentário... Publicar</p>
--	--

<p>Empreendedorismo</p>	 <p><b>faxinaboa</b> • Seguindo Engelwood, Jeff Kaale • Moonlight</p> <p><b>faxinaboa</b> Por que abrir uma conta MEI Bradesco? Porque se formalizar é importante e abrir uma conta MEI Bradesco é super fácil, dá pra fazer pelo app e são vários benefícios que te ajudarão a cuidar bem do seu negócio ❤️ e ter um parceiro como o @bradesco nessa jornada empreendedora vai te levar longe! Vem com a gente! Quer saber mais? acesse o portal MEI Bradesco neste link: <a href="https://bit.ly/3ieDb9E">https://bit.ly/3ieDb9E</a>. #sejaMEI #AbraSuaContaMEI #ContaMEIBradesco #SouMeiBradesco #publi</p> <p>34 sem</p> <p>Curtido por ollytoys e outras 4.967 pessoas</p> <p>18 DE JANEIRO</p> <p>Adicione um comentário... Publicar</p>
-------------------------	--

Empoderamento



**faxinaboa** • Seguindo ...

**faxinaboa** • Minha jornada empreendedora.

Estou aqui contando minha história e como me formalizar foi essencial para o crescimento do meu negócio. Ter um parceiro financeiro fez toda a diferença e me trouxe diversos benefícios! Assista o vídeo e acesse [mei.bradesco](https://mei.bradesco). #sejaMEI #AbraSuaContaMEI #ContaMEI #SouMeiBradesco #publi

35 sem

**roxanalvarela** Dica ótima! Parabéns! 🍌🍌

35 sem Responder

50.569 visualizações

11 DE JANEIRO



**faxinaboa** • Seguindo ...

**faxinaboa** • Apoiar o empreendedorismo feminino comprando de mulheres muda o mundo! Você já conhece o #compredelas, movimento do Facebook com o @lafazhistoria que enfatiza a importância de movimentar negócios femininos, pois apoiando uma mina você ajuda a abrir espaço para mais mulheres começar também! E olha que lindas: todos esses cartazes foram feitos por mulheres! Se liga nos stories que eu conto um pouco mais! #publi

26 sem

Curtido por cristinaoliveira e outras 1.018 pessoas

15 DE MARÇO

Empoderamento



**faxinaboa** • Seguindo ...

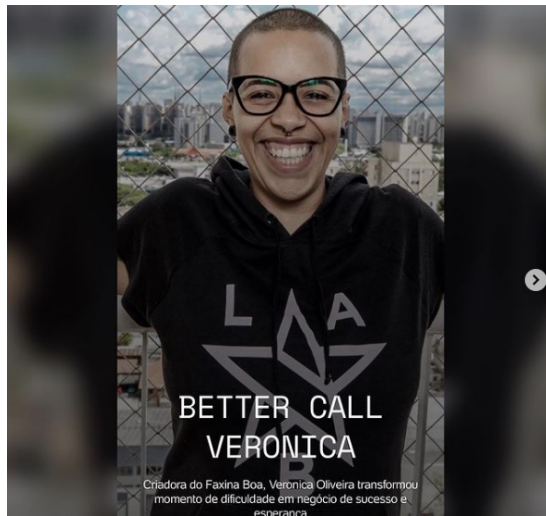
**faxinaboa** • Vocês viram que meu livro tá com desconto no site da @latitudelivros? Vou deixar o link na bio pra vcs clicarem e poder rir e chorar e pensar um pouquinho nesse mundo doido onde a gente vive e como a minha história de vida também é doida! Na tou pensando aqui se devo comer um segundo livro, o que acham? #faxinaboa #biografia #desconto #leiamulheresnegras #empreendedorismofeminino #saudental #mercadodetrabalho #superação #vidaloka #promoção

26 sem

Curtido por marimoon e outras 5.617 pessoas

12 DE MARÇO





**faxinaboa** • Seguindo  
São Paulo, Brazil

**faxinaboa** • Hoje saiu uma matéria para o "Ecoa" do Uol que ficou lindíssima! Obrigada Camilla de Freitas pela entrevista e @marianapekin pelas fotos incríveis! Vou deixar o link na bio!! #ecoa #uol #reportagem #faxina #trajetória #empreendedorismo #vidareal #maternidadereal

27 sem

+

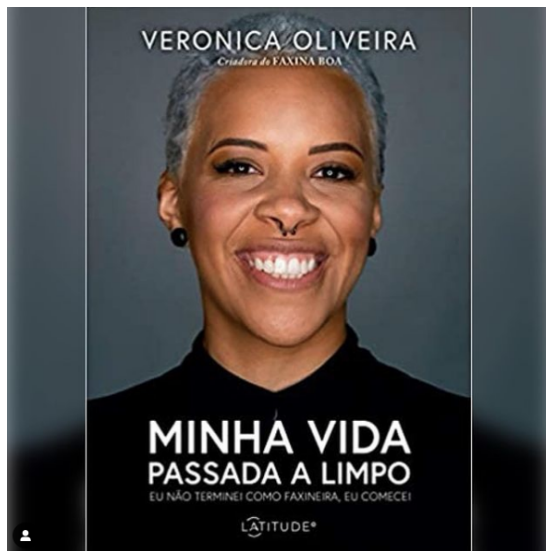
**valquiriasoaresdematos** Verdade 🍌🍌🍌

27 sem Responder

👍🗨️📌

Curtido por **georgiapadiar** e outras **5.380** pessoas

7 DE MARÇO



**faxinaboa** • Seguindo  
Mulheres Poderosas

**faxinaboa** • VC JÁ LEU MEU LIVRO? 📖❤️👍

Além de contar um pouco da minha história (livin la vida loca) eu abordo em paralelo diversos temas, desde mercado de trabalho, assédio, solidão, saúde mental e o desejo (sei lá, me falem se deu certo) é fazer no fim da leitura vc sentir que tem força pra recomeçar e que sempre é tempo pra ser feliz. Do jeito que for, da forma que der. O prefácio é da @donajacia e a quarta capa por @astridfонтенelle! Quem já leu, conta aqui como se sentiu! Quem não leu, aproveita que tá com desconto na Amazon e o link tá na bio! A edição é da @latitudelivros e a foto da capa (pq choras, Michele Obama?) é da @guyana

👍🗨️📌

Curtido por **manueladavila** e outras **6.339** pessoas

19 DE FEVEREIRO

😊 Adicione um comentário... [Publicar](#)



**faxinaboa** • Seguindo  
São Paulo, Brazil

**faxinaboa** • VEM VOAR, GENTE!!! 🦋

📅Dia 11 às 21h00 estarei ao vivo com a @andrewerner\_ do @lagartavirapupa falando sobre como usar a internet para alavancar seu negócio! Sabemos que nesse momento estamos precisando nos renovar e ser criativos, vamo lá que eu te conto um pouco de como eu fiz e te dar umas dicas! Você pode se inscrever no: [www.lagartavirapupa.com.br/mulherepravoar](http://www.lagartavirapupa.com.br/mulherepravoar) #institutoagartavirapupa #empreendedorismofeminino #mulheresempreendedoras #mulherepravoar #apoiemaempreendedora

28 sem

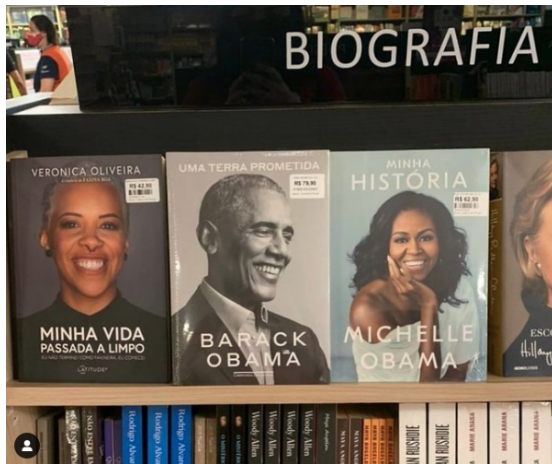
👍🗨️📌

Curtido por **deagatti** e outras **1.738** pessoas

4 DE MARÇO

😊 Adicione um comentário... [Publicar](#)





**faxinaboa** • Seguindo  
Residencia Presidencial

**faxinaboa** • BROTHER OF THE SKY!  
A referência quando escolhi a foto da capa do meu livro claramente foi a biografia da Michele Obama, mas ver ali a minha carinha do lado do casal me deu uma sensação que não sei nem explicar! A imagem é da livraria Leitura de Campinas, enviada pela @schonerwald\_duda renovou todas as minhas forças e me lembrou que essa caminhada tem sido longa e cheia de histórias incríveis (que pode virar...)

1 DE MARÇO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

Educação e ensino



**faxinaboa** • Seguindo  
Perceria paga com anhangueraedu São Paulo, Brazil

**faxinaboa** • Você não precisa escolher entre ON e OFF na Anhanguera! No semipresencial você estuda onde quiser mas também vai na unidade pras aulas práticas e encontrar a galera! Ainda tem um ano gratuito da plataforma de streaming E3flix, e olha só: pagando o equivalente a um cafezinho por dia!!! Se inscreve no vestibular on line da @anhangueraedu que aqui é #PraTodoMundoPoder

33 sem

**ilujaosue** ONLAINE E ESTUDIOSAH

33 sem 2 curtidas Responder

Ver respostas (1)

28.958 visualizações

26 DE JANEIRO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

**faxinaboa** • Seguindo  
Parceria paga com anhangueraedu  
São Paulo, Brazil

**faxinaboa** Você é desses que faz aquelas simpatias malucas na virada do ano pra ter um emprego novo ou ganhar mais dinheiro? Olha, te falo que essas essas simpatias vão dar certo se você estudar! Então, vem pra Anhanguera e aproveite as bolsas de estudos a partir de 40% de desconto! Inscreva-se e faça a prova agora mesmo em anhanguera.com.

\*Consulte condições em [vestibulares.com.br/regulamentos](http://vestibulares.com.br/regulamentos)

35 sem

22.575 visualizações  
14 DE JANEIRO

**faxinaboa** • Seguindo  
Parceria paga com anhangueraedu

**faxinaboa** Quer coisa melhor que entrar na faculdade? É entrar na faculdade pra estudar algo que hoje abre mais vagas de emprego no mundo!!!! Pra aprender tecnologia de maneira descomplicada e sem deixar a qualidade de lado, a @anhangueraedu criou a Academia Tech, uma plataforma que reúne os cursos de tecnologia mais valorizados do mercado e aprovados pelas maiores empresas do se!!!! Já estão se vendo os reis da tecnologia, não é mesmo? Então corre e vem conhecer a Academia Tech e esteja pronto para o futuro. <http://academia-tech.anhanguera.com>

24 sem

9.764 visualizações  
29 DE MARÇO

Adicione um comentário... [Publicar](#)